

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
COORDENAÇÃO GERAL DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

MAURO JOSÉ ALVES DE AZEVEDO

**RITUAIS CATÓLICOS E SUA CONEXÃO COM A VIOLÊNCIA NO
FUTEBOL DE VÁRZEA RECIFENSE**

RECIFE / 2012

MAURO JOSÉ ALVES DE AZEVEDO

**RITUAIS CATÓLICOS E SUA CONEXÃO COM A VIOLÊNCIA NO
FUTEBOL DE VÁRZEA RECIFENSE**

Dissertação para defesa pública, como requisito
para obtenção do título de Mestre, no Mestrado
em Ciências da Religião da Universidade
Católica de Pernambuco

Área de Conhecimento: Ciências Humanas

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alencar Libório

A994r

Azevedo, Mauro José Alves de
Rituais católicos e sua conexão com a violência no futebol
de Várzea recifense / Mauro José Alves de Azevedo ; orientador
Luiz Alencar Libório, 2012.
107 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Pró-reitoria Acadêmica. Programa de Mestrado em Ciências da Religião,
2012.

1. Religião e sociologia. 2. Ritual. 3. Futebol. 4. Identidade.
5. Violência. I. Título.

CDU 2:301

MAURO JOSÉ ALVES DE AZEVEDO

**RITUAIS CATÓLICOS E SUA CONEXÃO COM A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL
DE VÁRZEA RECIFENSE**

Recife (PE). ____ de ____ de 2012

Banca Examinadora

Prof. Dr. Luiz Alencar Libório (UNICAP)

(Orientador)

Prof. Dr. Antônio Roberto Rocha Santos (UFPE)

(Avaliador externo)

Prof. Dr. Antônio Raimundo Souza Mota (UNICAP)

(Avaliador interno)

DEDICATÓRIA

A todos aqueles que de uma maneira ou de outra estão no campo enfrentando e driblando situações difíceis.

Em especial aos atletas varzeanos, que em situações desfavoráveis encaram o jogo da vida driblando problemas e fazendo seus gols de placa.

AGRADECIMENTOS

Ao Sagrado por todas as manifestações de ajuda naqueles momentos difíceis.

A Maria da Conceição (Inha), minha irmã, que me orientou nos primeiros passos do conhecimento, assim como minha mãe e meu pai.

A Márcia Cláudia e Maíra Matias, esposa e filha respectivamente, pelas suas compreensão e paciência.

Aos colegas do mestrado pelos bons momentos de debate, sempre engrandecedores.

Ao orientador Professor, Dr. Luiz Alencar Libório, pela sua paciência e dedicação que me fizeram atingir este objetivo.

Aos Professores, Doutores, Antônio Roberto Rocha Santos e Antônio Raimundo Souza Mota pelas suas participações que me fizeram atingir este objetivo.

Aos funcionários administrativos do Bloco G4, que sem eles cada objetivo não seria alcançado.

Aos atletas varzeanos, que com muita boa vontade serviram a este trabalho.

Desejo

Que a bola não seja apenas chutada como um traste jogado fora, mas conduzida e abençoada

Que o corpo não seja um pacote cheio de excrementos, mas que seja um universo harmônico de outro universo

Que o drible não sirva de provocação, mas que dê brilho a um espetáculo dançante

Que as traves e as redes não sirvam de armadilhas vis, mas de metas longínquas de sucesso

Que o campo de barro ou de grama, não seja apenas um mero espaço oco, no vácuo, mas que seja ali onde as diversas atitudes de fé se manifeste

E que as cores se misturem gerando uma luz que guie o ser humano para a eterna paz.

Mauro Azevedo

RESUMO

Pensar o tema Rituais Católicos e sua conexão com a violência no futebol de várzea recifense, a partir dos dados coletados com atletas da referida região, situados no campo do bueirão (Torre), campo do cacique (Zumbi) e campo de Córrego da Gameleira (Córrego da Gameleira), constitui o alvo deste trabalho. Como um meio de compreender e analisar até que ponto o atleta que pratica os rituais cristãos católicos antes, durante e depois da partida utiliza seu corpo em ações de violência que destoam daquela natural do esporte. O procedimento metodológico da nossa pesquisa é qualitativo e descritivo, através de método empírico e com dados coletados a partir de entrevista estruturada. Nas entrevistas os Atletas de várzea reconheceram que mesmo praticando os rituais cristãos católicos, motivos exteriores ao ambiente da contenda os levam a agir com violência contra seus adversários. Na prática esportiva futebolística varzeana estão presentes dificuldades sócio econômicas e rituais cristãos católicos que passam nas suas vidas como demonstrativos de sua fé no sagrado.

Palavras-chave: Ritual, Futebol, Corpo, Violência, Identidade e Práticas sociorreligiosas.

ABSTRACT

Rituals Catholics think the theme and its connection with violence in football floodplain Recife, from data collected with athletes from that region, situated in the Field do bueirão (Torre), the cacique field (Zumbi) and field of the Stream of Gameleira (Stream Gameleira), is the target of this work. As a means to understand and analyze the extent to which the athlete practicing Catholic Christian rituals before, during and after the game that uses your body for acts of violence that clashes that natural sport. The methodological approach of our research is qualitative and descriptive, using the method and empirical data collected from structured interviews. In the interviews the athletes floodplain recognized that even practicing Catholic Christian rituals, reasons outside the environment of the dispute led to act violently against their opponents. In sports football varzeana difficulties are present socio economic and ritual in the Catholic Christians who spend their lives as a demonstration of their faith in the sacred.

Keywords: Ritual, Football, Body, Violence, Identity and socio religious practices.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 RITUAIS CATÓLICOS NO FUTEBOL DE VÁRZEA RECIFENSE	
1.1 Rituais.....	14
1.2 Rituais católicos.....	19
1.2.1 Liturgia cristã.....	22
1.2.2 O lugar da celebração.....	25
1.2.3 O ritual e o corpo.....	26
1.3 A várzea.....	28
2 CORPO COMO INSTRUMENTO DE VIOLÊNCIA NO FUTEBOL	
2.1 A história do corpo primitivo.....	31
2.2 O corpo em práticas esportivas entre os gregos	35
2.3 O corpo na Idade Média.....	39
2.4 O corpo no Renascimento.....	43
2.5 O corpo na Idade Moderna capitalista.....	47
2.6 O corpo e suas expressões.....	50
2.7 A violência no futebol.....	56
2.7.1 Raízes do futebol – Enfoques históricos.....	56
2.7.2 O futebol aparece no Brasil.....	62
2.7.3 O corpo e a violência no futebol.....	69
3 RITUAIS CATÓLICOS E A OCORRÊNCIA DA VIOLÊNCIA NO FUTEBOL	
3.1 Atletas de várzea e seus rituais católicos	75
3.2 Atletas de várzea: motivações e suas ações violentas.....	85
3.3 Justificando a violência e sugerindo soluções.....	90
CONCLUSÃO.....	96
REFERÊNCIAS.....	99
APÊNDICES.....	105

INTRODUÇÃO

As crenças e os ritos fazem parte do pensamento religioso humano e estas surgem como representações da natureza das coisas sagradas. O ser humano obedece a regras de conduta das coisas sagradas e assim se livra dos problemas de sua existência.

Na sua prática ritualística, o homem, e neste caso o jogador de futebol de várzea sai de seu tempo, invade, ocupa um vazio, abandona seu espaço para chegar ao infinito. Cria e imita características da divindade tentando identificar-se com ela.

Dentro da prática religiosa, o ritual destaca-se, tem repercussão social pela maneira de sua organização e são partes dos estudos científicos sociais antropológicos reproduzindo relações sociais implicitamente.

O rito em virtude de sua forma codificada, segundo Segalen:

Tem o poder de conferir um ar de tradição aos materiais sociais, sejam eles antigos ou novos. A ideia de tradição se articula a comportamentos cuja repetitividade fornece um quadro à intelegibilidade compartilhada dos fatos.”
(SEGALLEN, 1999. p.91)

Nos rituais, os rituais católicos merecem atenção por estarem numa Igreja cristã milenar. O termo católico teve seu primeiro registro no ano 105 da era cristã e significa universal. É o cristianismo na prática, feito em vida e em história, expressão de fé comunitária.

Quanto a prática litúrgica, de culto religioso católico, como: orações (*Pai Nosso*), gestos (*Sinal da Cruz*), missas, sacramentos, etc. aparece como obra do povo, serviço prestado ao povo.

A liturgia cristã católica atravessou o tempo histórico com princípios fundamentais transmitidos de uma geração para outra.

Presentes na liturgia estão ações gestuais em que o corpo, este ambiente de fé e rito, se mostra como praticante. São eles: o *Sinal da cruz*, *ajoelhar-se e ficar de pé com as mãos abertas com as palmas voltadas para o céu*. O primeiro representando a fé na *Santíssima Trindade*, o segundo a *humildade* e o terceiro a *meditação*. Tudo aparece dentro de um campo religioso cristão católico que os atletas de várzea, presentes nesta pesquisa, fazem.

A várzea se apresenta como um lugar geograficamente plano, baixo, próximo a um rio ou riacho. Sociologicamente, é um ambiente em que os moradores são vítimas da prática de uma política excludente, com moradias desconfortáveis, pouco saneamento e mesmo assim há uma resistência dos familiares ali residentes.

É neste espaço, no campo de várzea, que o campo de futebol em momentos específicos transforma-se em campo religioso e o corpo que joga, tem molejo, dança e dribla se mostra também, como um corpo religioso.

O corpo humano tem história. E dentro desta, há tempos remotos 1,2 milhões de anos o ser humano possuía uma estatura diminuta. Era o *Australopithecus afarensis* que

num processo evolutivo modificou-se se estendendo até o *Homo sapiens* vivido há 150 mil anos na África. Mãos, pés, dedos polegares, tronco e coluna vertebral deram durante o processo evolutivo novas maneiras, formas de adaptarem-se ao meio ambiente.

A história da civilização passa obrigatoriamente pelos gregos, pois estes influenciaram os povos, principalmente ocidentais, desde os jogos olímpicos que eram ~~como~~ como rituais religiosos, passando pela política e na prática filosófica como a ética.

Mas, com o corpo que os gregos se mostraram exímios atletas com treinamentos especiais para modalidades escalonadas de acordo com a idade.

Na Idade Antiga o corpo foi também visto de maneira ritualística e estética, mas foi na Idade Média sob influência religiosa cristã católica que ele era coberto, proibido e tido como mistério e até vítima de inquisição.

Antes motivo de proibição, agora no Renascimento o corpo passou a ser visto de maneira diferente. Artisticamente, sem roupa, com outro olhar de pudor, seus gestos são mais estéticos e científicos. A arte e a ciência privilegiam este olhar, que vai dotar o ser humano não só de um estudo, mas de um controle do Estado na Idade Moderna.

Para o capitalismo, a figura da religião não tem tanta legitimidade. O corpo é visto e explorado sem limites. O corpo é expropriado, explorado e ilimitadamente modelo de um regime econômico alienante. Mesmo com o capitalismo fazendo comércio com o corpo, este é um com o mundo e se expressa historicamente.

O corpo como mundo está no mundo. E um todo. Mas, são suas partes em movimento que lhe dão sentido. O *Pé*, no sentido freudiano com um “significado fálico”, a *Cabeça*, portadora dos quatro sentidos, como: visão, audição, olfato e o paladar; a *Mão*, a criar conhecimento; o *Joelho*, articulação que serve para dar demonstração de humildade.

Dentro da história humana sempre aconteceram competições, disputas e contendidas por diversos motivos, como: por alimentos, por terras, por dinheiro, etc. Nos esportes, o futebol é uma das mais antigas disputas.

Mesmo tendo nascido na Inglaterra, aproximadamente no século XV, há registros que na Mesopotâmia no século II a.C., em Roma no século III a.C., na Idade Média, os povos já realizavam o movimento de chutar um objeto semelhante ao que, hoje chamamos de bola. Diferenciando-se, entre eles, de acordo com sua cultura, sua regulamentação e o único objetivo era vencer o adversário chutando em direção ao gol.

Foi Charles Miller que, com a presença de sua família aqui no Brasil, tendo estudado na Inglaterra, trouxe o futebol no final do século XIX. Com regras específicas, uma bola, dois jogos de camisas, um par de chuteiras e uma bomba de ar para encher as bolas, Charles de forma lúdica, mas com disputas viris colocava o futebol, na chácara, nas ruas, nos colégios, nas várzeas e por assim dizer na cultura brasileira.

Além de ser lúdico, o futebol é um esporte viril, de disputa, de competição, em que o indivíduo busca a vitória frente ao adversário. Traz em si uma guerra simbólica e que nesta o corpo faz sua parte enquanto protagonista da cena belicosa.

O corpo aparece em ações violentas dentro do campo indo além dos atos, dos comportamentos permitidos pelas regras. Serve então como instrumento praticante de

agressividade nas quatro linhas tragando e expondo os conflitos do homem contemporâneo, assim como praticante de rituais cristãos católicos. Esta situação foi encontrada, trabalhada, sistematizada e demonstrada em pesquisa que aparece a seguir.

Assistindo aos jogos de futebol pela televisão e observando que alguns jogadores antes de iniciar a contenda faziam o *Sinal da Cruz*, ajoelhavam-se de mãos postas olhando para o alto, faziam círculos e oravam o *Pai Nosso* e que alguns destes movimentos corporais repetiam-se durante e após a partida futebolística. Observei também, que mesmo fazendo tais rituais cometiam violência que desmedia da esperada pelo esporte bretão, que na sua prática usa o corpo de maneira tão austera. Assim, surgiram perguntas, como: Por que ocorrem tais atos de violência, se celebraram os rituais antes das partidas de futebol? Por que, mesmo perdendo um gol, o atleta faz o *Sinal da Cruz*? Por que ficavam de joelhos, ao final da partida, orando o *Pai Nosso*?

Desta maneira, resolvi sistematizar nesta pesquisa o problema acima tendo como referencial os atletas de várzea e sua prática futebolística no Recife. Os objetivos, justificativa, metodologia e instrumentos empíricos são mostrados logo em seguida.

O objetivo geral de identificar os rituais católicos presentes antes, durante e depois das partidas de futebol nos campos de várzea recifenses; os objetivos específicos de identificar e citar os rituais católicos presentes no futebol de várzea recifenses; caracterizar o futebol de várzea recifense; confrontar teorias religiosas católicas dos atletas que justifiquem os rituais antes, durante e depois da partida de futebol; identificar as ações de violência presentes nas partidas de futebol nas várzeas recifenses e confrontar as teorias religiosas católicas dos atletas e a violência aplicada durante as partidas de futebol são contempladas na execução desta dissertação.

Após ser selecionado o acervo bibliográfico abrangendo os temas pertinentes a pesquisa, como: ritual, força, violência, Deus, corpo, limite, várzea, crença, católico, etc., a mesma em campo foi realizada logo em seguida.

Fizemos o uso do levantamento de dados demográficos e de um questionário misto usando um modelo de entrevista estruturada. Por meio desta, foi enfatizada a qualidade das respostas fornecidas pelos atletas de várzea recifenses. Os sujeitos presentes nesta pesquisa são 30 atletas de várzea moradores das circunvizinhanças dos bairros da Torre (Campo do Bueirão), do Zumbi (Campo do Cacique) e Córrego do Genipapo (Campo do Córrego do Genipapo), todos da cidade do Recife, no estado de Pernambuco, com idades entre 18 e 35 anos de idade, cristãos católicos e que atuam nas seguintes equipes União Esporte Clube, Caxangá Esporte Clube e Vasco Esporte Clube.

Vale lembrar que o Campo do Bueirão situado na Torre, outrora chamado de *Campo do Arte* nos anos 70 e que passou por modificações, pois o rio Capibaribe ali próximo uma vez dragado deslocou o campo para próximo do bueiro onde funcionava ali uma cerâmica durante os anos 60 e parte dos anos 70, dando nome ao atual espaço futebolístico. Já o Campo do Cacique, situado no bairro do Zumbi, nasceu próximo de um grande canal natural e que nos períodos chuvosos alagava toda a extensão e uma vez que as águas baixavam com alguns dias de sol a área ficava propícia para a prática do futebol. O Campo do Córrego do Genipapo, situado no bairro do mesmo nome tem no seu entorno algumas áreas que recebem águas pluviais no seu entorno e que canalizadas

deixam o campo bastante molhado só podendo ser praticado o futebol após alguns dias de sol.

Os instrumentos usados para a coleta de dados foram: a entrevista estruturada com questões pertinentes a: *identificação religiosa, ao significado de ser católico, e de como se tornou católico; quanto ao conhecimento dos rituais católicos e quais eles conhecem; a prática de rituais católicos antes, durante e depois das partidas de futebol e quais são; quais os objetivos na prática dos rituais católicos; qual a importância dos rituais católicos antes, durante e depois das partidas de futebol; se acredita que realizando os rituais católicos antes, durante e ao final das partidas de futebol, o que poderá acontecer com o atleta; porque ocorrem atos de violência durante a partida de futebol; quais são as ações de violência durante a partida de futebol; porque ocorrem atos de violência durante a partida de futebol, após a prática de rituais católicos;*

Dados sócio demográficos também foram levantados, como: *nome; idade; equipe que atua e religião.*

Também foi utilizada uma câmara fotográfica para registro de cenas referentes a pesquisa comportamental e os locais das partidas.

Numa análise qualitativa dos dados quantitativos, as entrevistas, realizadas individualmente com os atletas de várzea, algumas em suas residências e outras no local da partida, forneceram dados, que foram analisados e apresentados em gráficos para melhor visualização dos percentuais comportamentais presente nos objetivos e justificativas da pesquisa em que são confrontados com a pertença religiosa católica e as teorias que justificam suas práticas. A análise mencionada, foi realizada com a utilização dos procedimentos éticos de uma pesquisa científica.

1 RITUAIS CATÓLICOS NO FUTEBOL DE VÁRZEA RECIFENSE

1.1 Rituais

O pensamento religioso está marcado essencialmente por dois elementos que fazem parte da fé, que são eles as crenças e os ritos. As crenças religiosas são representações que expressam a natureza das coisas sagradas e as relações que estas mantêm, seja umas com as outras, seja entre elas mesmas e as coisas profanas. Já os ritos são regras de conduta que prescrevem como o homem deve se comportar em relação às coisas sagradas e como se desestressam ante os problemas existenciais. Mas também ocorrem em situações do cotidiano humano, como graduação acadêmica, acesso a um emprego novo, aniversário, festas natalinas, etc.

Em qualquer tempo ou lugar, a vida humana está sempre marcada por rituais e crenças e com o futebol não é diferente. O jogador como qualquer pessoa quando pratica um ritual sai do tempo cotidiano para penetrar no vazio, onde não há tempo, bem como abandona seu espaço para chegar ao infinito. Quando o ser humano ritualiza, seu corpo se mobiliza, se contrai e se expande, eleva e abaixa e se reúne e espalha-se, se emociona. Nos rituais, já não são as pessoas que realizam, parecem emergir de poderes além delas.

No Brasil, dentre os esportes praticados coletivamente, o futebol é o mais popular. É nesta prática esportiva que características presentes neste esporte perpassam a sociedade. Ou seja, é nesta modalidade que encontramos elementos presentes na dinâmica social. Uma destas características da dinâmica social é a religiosidade. Assim, futebol e religião estão ligados mimeticamente (processo pelo qual um ser se ajusta a uma nova situação), adapta, fortemente e atletas manifestam sua religiosidade cristã católica nos campos em atos ritualísticos.

O ritual “é cerimônia, atos e práticas próprias de uma cerimônia ritualística, comportamento repetido e sem sentido aparente, mantido por um indivíduo ou grupo”. (HOUAISS, 2001. p.2463)

O rito é uma palavra vinda do sânscrito *rita*, “ordem”, “regra”, “ritmo”, isto é, conjunto de atos repetitivos que se supõe estabelecer ou recuperar esta ordenação cósmica, humana. (FRANCO, 2007. p. 270)

Não podemos deixar de citar os gregos, quando tratamos deste tema. É que na antiguidade estes povos ritualizavam para homenagear seus deuses. Conta-se que para evitar que Zeus fosse engolido por seu pai Cronos, Reia refugiou-se na ilha de Creta e deu à luz. Para proteger seu filho, entregou-se aos cuidados dos curetes e das ninfas, que para abafar o choro do recém-nascido ritualizavam, protegendo o maior dos deuses.

Ainda na Grécia, celebravam Dionísio e Apolo com danças, artigos de beleza e musas. Para Zimmermann (2009, p.51):

O deus Dionísio está envolvido com êxtase e entusiasmo, também com a vegetação e a fertilidade. O ritual em sua honra é semelhante ao que celebrava o deus Osíris: ao centro, aquele que personificando o deus sofre com a vegetação, adoece, morre, ressuscitando depois para uma nova vida. Seus adoradores dançavam, participando do cumprimento de seu destino, sofrendo e alegrando-se com o deus.

Os Jogos Olímpicos eram rituais religiosos que homenageavam Zeus, o que fica demonstrado o aspecto espiritual na sua prática. Para McIntosh (1975, p.29-30), “o Festival Olímpico reunia poetas, atletas e havia um esforço estético, físico e espiritual ligados numa mesma e perfeita unidade de expressão, tendo ainda em si mesmo elementos de culto e de sacrifício religiosos.”

O homem imita as características da divindade no ritual, numa tentativa de identificação a ela. Desta forma, transforma-se no deus, ou melhor, o homem torna-se uno com a divindade.

Os jogos olímpicos desde os tempos antigos apresentam um entrelace com as cerimônias religiosas, constituindo uma parte do culto aos deuses. Eles apresentavam relação com as festas religiosas associadas à fertilidade da terra, a cultos fúnebres, bem como, constituíam uma parte da cerimônia religiosa. Segundo Cabral (2004, p.34):

Os antigos acreditavam que há uma relação dialética entre a vida e a morte: a terra morta faz nascer o novo broto; os jovens que participavam dos jogos retiravam sua força dos heróis mortos, em honra dos quais eles estavam competindo. O símbolo desta regeneração ininterrupta, da esperança nascida da força juvenil dos atletas e da vitalidade e alegria geradas pela competição, era a tocha sagrada de Olímpia, que ardia inextinguível dia e noite no *pritaneu* – salão da cidade.

Era no santuário de Olímpia, que tinha ligação com a Magna Grécia e com as colônias ocidentais e com o Oriente, onde eram realizados os jogos e os cultos com um caráter local, mas que com o passar dos anos e séculos foram ganhando a presença de

habitantes das cidades vizinhas. O santuário começou a crescer em importância e foi ornamentado com suas primeiras construções monumentais: “algumas ligadas ao culto e outras correspondiam ao crescimento às diversas necessidades organizacionais e administrativas do santuário.” (CABRAL, 2004, p.96)

Os eleios eram encarregados de uma das celebrações no santuário, que eram os Jogos Olímpicos. Além de que eles tinham a responsabilidade de estabelecer as competições atléticas, os rituais sagrados, conservar as áreas de competição e administrar o lugar.

Caracterizado também, por marcar o calendário grego, os Jogos Olímpicos faziam parte de um festival religioso em homenagem a Zeus, eram celebrados a cada quatro anos com base no mês lunar de 28 dias, inscritos no calendário de oitos anos. Realizados na primeira lua cheia após o verão, aproximadamente nas datas de 11 e 16 de julho. Assim:

Até 684 a.C. (a vigésima quarta olimpíada), havia apenas seis competições e os jogos eram realizados em um único dia. As corridas de carros foram introduzidas na vigésima quinta olimpíada e um segundo dia de competição foi acrescentado. Na trigésima sétima olimpíada (632 a.C.), as competições infantis foram incluídas no programa dos jogos e um terceiro dia foi acrescentado. Mais tarde, ao que tudo indica, os festivais eram realizados em cinco dias, embora o número de dias deva ter sofrido oscilações durante a longa história multissecular dos jogos (CABRAL, 2004, p.112)

Num estado de êxtase (do grego, *ékstasis*, sair de si), e entusiasmo (do grego, *enthusiasmos*, ter um deus dentro de si) o ser humano tem um deus dentro de si, ou seja, quando ele ritualiza em honra de seu deus, é como se abandonasse a si próprio para que o deus o possuísse, significando, assim, uma coparticipação com a divindade.

Para Maier (2007, p.112) define ritual “como um conjunto de gestos, palavras e formalidades, várias vezes atribuídas de um valor simbólico, cuja performance das quais é usualmente prescrita por uma religião ou pelas tradições da comunidade. Pode ser executado a intervalo regulares ou em situações específicas. Esboça comportamento de troca que ganham valor comunicativo e, dentro de uma perspectiva etológica, de fato social, maximizando a comunicação entre as espécies humanas”.

Stanley Tambiah, citado por Mariza Peirano, antropólogo, define ritual como:

Como um sistema cultural de comunicação simbólica, constituído de seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas seqüências tem conteúdo e arranjo caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição)". (TAMBIAH apud PEIRANO, 2003. p.11)

Escreve G. Gusdorf, citado pelo Pe. J. Simões Jorge: "o ritual possui o poder de suscitar ou, ao menos, de reafirmar o mito, ou seja, pelo ritual o homem se incorpora ao mito beneficiando-se de todas as formas e energias que jorraram nas origens". (GUSDORF apud JORGE, 1998. p.55)

Ainda citado pelo Pe. J. Simões Jorge, J. S. Brandão define ritual "como "práxis do mito". E como toda práxis é ação que viabiliza, efetiva, concretiza a reflexão na qual a ação se embalsama, o ritual sendo práxis do mito, é aquela (ou aquelas) ação (ou ações) que concretizam, no presente, as energias míticas da origem. O ritual é o mito em ação". (BRANDÃO apud JORGE. 1998. p.58)

Assim, observamos que no ritual o comportamento repete-se, não de forma mecânica irracional, mas racionalmente regularmente entre praticantes ou individualmente. É conduta que determina como o homem deve se comportar em relação às coisas sagradas e como canalizam suas tensões do cotidiano.

Como fato religioso, o ritual é a característica que mais se sobressai em toda religião. Os ritos apresentam uma imensa repercussão social, seja pelo gesto ou pela organização – preparação, pessoas, lugar, objetos utilizados na sua realização.

No ritual há comunicações simbólicas expressas por diversos meios em que o ser humano transmite a quem vê a mensagem do objeto sacralizado. A participação humana é importante, de modos que permite ao indivíduo ou o grupo se comunicar com as potências divinas e participe, de alguma maneira de sua vida. O ritual aproxima o ser humano do sagrado e é um sinal formador do que chamamos de religião.

Os rituais fazem parte das abordagens antropológicas em que situam o indivíduo fora do mundo polarizado, transmite valores e conhecimentos próprios para resolver conflitos e reproduzir as relações sociais, principalmente o que está implícito.

Então, segundo Peirano (2003, p.12.):

O ritual não é algo fossilizado, imutável, definitivo [...] são fenômenos culturais de comunicação, são constituídos de seqüências padronizadas de palavras e atos, freqüentemente expressos em múltiplos meios, tem formalidade, a estereotipia e a repetição marcam os eventos e também produzem valores sociais durante o ato.

Durkheim (1989, p.443) escreve que:

Uma concepção de sociedade que estabelece um vínculo essencial entre rituais, de um lado, e representações do outro. Assim, o fiel que se pôs em contato com seu deus não é apenas um homem que percebe verdades novas que o descrente ignora, é um homem que pode mais.

Assim, os rituais e representações formam um par indissociável. Mas, para sua permanência, garantia, é necessário que várias pessoas reunidas façam valer seus valores e que também apresentem grande repercussão social de qualquer forma na preparação, gestos, lugar, etc.

O rito antecede a crença, é um dispositivo cujas modalidades variam ao infinito, mas que em sua essência, visa garantir a adequada transição de um ou mais indivíduos de um estágio a outro, de uma condição para outra. Para Mata (2010, p.130): ocorre uma demonstração de *fides*, isto é de “confiança”. Uma celebração entre indivíduo e o objeto sagrado, entre estes deixa de existir aquela barreira invisível.

O rito para Turner (1974, p.125) é mais que passagem, é um estágio de liminaridade. O interregno entre o início do rito e seu término envolve a pessoa, é o *comunitas* que se presta para reforçar os laços que mantém um grupo ou sociedade coesos. O rito mais reúne que segrega.

Então, observamos que em todas as sociedades humanas conhecidas podemos incluir vários tipos de adoração e sacramentos de religiões organizadas e cultos. Várias atividades com seus momentos sublimes, em que são executadas a fim de concretizar propósitos ricos em ações simbólicas, com tradições, o ser humano está ali presente na sua inerência dialogal com o sagrado. Assim, torna-se importante situar os rituais católicos.

1.2 Rituais católicos

Escrever sobre rituais católicos faz-se necessário mencionar a história da Igreja, ou parte dela, onde tais rituais inicialmente eram e são praticados até hoje. Senão vejamos.

Para Wilges (1982, p.66) “no início, o cristianismo - que saiu do judaísmo - era visto pelos judeus como seita judaica. São Paulo entrava nas sinagogas judaicas e pregava Cristo. Em torno do ano 70 d.C. no sínodo de Jâmnia, Israel, os judeus excomungaram os cristãos do judaísmo.”

Mesmo sem ter uso freqüente, mas com uma presença forte do cristianismo, o termo *católico e catolicismo*, segundo De Coppi (2008, p.115):

Aparece, pela primeira vez, por volta do ano 105 da era cristã numa das cartas de Inácio, bispo de Antioquia. E Justino, Irineu, Tertuliano e Cipriano vão documentar os termos com o significado de universalidade, pois para eles a Igreja já tinha atingido os confins do mundo e era ela a verdadeira, autêntica, em contraposição às seitas que começavam a surgir.

Ainda para Wilges (1982, p.67):

Inicialmente os romanos viam o cristianismo como a religião dos escravos. Descobrimos mais tarde a força revolucionária e perigosa para as instituições do império, por exemplo, São Paulo escreve na Bíblia (GL.3; 28): “Vós todos sois irmãos. Não há mais grego nem judeu. Homem ou mulher. Sois todos iguais.” Daí os romanos reagiram, perseguindo os cristãos. Mas o imperador romano Constantino, senhor do Oriente e do Ocidente, concedeu no ano de 313, pelo Edito de Milão, a liberdade religiosa para o cristianismo. Em 380, com Teodósio I, o cristianismo torna-se a religião oficial do Império Romano.

Para Fröhlich (1987, p.61-62) “a história, o cristianismo se divide em muitas igrejas: os arianos, em 325; os nestorianos, em 431; os monofisistas, em 451 e os coptas (Egito) e os armênios, em 451.”

A Igreja Católica Apostólica Romana é *universal* (a palavra grega *katholicós* significa universal), apostólica porque vem da tradição dos primeiros apóstolos e romana porque sua sede fica em Roma, onde está o Papa, chefe espiritual da Igreja. (INCONTRI ; BIGHETO, 2004, p.82)

Ainda segundo Fröhlich (1987, p.65)

Igreja Católica tem a convicção de que ela foi fundada por Jesus Cristo e que ela, entre as igrejas cristãs, é a igreja que por sua estreita e ininterrupta ligação com Jesus Cristo, a quem ela prega, conserva e vive em seus sacramentos e ministérios, e por quem se deixa continuamente criticar, é a mais excelente articulação institucional do cristianismo. Sendo assim, católico é aquele que se considera membro e pratica seus preceitos, ritos, seguindo suas orientações. Tem a convicção de que nela se encontra a totalidade dos meios de salvação. Que embora ela mesma se saiba pecadora e peregrina, ainda longe da casa paterna, contudo está convencida de levar Cristo e a sua causa adiante sem erro substancial. Que ela não esgota a estrutura crística, nem se identifica pura e simplesmente com o cristianismo. Mas é a sua objetivação e concretização institucional mais perfeita e acabada. Com isso não nega seu valor religioso e salvífico das demais religiões cristãs ou não cristãs. Apenas que, em confronto com a igreja católica, aparecem deficientes.

Observa-se que a Igreja, enquanto comunidade que comunga das mesmas ideias, tem as mesmas aspirações, praticam a mesma doutrina, possuem um elemento comum, único que perpassa pelo comportamento humano: Jesus Cristo. Este quer que seu Reino seja visível e tenha um sinal de sua realização. Mesmo sofrendo perseguições, expulsões, castigos, martírios, torturas e tendo que celebrar seus cultos às escondidas, os cristãos resistiram com uma força transformadora, revolucionária e historicamente construíram sua Igreja, que é o sinal vivo e concreto da realização do Reino.

A Igreja é o Cristianismo feito vida e história. Uma expressão de fé fundamentalmente comunitária, na qual seus fieis são convidados a se santificar e assumir os diversos serviços que fazem parte de sua organização buscando na contemporaneidade o Reino vivo.

Na contemporaneidade, a Igreja Católica se manifesta com uma grande aproximação das pessoas no intuito de dar um auxílio para aquela que mais necessitam. Assim, foram criadas as CEBs ou Comunidades Eclesiais de Base, Grupos de Reflexão e as Pastorais.

A primeira, tem por finalidade, de aproximarem-se da população mais carente, mais necessitada e organizarem-se para conquistar melhores condições de vida e por reformas sociais. Já as Pastorais possuem a finalidade de atender às maiores necessidades religiosas e sociais da população. É esta comunidade que se manifesta nas suas maneiras ímpares de demonstração de sua fé, usando seu corpo como instrumento de sopro vital e experiência religiosa.

Mesmo o pensamento grego apresentando o corpo de forma dualista como corpo e alma, matéria e espírito, o pensamento bíblico apresenta-o como um todo unificado, um único organismo psicofisiológico animado. Para Scouarnec (2001, p.130-131) no seu livro *Símbolos Cristãos*, os sacramentos como gestos humanos, assim apresenta o corpo: “é um lugar privilegiado da experiência simbólica e cada pessoa é um corpo vivo e como tal se experimenta. Um corpo infinitamente complexo com suas funções diversas e complementares e que produz, gasta e regula a energia vital”.

O símbolo visa a estabelecer uma relação entre pessoas que se comunicam, que interagem e que se entretêm. Mobiliza não apenas a inteligência racional, mas também e sobretudo, o corpo e a inteligência prática, a inteligência do coração, da sensibilidade. O símbolo afeta a pessoa em sua vinculação com aqueles com quem ela se comunica. Como é o caso da liturgia cristã que é observado logo a seguir.

1.2.1 Liturgia cristã

A história desta palavra, usada hoje em sentido exclusivamente cultural, nos demonstra que ela recebeu diversos significados segundo as várias épocas históricas.

A “liturgia é o conjunto dos elementos e práticas do culto religioso (missa, orações, cerimônias, sacramentos, etc.) instituídos por uma Igreja; conjunto das formas (palavras, gestos) utilizadas na realização de cada ritual.” (HOUAISS. 2001, p.1773)

O termo liturgia provém do grego clássico, *leitourgia* deriva da composição de *laós*, *leós* que significa povo, e de *ergon*, obra. Traduzindo literalmente, serviço prestado ao povo ou serviço diretamente prestado para o bem do povo.

Durante o período helênico, existiam diversos tipos de liturgia: a apresentação do coro no teatro grego, o acolhimento de uma tribo nas ocasiões das festas nacionais. Havia um culto público e oficial, realizado por determinada categoria de pessoas. Sua utilidade era geral, sua função era pública, conexas com uma prestação de serviço a população.

No campo litúrgico, nos séculos II e III, na Igreja é um período de improvisação e de criatividade. Embora possa parecer paradoxal, a liturgia primitiva, extremamente fiel à tradição, foi de uma certa forma universal exatamente porque era inimaginável que a tradição apostólica pudesse ser formulada de uma forma definitiva e imutável. A improvisação da qual falamos pressupunha a fiel observância de alguns cânones ou princípios fundamentais, isto é, pontos estáveis transmitidos de uma geração a outra.

Foi no século III (1216) que a ritualização do Sinal da Cruz foi introduzida na liturgia católica pelo Papa Inocêncio, em seu livro: *De Sacro Altaris Mistério*. (AZOUBEL. 2010.)

Já no século IV, “o edito de Constantino estabeleceu a paz para a Igreja, mas também abriu a comunidade eclesial ao universo circunstante e ao império romano”. (JOBSON. 2004, p.268)

As celebrações, especialmente nas grandes cidades, celebram-se agora em esplêndidas “basílicas”, construídas, sobretudo com a ajuda do imperador e de membros de sua família. Isso exige uma liturgia mais solene. Das casas particulares (*domus ecclesiae*) passou-se para um verdadeiro templo.

Ainda no século IV, segundo Augé (1992, p. 31-32):

Observamos os elementos formais da liturgia romana com simplicidade precisa, sóbria, sucinta, não loquaz e pouco sentimental, disposta, clara e lúcida, com uma grandeza, sagrada e humana ao mesmo tempo espiritual e de notável valor literário. Entre os elementos teológicos característicos, deve-se observar que a oração é dirigida geralmente ao Pai, por Cristo, e no Espírito Santo.

O desenvolvimento da liturgia ocidental se processa, durante o longo período da Idade Média, através de adaptações e reproduções, mais do que através de criação original. A criatividade se manifesta mais na periferia da ação litúrgica: orações privadas para os fieis ou até para o celebrante, textos em prova e sequências, ofícios de devoção, etc. Em seguida parte-se da multiplicidade de ritos para a uniformidade estabelecida no século XVI pelo Concílio de Trento.

Com a Reforma vinda no século XVI, a liturgia romana foi colocada sob acusação, não somente do ponto de vista teológico, mas também na sua celebração. Alguns elementos foram pensados, como: o que deve ser observado e o que deve ser evitado na celebração da missa, foi definido o caráter sacrificial da missa e proibia durante as mesmas qualquer tipo de música ou de canto que contivesse em si resquício de elementos lascivo ou frívolo. O que se observou no século XVI foi bastante diferente do pensamento que surgiu no século XVIII, que preconizava a razão em detrimento das trevas da ignorância, das tiranias, da intolerância e buscavam conquistar assim, a liberdade. Esta maneira de pensar foi chamada de iluminismo.

O Iluminismo foi um movimento filosófico-cultural, de dimensão européia, do século XVIII, que se propunha combater a ignorância, o preconceito, a superstição, aplicando a análise racional a todos os campos possíveis da experiência humana.

Sob a influência desta cultura, deste movimento, deste modo de pensar, a liturgia foi enfocada mais claramente sob o aspecto da utilidade para a pastoral, recebeu destaque o seu caráter comunitário, constatando-se uma tentativa para atingir uma simplicidade e racionalidade mais amplas. Seguiu-se uma autonomia e presença humana popular que, também, vai ser marcante no século XIX.

Se no século XIX, o movimento litúrgico foi autônomo, mais controlado do que auxiliado pelos organismos hierárquicos, no século XX destacamos a participação dos Papas e a ação dos teólogos e dos pastores. O Papa Pio X revela preocupação por “uma participação ativa nos sagrados mistérios e na oração pública e solene da Igreja”. (AUGÉ.1996,p.105) Aqui se estabelece os fundamentos para o início da verdadeira fase pastoral do Movimento Litúrgico enfatizando também o lugar da celebração.

1.2.2 O lugar da celebração

Quando a população, a assembléia cristã é convocada para celebrar o culto, precisa de um lugar onde possa reunir-se. O ambiente, o edifício cultural é o lugar onde os cristãos se reúnem para tomar parte na celebração litúrgica.

No Antigo Testamento, o lugar sagrado não é somente, como em quase todas as religiões, o perímetro da presença e da ação da divindade, sobretudo, o sinal da escolha. O Deus de toda a terra se digna a manifestar-se num lugar determinado e escolhe um determinado povo que louva a Deus também com seu corpo.

Para os gregos e para os romanos o templo era, antes de tudo, a morada da divindade, representada por uma estátua. Era suficiente até uma pequena sala para suas celebrações.

Para Terrin (2004, p.202), “o espaço é sagrado, então, através de sua própria ordem e organização, e a criação é sagrada porque é o primeiro ato de organização e de estruturação do universo num todo ordenado e harmônico, em que as partes convergem para o todo e o todo é reencontrado em cada uma das partes.”

É no campo de várzea que se manifesta o caleidoscópio humano, este entrelace do humano com o sagrado, o mimetismo, este processo de ajustamento do ser humano às condições sagradas que se apresentam tornando aquele ambiente até então apenas futebolístico, também um campo farto religioso. Assim, toda manifestação corporal no dado momento com o sagrado, não se trata apenas de uma performance, tem uma linguagem mas, vai além dela. Busca uma completude em que corpo e alma atuam com o mesmo objetivo: busca da totalidade. Então, o corpo é o espaço em que o sagrado habita, e segundo Miranda (2007, p.03): “o corpo é o território de sagrado.”

Para o atleta que joga na várzea, o espaço para seu futebol é o campo de barro ou de grama, encharcado ou seco, onde a pelada acontece e que também é lugar de religiosidade onde aparecem as singularidades corporais com o Sagrado. O rito religioso que ocorre durante o futebol, e que acontece neste espaço específico, a sua dimensão e eficácia simbólica não depende da qualidade do atleta. O corpo está sempre em sintonia com o sagrado.

1.2.3 O ritual e o corpo

O homem religioso para entrar em contato com a divindade tira da vida – isto é, do chamado mundo profano – gestos, pessoas, espaços, templos e tempos, carrega-os de valor simbólico considerando-os um lugar privilegiado do encontro com a divindade. Forma-se assim o âmbito do sagrado.

Dentre estes gestos, podemos citar o Sinal da Cruz. Este, segundo Azoubel (2010, p.12)

Consiste em tocar com os três dedos da mão direita (polegar, indicador e médio) em quatro pontos convencionais do corpo, esboçando o desenho de uma cruz, ao mesmo tempo em que o penitente deve pronunciar as palavras – *Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém.*

Trata-se de um sinal com riquíssimo significado em que são expressos três dogmas fundamentais da nossa fé: *Santíssima Trindade*, da *Encarnação* e da *Morte de Jesus Cristo*. Quando se diz: em nome do *Pai*, do *Filho* e do *Espírito Santo*, estamos proclamando o Mistério da Santíssima Trindade.

Ainda a respeito dos gestos ritualísticos encontramos o ato de ajoelhar-se. Este revela-nos um contato com a terra a lembrança da humildade perante a autoridade presente: Deus. Mostra-nos também uma tomada de consciência diante de nossos erros. Para Leloup (2009, p.61), “ajoelhar-se é um ato de lucidez e humildade quanto à nossa condição humana e terrestre diante de Deus. É preciso que dobremos o joelho para depois mantermo-nos de pé, mais firmemente.”

Orar com as mãos abertas e o olhar para o alto também é um ato ritualístico bem representativo do cristianismo, e mais uma vez Leloup (2009, p.59), afirma que: “na tradição cristã antiga a postura de meditação e de prece era a postura de pé, com as mãos abertas e as palmas voltadas para o céu. E este comportamento é visto na atualidade entre os católicos.”

Desta forma o ser humano demonstra sua fé e a aproximação com a Divindade, conscientizando-se do seu papel terreno e sua ligação acima do natural.

Estruturado como ser de relação e constituído pela relação, o corpo está na origem da sociedade que se estrutura em um grupo, em um corpo, com um sistema de linguagem, uma ritualidade e uma cultura próprias. Corporeidade é comunicação.

Segundo Miranda (2007, p.18):

O corpo edifica-se permanentemente, tanto do ponto de vista biológico como espiritual. A perfeição do Homem é sua perfectibilidade. Ele o faz nos encontros místicos e amorosos com o divino, na meditação, no silêncio, na ação, na arte e nos sacramentos. Ele o faz quando se revela sujeito pensante, em sua identidade profunda e plena. O corpo é uma via de experiências autênticas do si mesmo, onde a fé e razão purificam-se, aprofundam-se e realizam-se mutuamente, num encontro de imensidades.

Este entrelace entre o Sagrado e o Homem, este imbricamento, este introjetar Sagrado Homem faz com que seja construída na individualidade e na coletividade um território religioso de símbolos que lhe fortalece.

A corporeidade é a razão de ser da individuação pessoal, essa é também e ao mesmo tempo, a forma de uma *existência com*, de um ser com os outros, para construir juntos o *corpus* social, na troca e na comunicação. A relacionalidade expressa pelo corpo não deve ser compreendida, por outro lado, só em uma dimensão horizontal; esta se entrelaça com uma relacionalidade de tipo vertical que a fundamenta e a caracteriza na direção do *Absoluto*.

1.3 A várzea

Para conhecermos os rituais católicos praticados na várzea faz-se necessário saber a respeito desta área do ponto de vista geológico, climatológico, ambiental e principalmente sócio-demográfico onde se manifesta tal prática.

A várzea “é uma grande extensão de terra plana, uma planície, de poucas árvores, um terreno baixo, à margem de um riacho. Campo de futebol localizado em terreno plano e baldio e utilizado por times de amadores.” (HOUAISS, 2001. p.2832)

Para o geólogo Marques (1995, p.10-11):

A várzea é uma eco-região bem definida de área úmida para qual contribui a presença de alguns rios temporários e oscilantes.
Quanto a climatologia, a área apresenta um clima que varia de sub-úmido a úmido com chuvas, e com períodos secos e de sol perene.
É marcante também enquanto caracterização geológica a presença de terraços marinhos e imensas áreas de areal e uma vegetação de mata de restinga¹ suportadas por cordões arenosos.

Para Magnani e Morgado (1996, p.176):

As pessoas que habitam esta zona geográfica são pessoas que dali tiram seu sustento como pescadores, ou catadores de aratus. Mas, também pessoas procedentes de outras áreas, que não fazem parte daquela geografia vindas de outros locais, freqüentam tal espaço, onde não há controle para ter acesso, não há taxas, nem carnês como aquelas vindas das áreas vizinhas que vivem de pequenos negócios, trabalhadores da construção civil, desempregados, autônomos e até os que trabalham nos domingos como garçons. São as mais variadas categorias profissionais. O acesso é livre. Enfim, são todos que, na maioria, possuem apenas o final de semana para praticar como lazer o futebol.

Nas primeiras décadas do século XX, segundo Couto (2009, p.59), “paralelamente aos torneios realizados pelos clubes das capitais e ligas da elite, o futebol foi cada vez mais jogado nas várzeas, nos campos de terras batida, próximo de rios, terrenos baldios que abundavam nas grandes cidades.”

O nome várzea também designa qualquer time e qualquer campo com características amadoras, com jogos sempre aos domingos. O historiador Guterman (2009, p.36), lamenta já nos anos 1950, o desaparecimento da várzea: “nos jogos varzeanos havia vontade de simplesmente jogar e não de ganhar dinheiro sem a devida dedicação esportiva: Havia jogadores de fato, a camisa ficava molhada.”

¹ Formação vegetal característica das dunas e planícies arenosas de litoral.

A várzea sempre foi vista como sinônimo de atraso diante de uma política nacional desenvolvimentista apoiada por idéias excludentes sobre os moradores desta área, o que não difere muito do tratamento que se dá às favelas. Mas, trata-se de um espaço ligado a atividades de trabalho, moradia e de lazer, que são aspectos geralmente invocados para caracterizar o modo de vida das pessoas que ali transitam e assim possivelmente justificar sua preservação.

A prática do futebol de várzea passa, obrigatoriamente pelo crescimento populacional, mudanças na economia e reestruturação dos grandes centros urbanos e suas ocupações. Então, segundo Giulianotti (1999, p.25):

O processo de urbanização das cidades, nas décadas de 20 e 30, estabeleceu uma nova configuração social devido, entre outras coisas, à retificação dos rios e ao remanejamento da população para áreas afastadas dos centros. A especulação imobiliária começou a atuar de maneira avassaladora e a população passa então a se locomover de forma contrária a este alto custo de vida que os trabalhadores não conseguem manter, portanto as periferias começam a ganhar espaço no cenário urbano. Juntamente com as pessoas, se deslocam objetos, relacionamentos, idéias, entre outras coisas que representam novas formas de organização, e não ficando de fora dessas mudanças, a prática do futebol aparece como um fenômeno que resistiu, e ainda resiste, às fortes tentativas de segregação e exclusão da elite social.

Continua a várzea a ser o local de resistência à prática da política excludente e assim como ambiente de organização dos moradores e que lá é o espaço de diversão e sociabilidade. Mesmo com a especulação imobiliária, na várzea, onde desaparecem alguns campos de futebol, a população se organiza, luta e resiste para a construção e preservação dos seus espaços de vivência.

Qual daqueles varzeanos não quer ser comparado com um craque? Não quer ter seu momento de semi-deus? Ser investido de uma aura mística numa consecução de segundos? Ter o corpo e a mente envolvidos completamente numa atmosfera de felicidade? A maioria dos praticantes do futebol de várzea sonha em ser jogador profissional, está dentro de seu desejo mais íntimo. Neste universo, atletas de futebol constroem no seu imaginário o que pretendem ser. Mitologizando suas referências usam gel nos cabelos, cortam-no do mesmo estilo, falam do mesmo modo, imitam suas jogadas. Nesta imitação surgem os Romários, os Neymares, os Adrianos e os Ronaldos. Mostra com isso que o futebol está na alma individual e coletiva daqueles que o praticam, eis aí a sua ação social de criar imagens.

Segundo Reis e Escher (2006, p.30-31):

A contribuição para formação deste imaginário é enfatizada pela mídia e contribui para que garotos pobres passem a imitar seus ídolos tentando alguma sorte nos grandes clubes futebolísticos da capital. Uma minoria consegue alcançar este patamar de profissionalização e ganhar dinheiro; porém a lógica da conquista com base no esforço e na superação, e endeusamento dos ídolos esportivos por parte da mídia, transformam o futebol, muitas vezes, na única forma de ascender socialmente desta forma superando as barreiras sociais.

É no campo de várzea, diferente dos estádios, neste ambiente geológico e social, neste espaço ritual futebolístico que, transformado em santuário, em templo, pelo menos em alguns instantes, também aparece o comportamento religioso no que tange a prática de rituais cristãos católicos. Mesmo sendo um local especificamente de prática futebolística, a crença inerente a cada indivíduo manifesta-se através de momentos gestuais em que nitidamente há uma ligação, um imbricamento, com o sagrado, como: fazer o sinal da cruz, perdendo ou fazendo um gol; rezando o Pai Nosso em círculo no meio do campo ou ajoelhando-se em baixo das traves de braços abertos com as palmas das mãos voltadas para cima e olhando para o alto, rezando também o Pai Nosso e ou a Ave Maria. Agindo assim repetidas vezes, a fim de estabelecer ou recuperar uma certa ordenação humana, o que caracteriza o rito prepara-se o atleta para mais uma contenda. Constitui assim, a partida de futebol varzeana com seus molejos corporais próprios do acontecimento (dribles, chutes, carrinhos, passes, etc.) e também com os gestos religiosos peculiares àquele momento.

2 O CORPO COMO INSTRUMENTO DE VIOLÊNCIA NO FUTEBOL

2.1 A história do corpo primitivo

Quem somos nós? Esta questão nos acompanha desde os tempos mais remotos. A antropologia, é a ciência que busca conhecer o humano. Dada a complexidade da natureza humana, é importante, fascinante tomarmos conhecimento de nós mesmos.

Às vezes, nos olhamos qualitativamente diferenciados dos demais seres e constituídos de uma natureza especial. Ainda nos enxergamos como feitos à imagem e semelhança de Deus. Em muitos povos, as mitologias da criação falam de seres criadores e de heróis civilizadores antropomorfizados e assemelhados aos seus indivíduos. Entre nós, ocidentais, herdeiros de uma visão hebraica e cristã, o livro de Gênesis relata: Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os reptéis que rastejam sobre a terra.” (Gn1, 26-28)

Em meados do século XIX, a humanidade recebeu um choque. Segundo Guerriero (2001, p.08), um cientista inglês, geólogo e naturalista-influenciado por Jean B. Lamarck que acreditava que os animais mudavam sob pressão ambiental, transferindo essas mudanças para sua hereditariedade, chamado Charles Darwin, afirmou:

“Que todos somos frutos de uma mesma evolução biológica, assemelhando-nos a nossos parentes mais próximos, os primatas. Questionou a idéia de transmissão hereditária dos esforços individuais de adequação ao ambiente e baseou sua teoria na existência de variação casual (ou mutação aleatória) e seleção natural. Partiu do princípio de que todos os seres vivos vieram de seus ancestrais através de um longo e contínuo processo de variações. Na evolução a produção de variações é constante e em número maior do que as que podem sobreviver. Assim, através da seleção natural muitos indivíduos são eliminados e as variações que deram melhores resultados permanecerão e serão transmitidos às novas gerações.”

De acordo com Zimmermann (2009, p.48): “para o homem primitivo as plantas, os animais, as estrelas, o céu, a terra e os homens estavam unidos numa única energia – o todo participava do todo. Na sua ritualização, as manifestações corporais significavam harmonizar-se com os poderes cósmicos.”

Em vez de considerar a evolução como um simples resultado de mutações aleatórias e de seleção natural, tende-se a reconhecer o desdobramento criativo da vida em formas de diversidade e complexidade sempre crescentes.

Então, para Capra (1997, p.179):

A mutação e a seleção natural são aspectos importantes da evolução biológica porém, o foco central é a criatividade, no constante avanço da vida em direção à novidade. A base das variações e da criatividade deve ser buscada numa nova compreensão de toda e qualquer célula viva.

De acordo com a Hipótese Gaia², a evolução não pode ficar limitada a adaptação de organismos ao seu meio ambiente. O próprio meio ambiente é um ser vivo. Para Capra, a vida surge e se desenvolve no planeta através da formação de redes. A criatividade da natureza é ilimitada. (CAPRA, 1997, p.182).

O que nos faz realmente singulares e distintos é nossa capacidade de raciocínio, linguagem, construção e uso de ferramentas, postura ereta e plasticidade comportamental.

Apesar de toda singularidade, existem elementos que, devemos reconhecer, nos fazem diferentes. Inclusive no aspecto físico. Então vejamos.

Segundo Gould (1997.):

a origem da vida na Terra, há aproximadamente 3,5 bilhões de anos nos mostra a presença de animais vindos da água oceânica há 700 milhões de anos, os anfíbios que ficaram na terra há 300 milhões de anos e os vertebrados que alimentavam seus filhotes usando glândulas mamárias por volta de 200 milhões de anos.

Segundo Gould (1997.), dentre os mamíferos, os prossímios, sub-ordem dos primatas, possuíam dedos com unhas ou garras, cauda longa e pelagem grossa, surgiram há 70 milhões de anos. Estes desenvolveram habilidades de saltar entre as árvores, possuindo para isso uma visão aguçada e tridimensional, com os olhos próximos e na frente. Os primatas logo evoluíram. Algumas características então existentes entre os prossímios seriam determinantes posteriormente. Suas mãos e pés lhes permitiam agarrar as árvores por onde pulavam. Desenvolveram, para isso, unhas e dedos polegares em posições opostas aos demais e habilidade para permanecerem eretos por alguns instantes para se

² A Hipótese Gaia vê o planeta inteiro como um elemento vivo, numa escala proporcionalmente diferente da que estamos acostumados a ver com os demais seres vivos. Considera a fina camada que envolve as rochas do planeta como um manto pleno de vida e autogerador. Converte substâncias inorgânicas em matéria orgânica viva e esta novamente em solo, ar e oceanos. É um sistema aupermanente ou, como denominaram Maturana e Varela, uma rede autopioética.

protegerem da presença de inimigos. A separação entre os prossímios e os antropóides ocorreu há 35 milhões de anos. Nesse período, as placas tectônicas se separaram por completo fazendo com que a evolução dos primatas nos continentes africano, sul americano e europeu fosse completamente distinta.

Sobre a evolução nas Américas, assim expressa Gould (1997, p.76):

Nas Américas, eles ficaram restritos às árvores, desenvolvendo grandes caudas que muito auxiliam nos longos saltos entre elas. No continente europeu surgiu uma linha evolutiva que desenvolveu um estilo de vida terrestre. Uma das subordens daí decorrentes, paulatinamente, ganhou dimensões corpóreas mais volumosas e teve a cauda reduzida aproximando-se corporeamente dos humanos. Quanto mais as pesquisas à respeito destas espécies avançam, descobrimos que existem mais similaridades com os humanos.

É consenso entre os pesquisadores que a postura ereta foi determinante e que é através dela que se definem os hominídeos. Há aproximadamente 6,5 milhões de anos ocorreu uma grande transformação no continente africano. Uma cadeia de montanhas separou de norte a sul a grande floresta tropical ali existente e, com ele, seus habitantes.

Ainda para Gould (1997.), “o antropóide que vivia nestas florestas, ancestral comum tanto dos hominídeos como dos chimpanzés e bonobos (variação de chimpanzés encontrado nas florestas úmidas do Zaire) atuais continuou evoluindo e se adaptando ao meio.”

No lado oeste ele continuou vivendo em árvores, enquanto no lado leste, graças a cada vez maior escassez de vegetação fez com que este animal desenvolvesse a capacidade de caminhar, explorando e desenvolvendo cada vez mais seus membros inferiores. A capacidade já existia como possibilidade, a exploração da postura ereta, subir e descer de árvores e caminhar pequenos trechos só com as pernas. Esta capacidade, de caminhar sobre dois pés, segurando os alimentos, foi fundamental para a permanência, resistência e existência da espécie nos territórios. Foram chamados de *australopithecus*.

Já o *australopithecus afarensis* encontrado há 5,5 e 1,2 milhões de anos possuem estatura diminuta, caixa craniana de aproximadamente 500 cm³. Mas, foi há 2,2 milhões de anos que um novo gênero surgiu: o *Homo habilis*, com cérebro de mais de 650 cm³ e maiores dimensões corporais e posteriormente o *Homo erectus* surgido há 1,6 milhão de anos que fabricava ferramentas, usava o fogo.

Foi há 400 mil anos que surgiu o *Homo sapiens* que habitou a Europa e o Oriente Médio. O *Homo sapiens* moderno vivido há 150 mil anos na África com um

cérebro maior de 1.350 cm³, parede craniana mais delgada e feições mais delicadas. A postura ereta foi determinante para a criação de ferramentas, para o desenvolvimento da laringe, estabelecimento de regras de solidariedade, de sociabilidade, defesa dos predadores e subsistência. (GOULD, 1997, p.89)

Notam-se as transformações, adaptações ao meio e o uso do corpo pela espécie humana durante o processo histórico primitivo.

Desde o uso do próprio corpo como fonte de alimentos, como as fêmeas com suas glândulas mamárias que alimentavam seus filhotes, passando pelo uso das garras para segurar suas presas, membros superiores alongados que facilitavam para subir em árvores até poder andar longas distâncias a pé, foram longos milhões de anos no processo evolutivo.

Mas, o corpo foi tomando diferentes formas, contornos, plasticidade e habilidade. Mãos, pés, dedos polegares, tronco e coluna vertebral surgiam como elementos novos numa adaptabilidade ambiental para novas inserções de sobrevivência. Subir em árvores, carregar alimentos com as mãos e lutar contra bandos rivais faziam da espécie humana modos mais flexíveis de vivência.

Observa-se também que aquelas mãos que facilitavam o manejo de frutas passaram a conduzir o solo num traquejo agrícola e fabricando ferramentas que serviam para seu cotidiano.

A espécie humana seguindo seu processo histórico evolutivo caminha na formação de grupos, vida solidária, organizando-se em bandos mais coesos e agregados.

Os tratamentos dados ao corpo humano do ponto de vista cultural, de seu conteúdo e de suas características se modificam no curso da história.

A história do corpo humano é a história da civilização e não podemos nos esquivar de citarmos os gregos como povos que tiveram influência e ainda influenciam o comportamento humano na contemporaneidade.

2.2 O corpo em práticas esportivas entre os gregos

A Grécia está separada da Ásia Menor pelo mar Egeu, quase de frente para o Egito, e ocupa boa parte da Península Balcânica. Há cerca de 4 mil anos, começou a surgir ali um tipo de organização social que contribuiria decisivamente para a formação das sociedades do mundo contemporâneo.

A Hélade abrigou diversas cidades independentes, como Atenas, Esparta e Corinto, com um relevo bastante acidentado influenciou para o isolamento e a proteção de inimigos assim como desenvolvimento de identidade cultural ímpar e extremamente significativa. Foi neste ambiente geográfico, social, político, religioso e econômico que surgiram a filosofia, a democracia, os jogos olímpicos, além de conhecimentos fundamentais para o desenvolvimento da matemática e de outras ciências.

Segundo o historiador Arruda (2004, p.39,40e41):

A história da Grécia é dividida em quatro períodos, que são: o Pré-Homérico, que vai do século XX a.C. até o século XII a.C., que ocorrem as ocupações com os aqueus, jônios, eólios, pelágios e dórios, sendo que estes últimos obrigaram os outros povos a uma dispersão pelo arquipélago que recebeu o nome de Primeira Diáspora; o período que se segue, chamado de Homérico, abrange os séculos XII – VIII a.C e instala-se uma estrutura sócio-político-econômico-religiosa trazida pelos dórios, chamada de Genos. Destaca-se também pelos contos de Homero, a Ilíada e a Odisséia; o terceiro período ou Arcaico, nos séculos VIII a.C. até VII a.C., em que as comunidades gentílicas se desagregam, na segunda diáspora, formando a Pólis ou cidades-estados independentes. É deste período a organização e fundação de Esparta no século IX a.C. e de Atenas em VIII a.C.. O quarto período, que vai do século V a.C. até IV a.C., é um espaço de tempo em que ocorreram conflitos como as Guerras Médicas entre atenienses e persas e a Guerra do Peloponeso, entre atenienses e espartanos, na região que deu nome a guerra.

E este quarto período é bastante importante não apenas do ponto de vista historiográfico mas, social e cultural. Pois são nestes últimos aspectos que se destacam a formação corpórea, esportiva grega com seus respectivos objetivos. Tendo como exemplo os jogos olímpicos que se inseriam no campo de prática religiosa e política, assim como, propiciando honra e prestígio social para os praticantes.

Em tempos remotos, na sua origem da sua história, os Jogos olímpicos faziam parte intrínseca de um festival religioso em honra do deus Zeus. O programa de cinco dias incluía sacrifícios e rituais religiosos, bem como corridas, lutas entre atletas e competições artísticas. A associação da religião com o desporto competitivo era, em grande medida, casual. Segundo McIntosh (1975, p.12):

Um festival religioso proporciona a afluência de muita gente e, conseqüente mente, ocasião para corridas e contendias. Uma das lendas tecidas à volta dos Jogos Olímpicos, reza que eram jogos funerários em honra do herói Pélope. Não há dúvida que os jogos funerários eram característicos da cultura grega primitiva. Os jogos organizados para o funeral de Patróclo foram descritos em grande pormenor por Homero na *Iliada* e tiveram paralelo noutras ocasiões semelhantes. Havia, aliás, outros pormenores da lenda sobre Pélope e outras características do festival nos seus tempos históricos que sugerem um significado mais profundo na associação do desporto com a religião.

Os Jogos Olímpicos, constituem, talvez, a prova mais insofismável da fusão do desporto competitivo com a religião. Estes jogos foram interrompidos no reinado de Teodósio, o Grande, entre 392 e 395 da era cristã, quando este, para suprimir o paganismo a favor do cristianismo, decretou em 408, que todos os templos e imagens pagãs fossem destruídos. O templo de Zeus em Olímpia foi incendiado. E portanto seria difícil que os Festivais Olímpicos continuassem a realizar-se

Os gregos antigos constituíram e institucionalizaram um conteúdo que, tem sido teorizado pelas sociedades contemporâneas. Os gregos antigos vivenciaram seu conteúdo por meio dos conceitos de *ágon*, *athlos* e *gymnasium*. Assim, para Kyle (2007, p.9):

Particularmente, o termo moderno pode abarcar uma série de conceitos gregos, como: *ágon*, *athlos* e *gymnasium*. *Ágon* pode se referir à competição, ao local e ao público, assim como era aplicada a competições de todo tipo, da luta à política. No latim, *certamen* tinha utilização similar, enquanto *ludere*, *ludus* e *lusus* eram aplicados aos jogos, esportes, diversão e entretenimento.

Para Tubino (2007, p.15-16) “o termo *gymnasium* é de origem grega e “é o local onde os gregos desenvolviam a educação e o corpo; *athlos* ou *athla*, também de origem grega, significa esforço, combate, luta, de onde se origina a palavra atleta.”

É importante destacar, que o uso do corpo também em práticas esportivas possui uma historicidade e que apesar disso, no mundo antigo como no contemporâneo criam espaços de coesão social primando pela ética e pela estética.

Sendo um mosaico de elementos simbólicos, as práticas esportivas, segundo Murad (2005, p.76) “ajudam a traduzir o homem e o ser social que ele é, seus desejos, seus paradoxos e perplexidades, seu contextos e contradições.

É Vanoyeke, citado por Lessa, que nos diz:

Referindo-se especificamente aos gregos antigos, podemos destacar que eles consideravam o exercício físico como um meio de conservar a saúde ou de reencontrá-la. Apaixonados pelos jogos e pelas disputas eles inventaram os enfrentamentos competitivos do estádio para satisfazer seus gostos de luta e de rivalidade. Também era uma maneira de adquirir beleza e a força. (LESSA apud VANOYEKE, 2008, p.4).

Luiz Alberto Gustavo Cabral cita Sólon que fazia referência ao preparo do corpo dos efebos (jovens adolescentes):

E nós obrigamos os homens a exercitarem seus corpos não apenas para os jogos, para que eles possam conquistar os prêmios – pois bem poucos deles chegam até estes – mas porque esperamos obter um bem muito maior para a cidade e para eles próprios. (CABRAL apud SÓLON, 2004, p.126).

Na Grécia Clásica, o ideal de bravura física manifestou-se na escultura e na poesia. As odes de Píndaro, na sua maior parte, foram compostas durante uma onda de entusiasmo pela arte ou profissão de atleta, depois de os persas terem sido derrotados e repelidos, no princípio do século V a.C. (MCINTOSH, 1975, p.29)

Para obtenção deste bem não era exigido treinamentos especiais, bastando apenas que pertencesse a uma elite, ou seja, aos considerados cidadãos. Era regra geral os jovens exercitarem seus corpos para as modalidades atléticas e escalonadas de acordo com a idade.

Os pedagogos que cuidavam da educação intelectual cuidavam também de preparar fisicamente os jovens. Havia então dois métodos: o primeiro, tinha como objetivo estimular os jovens a fazerem o maior esforço possível para atingir os melhores resultados, e o segundo, o aprimoramento de sua técnica e do seu estilo. Porém, o mais efetivo era o que combinava corretamente esses dois métodos de acordo com as habilidades pessoais de cada atleta. O objetivo era adquirir harmonia e ritmo. (CABRAL, 2004).

Mas, também havia preparos específicos para adquirir massa muscular e buscavam desenvolver hipertrofia muscular de determinados membros corporais, julgando que seria necessário para determinadas modalidades esportivas.

Pela cor do corpo, principalmente no rosto, e pelo teor de gordura da pele, os treinadores percebiam se o programa de treinamento deveria prosseguir ou se havia chegado a seu ponto de exaustão.

Já por influência dos romanos, visto que os gregos estavam dominados por estes, durante o século III, inventou-se um método de treinamento repetitivo, denominado

ciclo periódico de treinamento, que duravam quatro dias e era repetido continuamente, foi usado na Hélade durante muito tempo. (CABRAL. 2004.).

Sem dúvida nenhuma a civilização que marcou e desenvolveu a educação física ocidental foi a grega com o conjunto de situações colocadas aos seus jovens. É de Sócrates a frase: “Na música, a simplicidade torna a alma sábia, na ginástica dá saúde ao corpo humano.” Desta maneira observa-se que o corpo humano não era apenas objeto de contemplação, de visualização, mas de trato esportivo humano visando pelejas, competições, rituais religiosos e guerras. O corpo humano não era apenas objeto estético que para Platão era “belo em si” e suas qualidades que o tornam belo estão nele próprio e independem de quem o observa. (ARANHA. 2005.).

No que se refere a preparação para a guerra, a civilização espartana é marcante, pois dava tratamento aos seus desde criança quando estas eram selecionadas após seus nascimentos e uma vez destacadas, eram posteriormente, retiradas de suas famílias aos cinco anos e iniciadas em treinamentos que visavam o combate. Após esta fase o jovem para alcançar a fase adulta teria que mostrar sua virilidade em obrigações do tipo eliminar a maior quantidade possível de escravos e que assim feito eram considerados adultos. Uma vez adultos, estariam prontos para exercer o combate a qualquer momento, fazendo parte do exército. Posteriormente, estariam prontos para exercer o cargo de senador. (ARANHA. 2000.).

Se para a Idade Antiga o corpo humano teve uma observação contemplativa, estética, ritualística religiosa, de guerras e de esportes, para a Idade Média passou a ser visto de outra maneira, com outra concepção, outra história, outro lugar na sociedade, com outra presença no imaginário social, no real humano, enfim sofreu modificações históricas.

2.3 O corpo na Idade Média

Segundo o historiador Arruda (2000, p.97)

No século V, mas precisamente no ano 476 o império romano chegou ao fim, o que marcou o início da Idade Média e que posteriormente lá pelo ano de 1453 com a rendição ou queda de Constantinopla tomada pelos turcos otomanos marcou o fim do período. Para uns, a Idade Média foi chamada de trevas, pois imperava o misticismo e a ignorância, mas sabe-se que foi repleto de construções literárias, arquitetônicas, religiosas, filosóficas e intelectuais.

Durante o século V até o século X, a terra era sinônimo de poder e disputada através de constantes batalhas e mais tarde no que se chamou de Baixa Idade Média, o capitalismo afirmou-se sobre o modo de produção feudal. Continua o historiador: “é neste segundo período que acontecem o crescimento da burguesia, a chegada do comércio, as navegações, a peste e as cruzadas, causando enormes transformações nas vidas dos habitantes das cidades e do campo. (ARRUDA, 2000, p.99)

Diante deste panorama de vivência é visível a supremacia da Igreja Católica, que era vista como o lugar do mundo terreno onde estava Deus. Para Faraco e Moura (1995, p.18)

As camadas sociais, dentre as quais o clero e a nobreza estavam no comando, eram determinadas por Deus, o desejo de mudança estaria indo contra a vontade divina e que o homem medieval deveria aceitar-se num lugar social determinado. Este ser medieval preocupava-se muito com a salvação eterna da sua alma e, sob influência da Igreja Católica, renunciava seus bens materiais e prazeres terrenos.

Havia assim uma tensão entre corpo e alma. De um lado resultado da benção e da glorificação, de outro o desprezo, a humilhação e a condenação. Nota-se já que o corpo para o medievo está entre a humilhação e a veneração, o material e o espiritual.

Segundo Jesus (1994, p.86):

Os monges eram os únicos que sabiam ler, conheciam o latim e o grego, só eles tinham acesso às obras. Assim a Igreja Católica dominava as ciências e as artes. A filosofia deste período está dividida na Patrística com o pensamento dos Padres associando fé e ciência e na Escolástica preocupada com a reflexão filosófico-teológica, quando surgem as escolas monacais e as universidades. Destaque para Tomás de Aquino e Santo Agostinho representando, respectivamente, Alta e Baixa Idade Média.

A manifestação da presença divina estava em toda parte e na arquitetura dos templos verificava-se que a grandiosidade de suas construções aparecia nas catedrais que eram projetadas para o céu, pois Deus estava num plano superior. Também seguindo este mesmo pensamento as esculturas e as pinturas estão cobertas de muita roupa e o olhar direcionado para o céu. (SOUTO MAIOR, 1969).

Uma maneira de perpetuar a história é através da oralidade e isto acontecia juntamente com o uso das imagens esculpidas, pintadas e nos vitrais, que era um meio de instruir aqueles que não sabiam ler. (BESEN, 2004).

Para Schmitt (1995, p.79):

A base da teologia moral da Igreja Católica está na reunião das três virtudes mencionadas por São Paulo – fé, esperança e caridade, e de quatro virtudes que Cícero, pensador romano, diz serem componentes da “beleza moral” – *scientia*, o discernimento do verdadeiro, a prudência e a sabedoria; *beneficientia*, o ideal de justiça, dando a cada um o que lhe é devido; *fortitudo*, a força e a grandeza da alma, que inspiram o desprezo às coisas humanas e *temperantia* ou modéstia, que consiste em cumprir toda ação e pronunciar toda palavra com ordem e medida. O *gestus* significa a atitude do corpo humano em geral, e que para este pensador os movimentos do corpo, a atitude, o caminhar, a maneira de sentar, de se inclinar à mesa, o rosto, os olhos, o movimento das mãos, não devem ser vivos demais, nem débeis demais ou efeminados demais. A virtude está no justo meio.

Nota-se que o comportamento corporal está ligado aos princípios morais, cuja inspiração vem do cristianismo (São Paulo) e do pensamento romano (Cícero).

Vários autores como Erick Hobsbawm, Jobson Arruda e Gilberto Contrim afirmam que no século VI o uso do corpo humano para o propósito de vícios como a gula, a fornicção (relacionamento sexual ilícito) e o orgulho eram vistos, tratados e até julgados como pecado. “O corpo humano não é apenas “a prisão da alma” é também o meio e o lugar de salvação do homem e no que se refere ao corpo humano feminino é visto como um lugar de tentações.” (MATOS ; GENTILE, 2004, p.96).

Segundo Rodrigues (1999, p.103):

A abertura do corpo humano e a dissecação de cadáveres para a mentalidade medieval, foram ações inconcebíveis, gestos do mais supremo sacrilégio e por este motivo os estudos anatômicos passam por um tempo de estagnação sendo retomados pelo movimento renascentista.

Rodrigues (1999, p.105), afirma ainda que:

Corpos esquartejados de reis franceses eram espalhados pelos templos católicos pois, assim, acreditava-se que tais “reliquias reais” propiciariam boas colheitas. Não se concebia fundar uma cidade sem um túmulo de um santo, havendo deste modo, lutas violentas para garantir o corpo, que traria proteção.

Segundo Besen (2004, p.85), “a festa de *Corpus Christi* nasce na Idade Média com a finalidade de fazer adoração pública da Hóstia, “o corpo de Cristo”.”

Para Grieco (2008, p.217-218):

Na Idade Média a palavra *verecundia* toma sentido de vergonha ligada à carne e ao pecado sexual. A castidade era vista como compensatória por quem já havia pecado e deveria abster-se de sexo pelo restante da vida. A vida sexual era possível ao cristão desde que acontecesse numa relação definida e supervisionada: o matrimônio que só era permitido aos heterossexuais. A homossexualidade era explicada como pecado, pois proporcionava apenas o prazer da carne, do corpo humano. A prática sexual deveria ser apenas vaginal, ficando a mulher debaixo do homem e no escuro, para evitar a visão da nudez.”

Nota-se que a preocupação com a estética e com a cultura corporal afrontava o pensamento vigente e este era controlado pela Igreja Católica, portanto proibidos. Havia uma tensão entre pensar o corpo humano, visto como pecaminoso e a alma, destinada à salvação. Uma das formas encontradas pelos clérigos para evitar a ociosidade era cantos, leituras e conversas entre si. De modos que as expressões corporais eram assim tão combatidas que segundo Vigarello (2008, p.305):

O imperador romano Teodósio, convertido ao cristianismo, proibiu os jogos, pois viu neles uma manifestação pagã. Tal medida expressava concepções do cristianismo, que comparava os antigos deuses a demônios e qualificava como pecado a exibição dos corpos nus dos participantes. Atividades corpóreas cabiam apenas aos soldados, que lutaram nas Cruzadas nos séculos XI, XII e XIII.

Entre os nobres, havia a prática de atividades hípicas, a esgrima, o manejo do arco e flecha, a luta, a escalada, a marcha, a corrida, o salto, a caça, a pesca, jogos de pelota (tipo de futebol) e de raquete. Nas atividades corpóreas está demonstrada a estratificação social. Então, para Vigarello (2008, p.307):

Cabia aos nobres determinar quais atividades deveriam ser praticadas não misturando com outros estamentos. Até porque era necessária uma grande quantidade de suporte material para cada atividade, o que tornava mais fácil ou mais difícil tal atividade de acordo com seu nível social.

Para Matos e Gentile, citados por Grieco:

diz-se que na Idade Média, a nudez sofreu uma repressão severa. Homens e mulheres, nobres e camponeses, vestiam-se com roupas longas. Pois cobrir o corpo era uma questão moral e religiosa. Até durante o banho (era um hábito pouco freqüente, pois acreditava-se que a sujeira protegia das epidemias) após os torneios, apesar do desconforto do excesso de tecido o corpo deveria ficar coberto. (MATOS; GENTILE apud GRIECO. 2004, p. 49)

O lazer, como muitos movimentos acontecidos na Idade Média, estava organizado e regido pela Igreja Católica, pois tinha uma base religiosa com cerimônias e cultos. Porém, de todo o divertimento, a dança era o mais apreciado. Nesta “dança dos donzéis” ou, aquela em que participavam os filhos dos reis e também os nobres,

giravam ao redor de árvores ou das fogueiras, com suas damas durante muito tempo. (RODRIGUES, 1999, p.110)

Dentre os movimentos estabelecidos pela Igreja Católica, o Tribunal de Inquisição foi o mais incisivo, contundente, em relação ao corpo humano. Tendo iniciado em 1184, julgava os hereges (aqueles que se opunham aos dogmas da Igreja Católica) e as pessoas suspeitas de se desviarem dos costumes considerados corretos). Geralmente, os acusados de crimes ou que se recusassem a renunciar suas opiniões, geralmente eram queimados na fogueira, antes poderiam ser torturados, pois era uma ação sobre o espírito por meio do corpo, pois o corpo é inseparável da alma. O corpo humano era visto como portador do espírito, portanto as ideias das pessoas só eram completamente anuladas com a destruição do físico, mesmo já em vida. O referido Tribunal terminou ao longo do século XVIII, embora só em 1821 deu-se a extinção formal em Portugal numa sessão das Cortes Gerais. (ARRUDA, 2004, p.107).

Para Arruda (2004, p.158):

No final do século XII houve uma retomada do comércio e da vida urbana em boa parte da Europa Ocidental e foram redescobertos, em traduções árabes, os textos dos pensadores greco-romanos, desconhecidos do início da Idade Média. Tudo isso levou a uma mudança da mentalidade vigente. Surgia então um ser humano humanista, intelectual, que via o homem como medida de todas as coisas, como a filosofia grega, referência para a vida, diferente do teocentrismo que regulou a vida humana durante todo o medievo.

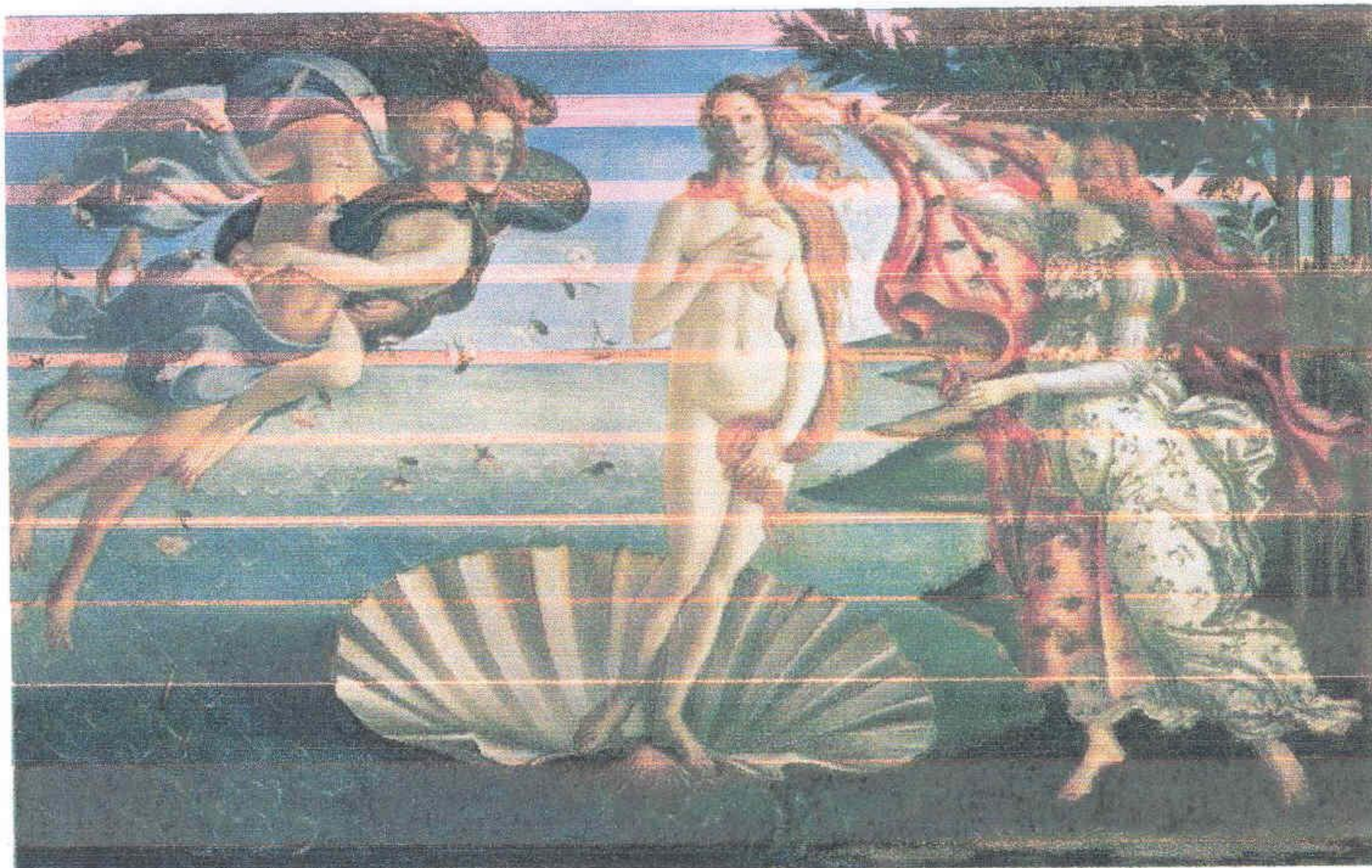
Assim, o ser humano redescobre-se. Seu corpo antes proibido, agora é motivo de pesquisas, de modelo artístico, de roteiro literário e teatral. O pensar renascentista é revolucionário, está voltado para o homem concreto, terreno e suas ansiedades.

Do ponto de vista da educação, os educadores humanistas da Renascença distinguem-se especialmente das escolas medievais por serem os próprios responsáveis pela educação dos jovens, deixando de lado a educação dos padres e monges, que era a principal forma de educação na Idade Média.

A arte renascentista celebra o corpo e a beleza física, e no passado a arte medieval era mais preocupada com a espiritualidade. A arte renascentista busca representar o homem como ele é, com suas características físicas e psicológicas. Um exemplo disso é a obra *O Nascimento de Vênus*, (Figura 1) tela do Sandro Botticelli, pintada em 1485.

2.4 O corpo no Renascimento

Figura 1

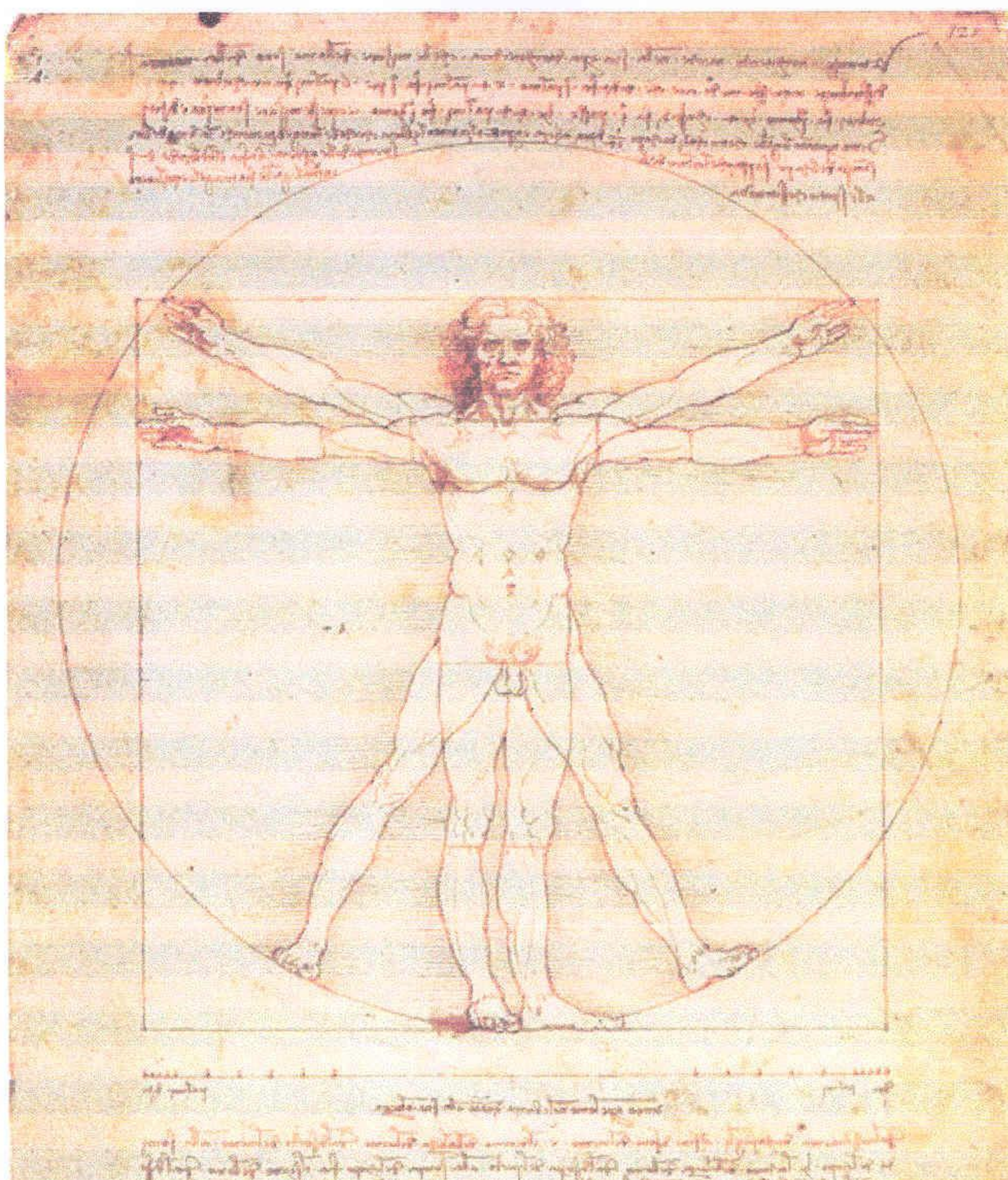


Com o movimento renascentista o corpo humano passou a ser olhado novamente, porém, de outra forma. A atenção aos gestos é renovada. Essa redescoberta do gesto como objeto de pensamento e de reflexão estética acontece graças ao Renascimento.

Do ponto de vista da educação, os educadores humanistas da Renascença, distinguiram especificamente desportos próprios de nobres de desportos próprios de vilões, descrevendo a conduta de um cortesão e a educação dos jovens. (McINTOSH, 1975.)

A arte renascentista celebrou abertamente o corpo e a beleza física, o nu passou a celebrar uma nova ideologia de mundo, a da concretude terrena, do material. A mulher, antes ligada ao pecado, reapareceu, seminua e deslumbrante, em *O Nascimento de Vênus*, (Figura 1) tela de Sandro Boticelli, pintada em 1485.

Figura 2

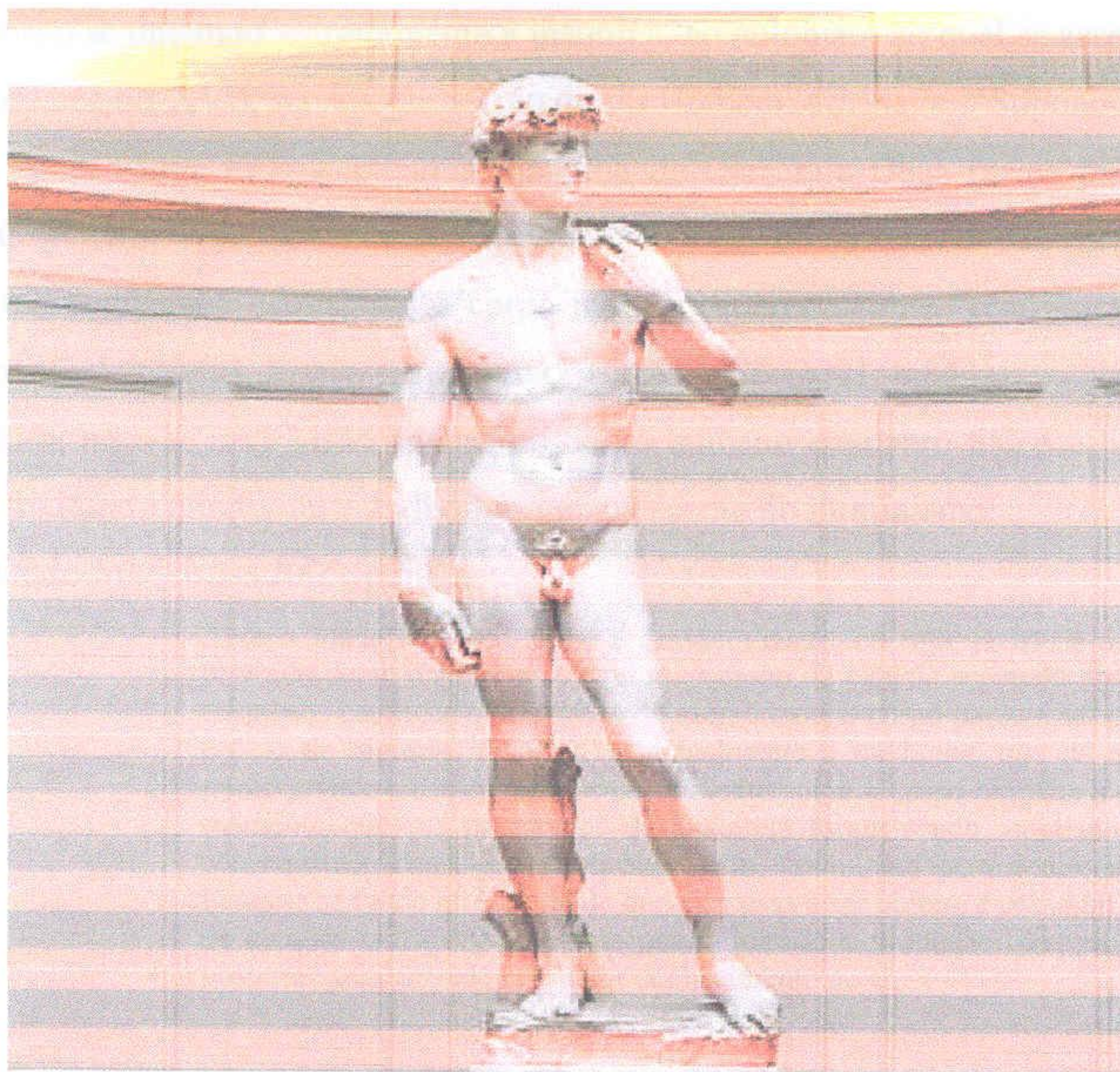


O corpo humano masculino também é retratado, por Leonardo da Vinci, na gravura *O Homem Vitruviano* (Figura 2) de 1492.

A figura masculina desnuda separadamente e simultaneamente em duas posições sobrepostas com os braços inscritos num círculo e num quadrado. O arquiteto Vitruvius já havia tentado encaixar as proporções do corpo humano dentro da figura de um quadrado e um círculo, mas foi Leonardo quem conseguiu. (ARRUDA. 2004)

Nota-se que havia no Renascimento a preocupação com a proporcionalidade e perfeição humanas.

Figura 3



Davi (escultura) de Michelangelo (Figura 3). (ARRUDA. 2004.)

Assim, o contexto histórico, cultural foi responsável pela visão de corpo humano dentro de uma época de dificuldades, retrações e subordinações. O comportamento da população do Medievo foi extremamente controlado, seu pensamento foi manipulado pela Igreja Católica e usando o nome de Deus muitos benefícios foram entregues em mãos injustas.

Tudo relacionado ao corpo humano era considerado heresia, então este vivia escondido, encoberto. Até nas esculturas e nas pinturas.

Os gestos deveriam ser discretos e as atitudes deveriam ser contidas, mas foi com o Renascimento que o ser humano passou do anonimato para a condição de sujeito histórico.

O estudo do corpo humano e os vários usos que fazemos dele é importante porque ele é o espaço físico onde está circunscrito o indivíduo moderno. Para Rodrigues, “o corpo humano é socialmente construído e a análise da representação

social deste oferece uma das vias e acesso a estrutura de uma sociedade particular.” (RODRIGUES, 1979, p.44)

O corpo se une mais estreitamente à máquina, ao autômato ao qual se assemelha. Descartes, no século XVII, na sua obra Tratado do Homem, afirmava: “Suponho que o corpo seja apenas uma estátua ou uma máquina de terra que Deus forma para esse fim.” (DESCARTES, 1993, p.95)

Numa concepção cartesiana, o corpo humano aparece como “configuração da espécie humana de cabeça, tronco e membros.” (HOUAISS, 2001, p.843)

Desta maneira, nota-se uma visão apenas do corpo humano enquanto físico e limitado sob a pele, limitando o indivíduo. Indivíduo remanescente do iluminismo.

Segundo Medeiros (2005, p.54):

Após a Idade Média o corpo é dessacralizado, ou seja, já não é mais algo proibido de se manipular e com a ascensão da ciência separada dos valores religiosos católicos e do espaço da moralidade, o corpo passa a ser objeto de estudo de algumas ciências, principalmente a medicina, que dá um salto muito grande em matéria de conhecimento sobre o corpo humano a partir do momento em que os estudos de anatomia foram sendo ampliados, como consequência desta dessacralização. Um movimento para dentro do corpo humano se inicia no sentido de que ele passa a ser objeto, e como tal passível de estudos e intervenções que possibilitaram a produção, compilação e a posterior aplicação de um maior conhecimento de si.

Importante destacar que o corpo distancia-se cada vez mais do discurso religioso do Medievo e aproxima-se de uma situação levada mais para a mercantilização, para as relações individualizadas em que o corpo está independente social, econômico e político. Mas, também é necessário notar que este corpo será controlado pelo Estado e que deste controle surgirão novas teorias que revolucionarão a vida do ser humano.

2.5 O corpo na Idade Moderna capitalista

A independência do corpo e o controle deste por parte do Estado levam a uma nova construção da história na modernidade. O corpo é explorado no trabalho, é objeto de mídia e é também vítima de experimentos físicos.

Dentro da história moderna, são percebidos estes conhecimentos, que segundo Foucault (1979, p.80):

O capitalismo, desenvolvendo-se em fins do século XVIII e início do século XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo humano, com o corpo humano. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia bio-política.

Nota-se então que o surgimento do corpo humano enquanto objeto científico é elemento marcante e destaque das implicações do capitalismo na nova percepção de como nos vemos e como somos vistos. O capitalismo tem suas práticas e valores assentados numa visão de mundo totalmente racional e instrumental, onde a figura da religião já não tem tanta legitimidade dentro do discurso científico, racional e moderno. A partir da ascensão do capitalismo e, conseqüentemente, da modernidade todas as implicações culturais decorrente dessa nova forma de se organizar social e culturalmente passa a ter agora uma nova forma de percepção do corpo humano, assentada em novos valores e novas ideologias. O narcisismo moderno é uma forma de percepção alienada do corpo, um culto exagerado das curvas físicas humanas.

No século XX a exploração do corpo humano vai nas situações que não se encontram limites pois, encontra-se exposto para seu uso da pessoa na pessoa. Para Moulin (2008, p.39):

A história do corpo humano no século XX é a de uma expropriação e de uma reapropriação que talvez chegue um dia a fazer de cada um o médico de si mesmo, tomando a iniciativa e as decisões com pleno conhecimento de causa. Encorajado pela idéia de uma transparência do corpo, um corpo totalmente exposto, explorado em suas profundezas e, afinal, diretamente acessível ao próprio sujeito.

Se, na Renascença, o indivíduo emergiu, rompeu com o solidarismo, com o corporativismo e com o comunitarismo, o iluminismo gritou pela igualdade, o século XX dotou o ser humano de autonomia, uma autonomia singular, donde isto leva a pessoa, segundo Moulin (2008, p.53):

Há uma solidão. Solidão como mal do século, solidão dos doentes, solidão dos operados, solidão dos moribundos, daqueles a quem de ora em diante compete decidir sobre a sorte de um corpo que não se assemelha a nenhum outro. Tudo concorre para intensificar a solidão.

No século XX, o corpo humano é um objeto visto, estudado sob os diversos aspectos. Visto que ele já pode ser mostrado, exibido, ocupa assim, um espaço sempre amplo nos setores da sociedade. O pudor foi perdendo espaço progressivamente, homens e mulheres foram transformando-se em objeto, reduzindo-se a meros seres de *marché* (mercado).

Para Sohn (2008, p.110):

O recuo do pudor corporal vai-se acelerando no período entre-guerras e se difunde durante os gloriosos anos Trinta. O corpo vai progressivamente se desvelar sob o efeito combinado da moda e do turismo balneário. As mulheres encurtam os vestidos e mostram as pernas sem maldade alguma.

No dizer de Eric Hobsbawm (1997,p.189) referindo-se aos anos de 1914 até 1945 foi “a era das catástrofes. Foram calamidades, conflitos, totalitarismo e genocídio.”

De tudo que foi vivenciado no século XX em relação ao corpo humano, algumas situações ainda aparecem, e até parece que ainda respiramos ares de tal época. Mas, do século passado, a parte mais dolorida que podemos contar refere-se aos maus-tratos sofridos por aqueles que vivenciaram a primeira e segunda guerra mundiais.

Logo, para Audoin-Rouzeau (2008, p.365):

Toda experiência de guerra é, antes de tudo, experiência do corpo. Na guerra, são os corpos que infligem a violência, mas também são os corpos que sofrem a violência. Esta face corporal da guerra se confunde tão intimamente com o próprio fenômeno bélico que é difícil separar a “história da guerra” de uma antropologia histórica das experiências corporais induzidas pela atividade bélica.

Tanto na Primeira como na Segunda Guerra Mundial os países envolvidos não pouparam esforços no sentido de recrutar homens, jovens, para empreender o embate, além daqueles que não foram convocados, mas, por força do descumprimento de

Tratados como o de Haia sofriam também com os combates. Segundo Rouzeau (2008, p.366):

De 1914 a 1918, 70 milhões foram recrutados às armas. Pouco mais de duas décadas depois, a segunda guerra mundial vai mobilizar em escala maior: 87 milhões de ocidentais envergaram o uniforme, em um conflito de duração mais longa. Mas não foram só militares que se viram envolvidos na guerra. Os corpos dos civis não foram poupados também às restrições das mobilizações econômicas e sociais, às quais as mulheres, de modo particular, pagaram pesado tributo, somaram-se os efeitos de uma totalização da atividade bélica surgida em grande escala que transformou os civis em alvos privilegiados do fenômeno da guerra. Alvos indiretos através do esgotamento dos corpos mediante as privações materiais, alimentares em particular, ou ainda pelos longos deslocamentos ligados aos êxodos em massa e aos êxodos forçados. Alvos diretos através das matanças relacionadas com as invasões e ocupações, com os bombardeios estratégicos, com a fome (organizada ou não), com as deportações, enfim (com ou sem intenção exterminadora).

Fica evidente que o corpo na modernidade não é tão independente quanto parece. Controlado pelo Estado, é objeto de mídia e narcisicamente explorado pelo capitalismo que impõe seus moldes e padrões subjetivos e ideológicos. E é nos grandes centros urbanos que moram os corpos isolados, na solidão de concreto, fumaça e barulho, ou confundindo-se com pacotes de lixo pelas calçadas, seguem moribundos lembrando judeus escorraçados pelos guetos varsovianos. A dor está cravada no corpo.

Este corpo doído, estudado halopaticamente também se manifesta em partes e é nele que o sagrado se faz presente, se expressa e descreve numa linguagem religiosa horizontes humanos.

2.6 O corpo e suas expressões

Todo corpo tem sua história. Cada pessoa tem sua história. Cada pessoa é um corpo vivo e como tal se experimenta. Um corpo infinitamente complexo com suas funções diversas e complementares. O corpo que passa pela metrópole, que anda, que rebola, que mexe, que joga, que se transforma, que é topografia do sagrado. A corpografia está no mundo, é um universo dentro de outro universo. O corpo é o espaço onde o sagrado habita de forma singular. Mas, cada parte do corpo é um corpo e conta-nos vários dizeres, transpiram símbolos, aventuras, desvelam horizontes do todo humano. O corpo nos possibilita uma abertura para o mundo e para os outros. A transcendência, a autodeterminação, a liberdade, a auto-consciência, o auto-domínio e auto-expressão só são possíveis graças ao corpo. Somos chamados a viver um “corpo entusiasmado”, no sentido etimológico da palavra: corpo inspirado por Deus.

Então disse Deus: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele reine sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos e sobre toda a Terra e sobre todos os répteis que se arrastem sobre a terra.” (Gn. 1,26) Feito à imagem e semelhança de Deus, o corpo humano é postulado desde o princípio como um território do Sagrado. Para Miranda (2007, p. 11), “o corpo não se trata apenas de um monte de órgãos, vísceras, fluidos e funções. Todas as partes do corpo humano são hipostasiadas (hypostasis, no grego que significa Pessoa única e irrepetível, ícone divino.) e dotadas de atributos psíquicos e espirituais. Cada parte do corpo humano leva em si mesma uma consciência do verdadeiro Eu e de sua unidade. O que é e o que significa para o ser humano cada parte de seu corpo, como: pés, mãos, joelhos e cabeça?

A palavra *pé*, na origem grega *podos*, nos mostra que o pé é símbolo de nossa força, é suporte para permanecermos eretos, é a base. É o equilíbrio do corpo, o equilíbrio de nosso psiquismo, e de nossa vida espiritual no nosso enraizamento. De nossas raízes, de como nos fincamos nos terrenos ou de como nos locomovemos.

Para Soares (1999,p.78) *Pé* é a extremidade inferior dos membros dos animais terrestres que assenta no solo. No homem e outros bípedes, o termo se aplica apenas à parte final das extremidades inferiores. O pé tem 29 ossos e divide-se em 3 partes: tarso, parte superior, que liga com os ossos da perna; metatarso, parte mediana; dedos, são normalmente cinco e que assentam o solo. Existem termos vulgares para algumas partes

do pé: planta do pé, parte que assenta no solo; calcanhar, é coberto com pele mais espessa que o restante do corpo e tornozelo, que é a articulação do pé com a perna.

Assim, neste ambiente de partes, a base estrutural locomotora física ou o que nos finca no local, nos leva a todos os lugares. Nossos pés são para os antigos como se estivéssemos dançando quando estamos andando. Para Freud, na sua obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, diz que “o pé tem um significado fálico e o sapato é um símbolo feminino. Cabe ao pé adaptar-se ao sapato.” (1997, p.29)

Não podemos nos furtar de citarmos a mitologia grega e lembrar dos mitos do calcanhar de Aquiles e do tornozelo de Édipo. Para Cabral, “Hermes filho de Zeus e Maia, era o mensageiro dos deuses e tinha os pés alados. Este símbolo é muito importante porque faz referência a todo caminho de transformação, individuação. Do pé de Édipo para o pé de Hermes, um caminho de transformação.” (CABRAL, 2004, p.179)

Ainda diante dos gregos, segundo Cohen “alguns filósofos acreditavam que mover os pés ajuda a usar o cérebro e os seguidores de Aristóteles eram conhecidos como peripatéticos porque andavam enquanto ponderavam seus pensamentos profundos.” (COHEN, 2009, p.102)

Na Bíblia, o evangelho de João, diz que Jesus lavou os pés de seus discípulos. (Jo 13,1-15) Do ponto de vista simbólico, lavar os pés de alguém é devolver-lhe sua capacidade, é recolocá-lo de pé.

Os pés nos assentam no chão, permitem a postura vertical, a marcha e são um dos mais importantes lugares simbólicos do corpo humano. Objeto de tantos mitos, os pés são o lugar de contato entre o homem e a terra, ponto de partida para sua verticalização, elevação e ascensão. Os pés representam a força da alma, o suporte da postura ereta, a base de nossa estatura, o domínio do TER. Para Miranda (2007, p.63):

Com sua forma de germe, os pés evocam o potencial, o rudimento do ser, a causa, a semente. Em seu início, em seu primeiro estágio, o homem fetal assume a forma de germe, ponto de partida de toda a sua potencialidade no momento em que se banha nas águas matriciais do útero materno. [...] Os pés são o primeiro broto do corpo do embrião e estão fortemente associados à idéia material e energética de origem, início, começo, princípio, *bereshit* (em hebraico: *be*=em; *reshit*=começo, parte inicial, princípio) arké em grego, o arquétipo, nossa inserção. *Bereshit* é a primeira palavra e também por extensão o nome do primeiro livro da Bíblia.

No extremo oposto ao pé, no corpo humano, está a cabeça. Do latim *cap*, junto com *teasta*, ambos significando cabeça no sentido anatômico. Local onde estão os órgãos

dos sentidos, como visão (olhos), audição (orelhas), olfato (nariz) e boca (língua, de onde vem o paladar).

Para Soares (1999, p.36) *cabeça humana* é, no seu topo, formada pelo crânio, que protege o encéfalo. Este está ainda protegido de lesões exteriores pelas meninges e pelo líquido cefalo raquidiano. Os órgãos sensoriais, inseridos em cavidades formadas pela própria estrutura óssea cefálica ligam-se, a partir de nervos, ao cérebro que traduz os dados por eles recebidos nas nossas sensações e percepções, registrando na memória. A parte anterior da cabeça é a face. A parte posterior apelida-se de nuca. É possível rodar ou inclinar a cabeça graças a duas vértebras no cimo da coluna vertebral. A cabeça mantém-se direita graças a ação dos músculos e ossos que compõem o pescoço.

Para César e Sesar (2005, p.307):

A cabeça formada pelo crânio que protege o encéfalo e este é protegido pelas meninges, os órgãos sensoriais ligam-se pelos nervos ao cérebro que traduz os dados por eles recebidos nas nossas sensações e percepções, ficando na memória. A parte anterior da cabeça fica a face e a parte posterior fica a nuca.

Comando do corpo, diretriz humana ou também chamada até de mundo, a cabeça norteia o corpo onde quer que ele vá. Pensa, reflete e graças a seu cérebro e também a seus órgãos, transforma tudo em ações. Com ela nós assentimos, dizemos que sim ou, dizemos que não, inclinamos para frente e para trás, para um lado e para o outro. Direcionamos a vida.

No que se refere ao comportamento gestual, a cabeça pode nos dizer alguma coisa. Quando os atletas ficam com raiva, costumam colocar as mãos atrás da cabeça. Navarro (2003, p.105) comenta:

Observei atletas tocando na nuca imediatamente depois de ouvirem as advertências dos árbitros e todas as vezes eram precisos reconhecer suas ações faltosas. Também notei a velocidade com que o braço vai até a nuca e a cabeça é importante, e a quantidade de força aplicada depois que a mão alcança a cabeça ou a nuca.

Segundo Cabral (2004, p.130):

Para os gregos, os corpos eram utilizados potencialmente em competições ou em conflitos. Os atletas exercitavam-se completamente nus independentemente de sua idade, e a cabeça descoberta mesmo sob o sol ardente ou protegida com pele de cão. O indivíduo usava algum tipo de proteção em casos de guerras, quando usavam o elmo protegendo-se de golpes e pancadas.

O primeiro estágio corporal, o do TER, lembra a infância e o segundo, o do SER, a idade adulta. O terceiro estágio, a cabeça, Ketér, é determinado pelos novos

campos de consciência espiritual abertos ao longo dos dois estágios anteriores. A cabeça é simultaneamente a primeira a receber as emanções divinas.

Posteriormente elas brilham em cada um dos atributos das sefirot. Ligada a essa emanção primordial, a cabeça é como uma ponte espiritual. Essa sefirá nos conecta à essência de Deus e nos unifica com todos os atributos das sefirot. (MIRANDA, 2000, p.206)

Em hebraico a mão é simbolizada pela letra Y (*Yod*), que encontrada no tetragrama YHVH, significa Javeh (*Yod hé vav hé*), divino. A palavra mão está ligada ao conhecimento. (LELOUP, 2009, p.124)

Para Soares (1999, p.50), a *Mão* é a parte final da cada extremidade superior (ou braço), principalmente nos mamíferos bípedes, mas também se usa este termo e os nomes de muitos de seus constituintes para designar os órgãos equivalentes em muitos vertebrados (as extremidades dos membros anteriores) e mesmo em alguns invertebrados, como nas pinças de alguns artrópodes, como os caranguejos. A mão divide-se em três regiões: carpo, metacarpo (os ossos da palma da mão) e dedos.

Grande parte do espaço cerebral dedica-se às mãos, e isso acontece porque as mãos ajudam a criar a nossa inteligência. Piaget (1973, p.94) diz que “a medida que o bebê explora seu mundo com as mãos, ele começa a desenvolver a inteligência sensório-motora, que é a raiz de toda a inteligência.”

A mão também tem um papel acolhedor, de conforto, de controle, de amparo e segundo Cohen “as palmas das mãos podem demonstrar ansiedade, ou resignação e, também quando rezamos as palmas ficam juntas, juntamos os dedos em forma de torre apontando pra o céu.” (COHEN, 2010, p.98)

O pugilismo é uma das modalidades esportivas mais antigas, sua forma primordial foi conhecida em Creta no período minóico. O uso das mãos nestas competições eram cobertas com *himantes*, ou tiras de couro macio de boi para firmar a articulação do pulso e estabilizar os dedos. (CABRAL, 2004, p.236)

Desde o aspecto religioso, artístico, atlético, bélico, místico, no labor, passando pelo simples aperto de mão até um aceno, são infinitas as utilidades para esta parte articulada do corpo humano. Mãos que também olham, e que o imperialismo do cérebro perde terreno diante da valorização da inteligência das mãos de um artesão, que faz pulsar seu coração.

Não podemos esquecer as expressões diárias como: “Governar com mão de ferro”, “Bordar com mão de fada”, “Escrever com mão de mestre”, “Abrir mão de

algum direito”, “Dar uma mão a alguém”, “Estar de mãos atadas diante de um problema”, “Lançar mão de uma estratégia”, “Estender a mão a alguém”, “Pedir a mão da moça em casamento”, “Por mãos à obra” e “Estar nas mãos de alguém” que retratam situações metafóricas para força, poder, domínio sua aplicação figurada provém do fato de as mãos serem instrumento mais universal de que o ser humano dispõe. Além de instrumento, as mãos são ainda meio de comunicação entre pessoas de idiomas diferentes. Mas, também através de nossas mãos, podemos comunicar algo maior que nós e que nos coloca diante da união com o Sagrado, como: Eis o que diz o Senhor Deus que criou os céus e os desdobrou, que firmou a terra e toda a sua vegetação, que dá respiração a seus habitantes, é o sopro vital àqueles que pisam o solo: Eu, o Senhor, chamei-te realmente, eu te segurei pela mão, eu te formei e designei para ser a aliança com os povos, a luz das nações. (Is. 42, 5-6)

Como a letra *Iud*, do tetragrama IHWH, ela é ligada ao conhecimento: *iada* As mãos representam na tradição judeu-cristão o conhecimento e o poder, evocam o braço e a autoridade. A mão é um emblema real, instrumento de preponderância, supremacia e sinal de domínio (Miranda, 2000, p.178)

Anatomicamente, esta parte do corpo, cujo elo entre a coxa e a perna nos permite articular para andar, curvar e nos apoiarmos sobre eles e também curvar para sentarmos sobre os calcanhares. Como parte também integrante do corpo e que interage em alguns momentos com a terra, com o chão propriamente dito.

A palavra joelho vem do latim vulgar *genuculu*, um diminutivo de *genu* e está vinculada a dinâmica do TER, é a sede principal da força do corpo, símbolo da autoridade do homem, do seu poder social e a origem de uma série de expressões idiomáticas em nossa cultura, vinculadas a temática da força e do poder, como dobrar os joelhos (sinal de humildade); fazer dobrar os joelhos (impor sua vontade a alguém).

Para Soares (1999, p.58) “o joelho é uma articulação do corpo humano e de outros mamíferos. Formada pela extremidade distal do fêmur, pela extremidade proximal da tíbia (e pela patela (rótula)). Ainda possui ligamentos que estabilizam a articulação, auxiliados pelos meniscos (interno ou medial e externo ou lateral), que estabilizam o joelho, e amortecem os impactos sobre as cartilagens.”

A chave para uma articulação de joelho saudável é a estabilidade da articulação. A configuração óssea, os meniscos, os ligamentos, a cápsula e os músculos que cercam a articulação do joelho produzem a sua estabilidade. Os ligamentos são os estabilizadores primários para a translação anterior e posterior, angulação vara e valga, e para rotação

interna e externa da articulação do joelho. O ligamento cruzado anterior (LCA) é a restrição predominante ao deslocamento tibial anterior, pois aceita 75% da força em extensão completa e um adicional de 10% (até 90°) de flexão do joelho. Assim, o LCA é o mais exigido no dia a dia de uma pessoa saudável, que pratica esporte, por lazer ou profissão.

Na África denomina-se o joelho, como sendo o nó do cajado da cabeça. Os joelhos são o cajado do poder político.

Para Miranda (2000, p.81) “Plínio, o Ancião, na tradição romana, assinalava o caráter religioso dos joelhos. Nesta época, tocar os joelhos de alguém, significava pedir-lhe proteção ou pedir-lhe para ser adotado como seu filho ou filha. E também, eram o símbolo da potência.

Encontramos na tradição bíblica, este tema dos joelhos no Primeiro Livro dos Reis (Rs1, 18; 42-46), quando Elias sobe na parte mais alta do Monte Carmelo. Ele se inclina profundamente, coloca o rosto entre seus joelhos e pede chuva para a terra. Porque a terra tornou-se seca de tanto sol. E as plantas e a vida estavam a ponto de serem destruídas. É a primeira postura de prece que se encontra nos escritos hebraicos. Então, colocar a cabeça entre os joelhos é pedir uma bênção. É pedir ao céu que desça à terra.

2.7 A violência no futebol

2.7.1 Raízes do futebol – Enfoques históricos

Observando todo processo histórico e dentro deste as formas de competições e normas de convivência pelas quais o ser humano passou e dentre elas, os jogos, as regras destes raramente foram discutidas e algumas vezes violadas. Alguns casos foram registrados nos quais um atleta foi punido por ter causado a morte do seu adversário ou por ter desferido um golpe ilegal. Assim, para falar da agressividade no futebol, desta atividade que tem no corpo um elemento importante, faz-se necessário uma revisão histórica de suas raízes, assim como sua origem na Inglaterra e seu aparecimento no Brasil.

É nesse enfoque histórico, que segundo Arruda (2004, p.18), “na Idade Antiga, no século II a.C., nas planícies da Mesopotâmia o homem começa a conviver com outro homem, vivendo em sociedade e dando início as agregações, a constituição dos grupos.” E assim, aos conflitos de interesses e conseqüentemente à competição. Divergências individuais e familiares surgiram e passaram a ser solucionadas também por meio de lutas, caracterizadas por vitórias e derrotas e assim, o ser humano necessitava estar preparado para estas contendias surgidas à postos pela convivência social. E sendo assim, cuidava de sua preparação corporal visando confrontos, visando guerras e até competições em que a forma física era primordial.

Ainda na Idade Antiga, no século III a.C., em Roma, gladiadores competiam tendo suas vidas em jogo, cujo objetivo da luta era o entretenimento da plateia, a alegria do público ali presente, fazendo parte da política do “pão e circo” (*panis et circensis*).

Na Alta Idade Média, as diversões assim como tudo o que se referia principalmente ao contato corporal precisava passar pelo crivo da Igreja Católica. Então uma prática entre militares em que era permitido o uso de socos e pontapés chegavam até à morte de muitos.

Já no decorrer do século XVIII, na Inglaterra, quando a sociedade estava dividida em classes e que a burguesia dava seus sinais de domínio político e econômico, juntamente com a industrialização provocada por uma revolução, os contatos lúdicos grupais davam-se, sobretudo nos arredores das fábricas e nas ruas amontoadas de gente.

Todas essas práticas eram baseadas em um conjunto de princípios e regras morais em seus momentos históricos, ou determinavam como esse homem deveria se comportar, o que poderia fazer e o que não era permitido. É desta maneira e nesse contexto de nuances históricas que tem início a extraordinária e rica história do futebol.

Na remota Ásia do século III a.C., povos de várias partes do mundo já usavam os pés para controlar um objeto que muito tempo depois irá chamar-se bola. Os registros mais antigos de um antepassado direto do futebol foram encontrados na China.

Segundo Vieira, citando Abrúcio e Massarani que:

a aproximadamente 3.000 anos, os chineses chutavam crânios de inimigos mortos. Outros povos também tinham esse costume, só que na China os jogadores tinham de chutar a 'bola' entre duas estacas fincadas no chão exatamente como é hoje: a bola tem de ir para dentro do gol. Com o tempo, os crânios foram substituídos por bolas feitas de couro, cheias de penas, pêlos e capim. Outras regras foram aperfeiçoadas e pronto: estava criado o *tsu-chu* (*Tsu* significa "lançar com os pés" e *Chu* "bola feita de couro"), o mais antigo parente conhecido do nosso futebol (ABRUCIO; MASSARANI APUD VIEIRA. 2004, P.7).

Há relatos de que havia campo com medida de 60 metros de extensão e 30 metros de largura, as equipes eram formadas por oito a doze jogadores. Estes tinham que acertar a bola em redes penduradas entre duas estacas de bambu separadas por 40 centímetros (era a nossa trave atual de forma bem rústica e artesanal). Usavam-se os pés, as costas e os ombros para tentar se desvencilhar dos adversários.

Na mesma época em que havia o *tsu-chu*, o jogo de bola também corria solto em várias partes da América Central. Era um jogo de emoção, e ganhar ou perder era literalmente uma questão de vida ou morte. No fim da partida, alguns jogadores podiam ser decapitados!

Muitos povos que viviam naquela época praticavam o jogo, entre eles estão os olmecas, teotihuacanos, maias, astecas, etc. Havia, entre eles, algumas variações na forma de ser jogado.

A bola era feita de borracha retirada de várias espécies de vegetais, como ocorre hoje nos seringais; era duríssima e pesava pelo menos três quilos, ou seja, seis vezes mais do que a bola usada hoje em dia. O jogo era rápido e perigoso, com a bola voando rapidamente de um lado para o outro.

Geralmente eram dois times de 1 a 7 jogadores, que se enfrentavam em um campo dividido em duas partes; a bola não podia ser tocada com as mãos, os pés ou a cabeça. Só poderia ser golpeada com o antebraço, os ombros, as costas ou as cadeiras.

O campo era em forma de “I” ou de dois “T” – colocados, um de cabeça para baixo e outro de cabeça para cima, cercados por dois muros em suas laterais. Nesse estava o gol, uma esfera com um buraco super pequeno no meio, por onde a bola deveria passar. Para Abrucio e Massarani (2004, p.10):

O triunfo maior era, como hoje em dia, acertar o gol. Porém também ganhava ponto quem fazia com que um adversário tocasse a bola com as partes proibidas do corpo e quem lançava a bola na parede oposta ou por cima da muralha.

Também praticado nesta região central da América, segundo Arruda (2004, p.148) o jogo da Péla. Ele era:

Disputado próximo aos templos, e tinha caráter sagrado. Era praticado em um campo retangular, com uma bola de borracha extremamente pesada e dura, que representava o sol. Os jogadores podiam movimentar a bola apenas com a cabeça, os braços e as pernas; não podiam tocá-la com as mãos nem com os pés. O jogo tinha duplo significado: simbolizava o combate das forças cósmicas e servia de fonte de presságios. A vitória da equipe que ocupava o lado ensolarado do campo era interpretada como um presságio favorável. A vitória da equipe que ocupava o lado sombrio era sinal de mau agouro.

Em Roma, no século II a.C. o *harpastum* tomou uma forma bastante violenta, devido ao domínio dos romanos sobre os gregos. Os gregos criaram um jogo por volta do século I a.C. que se chamava *episkyros* em que soldados dividiam-se em duas equipes e nove jogadores cada e jogavam num terreno de forma retangular. Estas, eram formas embrionárias do futebol. (MAURÍCIO; REIS, 2004, p. 21).

Da prática grega *episkyros* originou-se o romano *harpastum*, um jogo que atraía até os mais absolutistas dos imperadores. O numero de jogadores variava e podia chegar a centenas de pessoas em cada um dos lados.

Entretanto, para Abrucio; Massarani (2004, p.15) o campo romano tinha outra dimensão:

Era em forma de um retângulo e era um pouco menos que o de hoje. Áreas demarcadas definiam as posições dos jogadores de ataque e defesa. O objetivo era arremessar a bola através da meta adversária. Entretanto a violência era tanta que muitos jogadores feridos e até morriam no fim das partidas.

Com as conquistas romanas, esse lúdico e antigo esporte e que antecede nosso futebol acabou se espalhando por outras regiões da Europa. Na antiga Gália, atual França, foi criada uma versão do *harpastum*, que foi chamada *soule*, com regras que variavam muito.

Segundo Vieira, ao citar Abrucio e Massarani diz que nas ruas da Florença medieval e de outras cidades italianas, apareceu um jogo denominado *giuoco di calcio* que era assim praticado:

o *giuoco di calcio* (jogo de chute). Era um esporte jogado pelos nobres, bem mais organizado que seu primo inglês. Cada equipe tinha 27 jogadores, uniformizados com cores alegres, divididos em 4 setores: 3 zagueiros recuados (atrás), 4 zagueiros avançados (na frente), 5 médios (meio-campo) e 15 atacantes. (ABRUCIO; MASSARANI apud VIEIRA. 2004, p. 17).

Na Inglaterra dos séculos XIV ao XVII o jogo chegou e passou de uma diversão de nobres e treinamento de soldados, com um tempo de proibição, a uma diversão popular, com regras, organizado e sistematizado.

No entanto, a realeza não ficou muito satisfeita com essa popularidade já que o povo não iria mais se interessar pela esgrima ou arco e flecha – esportes mais úteis em tempos de guerra.

Assim, a realeza inglesa nas pessoas dos reis Eduardo II, em 1314, Eduardo III, em 1331, Henrique IV, em 1410, e Henrique VI, em 1547, criaram leis para proibir o futebol – como já era chamado o esporte.

O povo sofria com a violência e as proibições ao futebol. Até os religiosos, que gostavam muito do esporte eram obrigados a jogar às escondidas, nos mosteiros e nos pátios de igrejas.

A dinâmica do jogo funcionava dessa forma: levar uma bola de couro de uma cidade até a outra, atingindo a meta ou a cidade – portais da cidade.

As partidas eram violentas e apostavam-se quase tudo: a reparação de um insulto, uma mulher, uma vaca, etc.

“As equipes eram compostas de 1.500 jogadores e era permitido utilizar instrumentos como foices, bastões ou o que se encontrasse à mão. Apesar do contexto violento era considerado esporte, já que o objeto do jogo era a bola”. (MAURÍCIO; REIS, 2004, p. 22).

Existiam outras formas de jogo: em campo aberto, na água, perto de rio, junto a uma árvore, ou pedra, num espaço que nos faz lembrar mais uma várzea e cujo objetivo era manter a posse da bola.

Com a evolução do jogo, passou a ser proibido o uso de instrumentos incisivos, porém permitiam-se pontapés, socos e objetos que não fossem pontiagudos, embora ainda ocorressem acidentes quase sempre fatais.

As partidas começavam nos sábados e terminavam nos domingos, antes da missa, geralmente com placar de 0x0 ou 1x0, já que não havia tempo para fazer mais de um gol. As regras diferenciadas e as maneiras de se jogar vinham ocorrendo com o nome de “futebol”.

“Contudo, foi entre os anos de 1400 a 1642, na Inglaterra, que começou a existir o jogo mais semelhante ao futebol, a permissão para sua prática dependia da religião do rei”. (MAURÍCIO; REIS, 2004, p. 22)

Foi então que em 1660, o rei Carlos II permitiu que o povo inglês voltasse a bater bola sem se esconder. Sendo assim, os ingleses tiveram que criar regras e deixar o futebol menos agressivo para poderem jogar em paz.

O futebol foi regulamentado e passou a fazer parte das atividades físicas de diversos colégios onde estudavam filhos da nobreza inglesa, num campo que deveria medir 120 x 180 metros e nas duas pontas seriam instalados dois arcos retangulares chamados de gol – o problema era unificar as regras, em algumas escolas os jogadores podiam carregar a bola com as mãos e os pés. Essa modalidade acabou virando o esporte conhecido como rúgbi.

No ano de 1848, numa conferência em Cambridge, estabeleceu-se um único código de regras para futebol. Pequenas mudanças no jogo foram sendo colocadas em prática, o futebol jogado no ano de 1863 era quase idêntico ao de hoje. O futebol estava sedimentado e a concretização foi realizada:

Em 29 de outubro de 1863, 11 representantes de clubes e universidades inglesas reuniram-se em Londres, com o intuito de unificar as regras do jogo. A deliberação mais importante fazia referência ao uso dos pés e mãos por todos os jogadores. Foi proibido o uso das mãos; quinze dias depois, após uma nova reunião, surgiu a codificação das regras (MAURÍCIO; REIS, 2004, p. 23).

No ano de 1871, foi criada a figura do guarda-redes (goleiro) que seria o único que poderia pegar a bola com as mãos e deveria ficar próximo da barra para evitar a entrada da bola. Em 1875, foi estabelecida a regra do tempo de 90 minutos e é adotado o uso do travessão nas barras, em 1878 a adoção do apito pelo árbitro, em 1883 surge o primeiro sistema de jogo (Sistema Clássico), em 1885 foi criada na Inglaterra a *International Board* cujo objetivo era estabelecer e mudar as regras do futebol quando necessário, em 1891 foi estabelecido o pênalti para punir a falta dentro da área, e só em 1907, foi estabelecida a regra do impedimento, sendo que, na França em 1904, havia sido criada a FIFA (Federação Internacional de Futebol Associação) que organiza até hoje o futebol em todo mundo.

Nota-se que a condução de um objeto, que historicamente eram cabeças humanas, depois objetos recheados de capim, crina, algodão, palha, casca de cereais de um lado até outro, aparece de forma violenta, competitiva e conflitiva num contexto de disputas e eminentemente ofensivo, variando com seus participantes, e que passa a chamar-se bola graças aos ingleses. Jogava-se de acordo com o tamanho do campo e os jogadores eram distribuídos aleatoriamente pelo campo, com o goleiro, um zagueiro, um médio³ e oito atacantes. Jogava-se de acordo com o tamanho do campo. Nos campos mais espaçosos, utilizava-se o “*running game*” (jogar correndo).

O futebol espalhou-se pelo mundo, particularmente levado por ingleses. Hoje, 204 países no mundo inteiro fazem parte da FIFA. E não são apenas os homens que entram em campo, existem campeonatos mundiais femininos e em alguns países, como os Estados Unidos, mais mulheres praticam o esporte.

Dentre todos os países que praticam o futebol, aquele que melhor se adaptou a sua prática - incorporando situações surpresas, maneiras insinuantes de superar os adversários com gingados, molejos estoteantes que deram nomes aos dribles (*dribbling*, admirado pelos ingleses), como: paradinhas, “bicicletas”, “foquinhas”, “canetas”, “drible da vaca” - o mais vitorioso é o Brasil.

Mas não há como referir-se ao futebol sem mencioná-lo praticado no Brasil, e também assim fazer alusão a sua história, seu ícone pioneiro, com seus envolvimento sociais, políticos e econômicos.

³ Médio – nome dado ao atleta que jogava na posição de meio campo. MASSARANI, Luisa; ABRUCIO, Marcos. **Bola no pé: a incrível historia do futebol**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 17.

2.7.2 O futebol aparece no Brasil

Foi no final do século XIX, nos últimos anos do segundo reinado, oficialmente o Brasil tinha acabado com o escravismo e tinha o café como produto agrícola na ponta das exportações. A colônia inglesa era muito numerosa no Brasil, especialmente nos grandes centros urbanos, atuando na exploração dos transportes ferroviários, energia e atividades bancárias, além de outros importantes segmentos da economia nas quais os ingleses participavam com tradicional competência.

Nesse período nasce o futebol no Brasil pelas mãos de Charles Miller:

Charles William Miller nasceu em 24 de novembro de 1874, na chácara de seus avôs maternos, na Rua Monsenhor Andrade, 24, no bairro do Brás, São Paulo, filho de pai escocês chamado John Miller e de mãe brasileira chamada Carlota Alexandrina Fox Miller, filha dos ingleses Henry Fox e Harriett Mathilda Rudge Fox. Foi estudar na Inglaterra e aprendeu o jogo tão em moda no país (GUTERMAN, 2009, p.14).

O pai de Miller viera ao Brasil para trabalhar na São Paulo Railway Company, Limited, em meio ao boom de construção de ferrovias no Brasil.

Tamanha riqueza, como era previsível, atraiu a atenção da principal potência mundial, o império britânico. O investimento seguiu o padrão daquele que ficou conhecido como “o século dos ingleses” na América latina. O avanço do investimento de infraestrutura, sobretudo de transportes, resultou na expansão das cidades, gerando outros tipos de demanda. Mesmo nas grandes concentrações urbanas brasileiras não passavam de povoados com pouca ou nenhuma estrutura. Para Guterman:

As comunidades britânicas atraídas para trabalhar no Brasil são insignificantes do ponto de vista demográfico, razão pela qual não aparecem entre os maiores contingentes de imigrantes recebidos pelo país entre o final do século XIX e o começo do século XX. (GUTERMAN, 2009, p.15)

Para os pais de Charles Miller era muito importante que ele e seu irmão John Henry fossem alfabetizados no idioma inglês. Como ainda não havia escola bilíngüe na cidade, eles foram alfabetizados em casa. O português aprendeu de forma natural, como quaisquer garotos nascidos em São Paulo.

Somente em 1926 foi fundada a primeira escola britânica no estado de São Paulo, a St. Paul's School, hoje localizada no jardim Paulistano, na capital paulista.

Foi por dificuldades como essas, que John Miller e Carlota decidiram enviar seus dois filhos, John Henry e Charles, para estudar na Inglaterra.

No outubro de 1884, Charles e John Henry, juntos com seu primo William Fox Rule, viajaram para a Inglaterra para lá completar seus estudos. Chegando ao porto de Southampton em 29 de julho.

O trajeto de Santos ao porto inglês, no Canal da Mancha, era feito em vinte dias, e um dos passatempos dos passageiros, além de comerem e descansarem bastante, era jogar *schffleboard* um jogo disputado com discos de madeira e parecido com o boliche.

Outro entretenimento eram as corridas com cavalos de madeira, realizadas numa espécie de mini-hipódromo, com suas respectivas raias; as atividades aconteciam no convés do navio.

O garoto Charles Miller desembarcou em Southampton, na costa sul da Inglaterra, banhado pelas águas do Canal da Mancha, em pleno verão. Naquele tempo, o Imperio Britânico vivia seu auge sob o reinado da rainha Vitória, amada e respeitada por todos os súditos, e a três anos do Jubileu de sua coroação. “A juventude britânica cultuava o esporte de maneira integral; *mens sana in corpore sano* (uma mente sã no corpo saudável) diziam. Os jovens se inspiravam nos gregos antigos, atenienses, helênicos, espartanos e coríntios” (MAURÍCIO; REIS, 2004).

Nas escolas e nas universidades, os esportes faziam parte do currículo, e os estudantes dedicavam-se à prática de *críquete*⁴, tênis hóquei, rúgbi, além de um novo e cativante esporte - *association Football* (associação de futebol).

Ebnezer Cobb Morley foi o primeiro entusiasta a organizar o futebol da maneira como este esporte é conhecido hoje. Solicitou uma reunião dos representantes dos clubes da área de Londres tencionando formar uma associação com objetivo definido de estabelecer um código de regras para o futebol. Os clubes e as equipes desse novo esporte *associations football* multiplicaram-se aos milhares.

O futebol e o rugby eram parecidos. No primeiro, eram onze contra onze, a bola era chutada com os pés ou usava a cabeça. No segundo, era carregada com as mãos e ocasionalmente chutada, mas sempre para frente.

Em setembro de 1886, dois anos depois de terem chegado à Inglaterra, Charles e seu irmão John Henry receberam a visita do pai. Ele, com o irmão William, que o acompanhava, estavam a caminho de Glasgow, onde John seria operado de uma hérnia.

⁴ Jogo que se disputa em um gramado, entre duas equipes de onze jogadores, com pequena bola maciça e pás de madeira para batê-la e rebatê-la entre as balizas de um lado e do outro. TUBINO, Manoel. Dicionário Tubino do Esporte. Rio de Janeiro: SENAC Editoras, 2007.

A felicidade do garoto Miller em rever o pai Jonh, se transformou em grande pesar pouco depois, ao saberem do seu falecimento em 6 de outubro em Glasgow, de complicações resultantes da cirurgia.

No ano de 1889, Charles Miller e Jonh Henry já tinham sido escalados para a equipe aspirante da escola, e de um determinado jogo-treino foi dito que eles tinham driblado todos que apareceram a sua frente, para o delírio dos espectadores.

Em outubro desse mesmo ano, num campeonato de *sixes* (jogo semelhante ao futebol de salão) o irmão de Charles, Jonh quebrou a clavícula e permaneceu parado por algum tempo. Como Jonh havia completado dezessete anos, ao terminar seus estudos retornou a São Paulo.

Em março de 1892, Charles recebeu um telegrama informando que seu irmão havia falecido de disenteria, em São Paulo. A notícia abalou-o demais, mas sua concentração nos estudos, e especialmente nos esportes, ajudou-o a superar as duas perdas, a do pai, ocorrida seis anos antes, e a do irmão.

Assim como hoje, naquela época os treinadores estavam sempre à procura de talentos locais. Não se constrangiam em convidar jogadores de escolas e clubes rivais para partidas amistosas.

Segundo Vieira, aos dezessete anos, Miller foi escalado para um jogo contra a equipe do Exército do Quartel de Aldershot (em 18 de abril de 1892) e chamou a atenção do professor Banister Court School, que assistia ao jogo do treinador do St. Mary's, que disse:

Temos aqui na escola vários bons garotos que levam jeito para o futebol, especialmente um chamado Charles Miller, que veio do Brasil e parece ter nascido para esse jogo. Um raro talento é ouro puro. É um artilheiro nato e recomendo sua escalação. Não vai se arrepender. (MILLER apud VIEIRA 2006, p. 37).

Foi esse o batizado de Charles Miller no futebol inglês, e sua estréia não poderia ter sido mais auspiciosa. Seu primeiro jogo oficial em campo inglês pode ser comparado ao impacto do primeiro jogo de Pelé em campos suecos na Copa do Mundo de 1958.

Dois dias após esse jogo, Charles disputava outro, que viria a ter importância fundamental para o futebol brasileiro. Foi convidado para um amistoso pelo mais famoso clube amador da época na Inglaterra, o Corinthian Football Club.

Um futuro grandioso aguardava o garoto Charles, sua carreira desportiva florescia na Banister Court School, onde o jovem atacante atingiu a incrível marca de 45 gols em 34 jogos; também encontrou lugar no ataque da primeira equipe do St. Mary's e da Seleção de Hampshire. Nessa época, já era conhecido como *Nipper* – que significa moleque veloz, ágil, célere.

Uma semana antes de Charles Miller deixar a Inglaterra de volta ao Brasil, em outubro de 1894, aconteceu a tradicional festa do *Annual Distribution of Prizes*, a distribuição anual de prêmios da Banister Court School. Era uma das solenidades mais importantes das escolas britânicas, quando autoridades locais e familiares entregavam prêmios aos alunos que mais tivessem se destacado acadêmica e desportivamente no ano. Vieira faz referência a uma revista que elogia Miller, assim:

O treinamento da vida escolar não visa somente o sucesso nas provas acadêmicas. Ele almeja formar homens de caráter firme e confiantes, e esse homem, não tenho dúvida em afirmar, foi encontrado em uma pessoa que acaba de partir. Charles Miller não foi somente um esplendido jogador, mas organizou todas as atividades esportivas da escola até o dia de embarcar. Também se interessou muito pela organização do futebol do *Condado de Hampshire*. Essa eficiência, ou melhor, altruísmo e perseverança são o que leva um homem a ter sucesso na vida. (MILLER apud VIEIRA. 2006, p.43)

Para o sucesso da cultura brasileira e nela o futebol, Charles Miller retornava ao Brasil, sua terra natal, trazendo na bagagem elementos que enriqueceriam um esporte que não imaginava que fosse causar tanto impacto na história do povo brasileiro.

Ao entrar no Brasil com tais tesouros fazia como fizeram os desbravadores, pioneiros ao adentrarem numa região a ser explorada. Influenciava os povos no processo de aculturação, mudando hábitos e costumes numa prática lúdica, física e mental desde o século XIX.

Nesta mala cultural estavam: um livro de regras da *Association football* (Associação de Futebol), camisas de times que havia defendido na Inglaterra, duas bolas de futebol, um par de chuteiras e uma bomba de ar para encher as bolas.

Assim, acabara de desembarcar no Brasil, o futebol.

Charles Miller desembarcou no porto de Santos, de volta ao Brasil após encerrar seus estudos na Inglaterra. Em seu retorno, aguardavam por ele sua mãe Carlota, tios e muitos familiares.

A idéia de Miller quando retornou era difundir aqui o futebol que ele havia apreciado na Inglaterra em partidas memoráveis. Os esportes que estavam na moda quando Charles retornou a sua cidade natal não substituíam seus anseios futebolísticos.

O primeiro esporte que verdadeiramente interessou ao paulistano foi a *pela* ou *pelota*, originária do País Basco, também chamado de *jai-alai* e *paleta*. Esse esporte causou furor na época, e os jogadores, chamados de *pelotaris*, existiam em grande quantidade. Não é a toa que aquela partida sem compromisso, de final de semana ou não, chama-se *pelada*.

Qualquer parede, meio de rua ou calçada, qualquer lugar era usado como local para arremesso, mas o jogo se profissionalizou de maneira tão rápida que acabou caindo em desgraça por causa das apostas em dinheiro que se fazia por suas partidas.

O refúgio para os que se afastaram da pelota basca foi o ciclismo e o remo. O primeiro praticado por italianos e franceses, e o segundo praticado por portugueses em Santos desde 1896.

Miller não via com bons olhos os esportes individuais, pois não estimulavam espírito coletivo a que estava acostumado. Por isso, o futebol lhe era simpático por ser um esporte de conjunto, de associação e de socialização. Um esporte que agrega amizade e exercício físico. Foram por essas razões que o futebol logo atraiu a juventude da época.

O período de aclimação, de adaptação da população ao novo esporte, porém não foi rápido. Charles ficou surpreso ao saber que em 1894 aqui no Brasil ainda não se conhecia o futebol. Na verdade, no país outros fatos chamavam mais atenção, como: de fim da escravidão, presença de imigrantes italianos trabalhando nas fazendas de café, queda do império e a proclamação da República, e nos principais centros, como Rio de Janeiro e São Paulo o desenvolvimento já se observava com fábricas e grandes pontos comerciais.

Mesmo o Brasil não estando tão isolado assim da Inglaterra, nem os contatos entre um país e outro sendo tão espaçados que impedissem que o esporte que lá já havia sido regulamentado desde 1863 e que tanto empolgava os britânicos, que rapidamente se alastrava por toda Europa dava sinais de que poderia aqui tomar outros impulsos. A distância, a situação política, nem a diplomacia poderiam impedir que o futebol viesse para o Brasil.

Charles acreditava que os ingleses que moravam em São Paulo conheciam o futebol. Sim, tinham ouvido falar, mas estavam por demais apegados ao críquete para se lançarem a outro esporte no Brasil.

Para Vieira, foi numa tarde que Miller introduziu o futebol no Brasil: “foi numa tarde fria de outubro em 1895, que reuni os amigos e convidei-os a disputarem uma partida de football, pois os mesmos só conheciam o críquete.” (MILLER apud VIEIRA, 2006, p. 40).

Naqueles primeiros ensaios feitos nos terrenos da Várzea do Campo, hoje parte do complexo do Parque Dom Pedro, Charles Miller levou a bola e não se limitou a ensinar futebol aos britânicos, mas também a catequizá-los. Os sócios do São Paulo Athletic Club começaram a gostar do novo esporte, e aos poucos foi aumentando a frequência dos animados treinos e bate-bolas na chácara da família.

Charles começou sua vida profissional na São Paulo Railway, a mesma empresa onde seu pai e seu tio Andrew trabalharam. Para iniciar seu aprendizado, ele foi lotado no almoxarifado do terminal de cargas da São Paulo Railway no Pari, perto da chácara onde tinha nascido.

Morava com sua mãe Carlota, na chácara de seus avôs Henry e Harriet, que haviam falecido fazia pouco tempo. Quase sempre ia ao trabalho no bonde a burro, transporte de tração animal daquela época, ou mesmo numa charrete da família.

Como em todas as empresas britânicas, o horário de trabalho era sagrado, com uma hora para o almoço, de segunda a sexta-feira. O sábado era o dia reservado para o esporte e o domingo para a missa na igreja anglicana da Rua do Carmo.

O sábado era o dia ideal para Charles ensinar futebol a seus amigos e colegas, mas no início não foi nada fácil. Charles começou pelo bê-a-bá: chutes, cobrança de lateral, pênaltis, dribles, tiros indiretos, escanteios, passes, marcação, chegar junto. Aos poucos, ia procurando quem se destacasse entre seus colegas britânicos da São Paulo *Railway*, da Companhia de Gás (São Paulo *Gaz Company*) e do *London Bank*, e intensificando os treinamentos.

Pouco a pouco foi se preparando o terreno para o primeiro jogo, que foi disputado na Várzea do Carmo, em 14 de abril de 1895. Cronistas da época como Leopoldo Sant’anna e Paulo Várzea são unânimes em apontar essa data como o dia do primeiro jogo de futebol conhecido no Brasil.

Para Vieira, segundo Miller:

Realizamos o primeiro ensaio em terras brasileiras no ano de 1895, precisamente na Várzea do Carmo, nas proximidades da Rua do Gasômetro e da Rua Santa Rosa. Para isso, reuni um grupo de britânicos da Companhia de Gás, London Bank e São Paulo Railway. É interessante lembrar que essa primeira tentativa foi efetuada com a bola do jogo disputado em 1894, que me foi presenteada por um companheiro de seleção do Condado de Hampshire, que mais tarde presidiu a Liga de Futebol da Inglaterra (MILLER apud VIEIRA. 206, p. 73).

O jogo foi disputado sob as mesmas dezessete regras estabelecidas em Londres, em 1863, na reunião da Associação Britânica de Futebol. Os times alinharam-se com um goleiro, dois defensores, três no meio-campo e cinco atacantes. Salvo poucas modificações, como a lei do impedimento, essas regras continuam em vigor até hoje.

Muita gente foi ver o que faziam os britânicos lá pelas bandas do Bom Retiro. E a maioria gostou do que viu. Muitos quiseram saber como é que se jogava aquilo, e dessa curiosidade nasceu um interesse real. Com o interesse, veio à propaganda informal, a difusão.

Em pouco tempo, espalhados em São Paulo, as bolas de borracha já não eram apenas jogadas com as mãos, também os pés entravam em ação. Pedras eram usadas como traves, e a meninada da época, o garoto da rua, o mesmo garoto que já homem, anos mais tarde, se tornaria figura central de aplaudidos espetáculos de futebol varzeano, passou a ter contato com a bola nos pés, embora sem saber ainda se jogava direito aquele tal de futebol.

Nas ruas se reproduzia um pouco do que acontecia na Chácara Dulley, tal como hoje se dá com quem não pode jogar seu futebol nos estádios. Aqueles garotos de rua que viam, espantados, os britânicos correndo atrás de uma bola de capotão foram multiplicadores, semeadores do futebol. O local não importava: das beiras de calçadas, dos terrenos baldios, dos quintais estreitos, dos pátios de colégios, nos sítios, nas várzeas e nos meios de ruas. O que importava era, propagar instintivamente e sem pensar em resultados posteriores, jogar futebol.

2.7.3 O corpo e a violência no futebol

Perto da ludicidade inerente ao futebol está o contato físico, corpóreo, está a disputa, a competição, o lutar por uma vitória frente ao adversário. Adversário este que é o outro, que não está longe e que sabe das potencialidades adversárias e que nesta contenda busca também ganhar. As armas estão postas. No campo macro, nos bastidores, a estratégia, mobiliza todos os recursos disponíveis: humanos, naturais, patrimoniais, financeiros, científicos, morais, culturais de um grupo. No campo físico, onde a bola rola, no micro, no individual: o gingado, o molejo, o balanço do corpo para iludir o outro, o drible e também a força do corpo, que pode parar com a força do corpo adversário ou com a sobreposição das regras. Mas, quando o corpo não reconhece seus limites e extrapola seu espaço, abusando e não reconhecendo o espaço do outro ou até humilhando este com impulsos primitivos destoando do lúdico social e cultural que é o futebol, estamos tratando de um estado de violência.

O futebol é um jogo regulamentado no qual se definem os comportamentos que são permitidos no campo e as punições para aqueles que violam algumas regras dele. Ao existir estas regras, o jogo de futebol passa a ser considerado um esporte. É uma atividade de caráter voluntário no qual o ser se entrega, com o fim de alcançar um objetivo, romper uma marca, vencer um adversário, para o qual tem que obedecer uma competição que exige entre outras coisas, maiores qualidades físicas, emocionais e cognitivas. Dentre as qualidades emocionais destaca-se a agressividade. Neste campo esta pode aparecer de forma positiva. Segundo Tubino (2007, p.854-855):

Do latim *aggredi*, que significa acercar-se, penetrar, ir contra, etc. A agressividade é um impulso vital primário do ser humano e a agressão é a sua manifestação sem controle. Existe, no entanto, uma Agressividade Esportiva Positiva, que é aquela que leva atletas a atividades de determinação na busca de objetivos formulados para treinamentos e de resultados esportivos que, para as suas conquistas, necessitam de denodo e muita garra. [...] Essa agressividade, não caracterizada por agressões e violências, mas por condutas determinadas a obter metas e buscar os treinamentos necessários para os sucessos ambicionados.

Como exemplo de agressividade positiva, podemos dizer que o atacante ao caminhar-se para bater o pênalti tem a oportunidade de fazer um gol, mostrando sua habilidade e superioridade diante do goleiro. Este, da mesma forma, tem suas habilidades e condições de demonstrar que é superior ao atacante defendendo o pênalti.

Nota-se então, que a agressividade é inerente ao esporte, ocorre dentro de regras e condições específicas, e que nem toda modalidade que exige aplicação de força é necessariamente violência. Reforçando este pensamento, para Samulski (2002, p.197-198):

Chamamos de agressão boa no esporte, ou seja, agressividade bem canalizada – como, por exemplo, buscar uma bola perdida – algo que a Psicologia do Esporte chama de comportamento assertivo (*assertive behavior*): jogar pelas regras com alta intensidade e ativação, mas sem intenção de lesionar.

O conceito de violência algumas vezes entrelinha-se com o de agressividade e J. Laplanche juntamente com J. B. Pontalis (1970, p.37) define agressividade como “tendência ou conjunto de tendências que se atualizam em comportamentos reais, visando prejudicar outrem, destruí-lo, constrangê-lo, humilhá-lo, etc. É uma ação motora violenta e destruidora.”

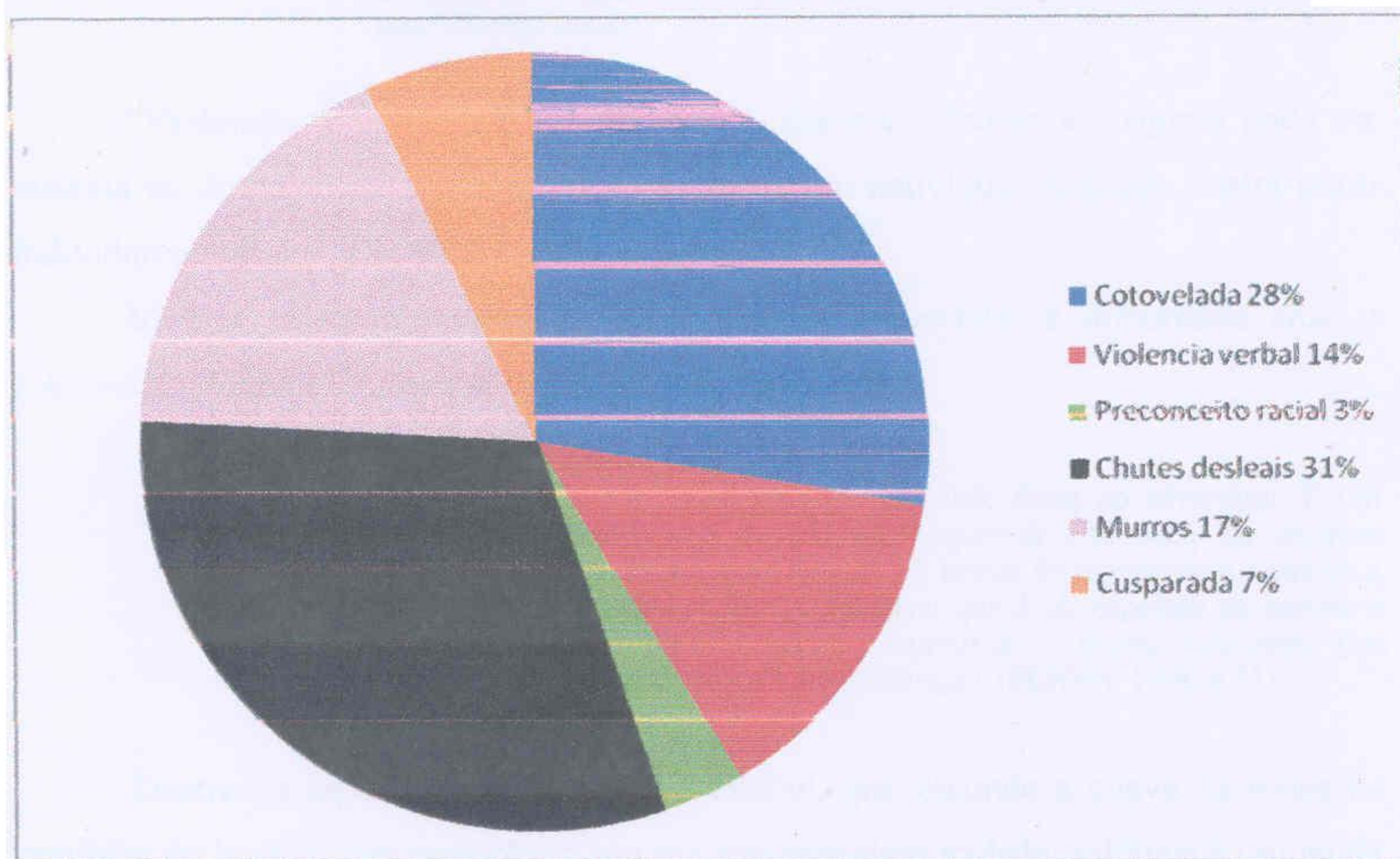
O fim, de uma conduta agressiva hostil é prejudicar ou lesar outra pessoa explicitamente, diretamente, cujo objetivo é alcançar suas próprias metas e impedir que outra pessoa alcance as suas.

Diferentemente da agressividade boa, a violência tem por objetivo causar um dano, ofensa, abater física ou psicologicamente o outro, a outra pessoa, seu oponente na competição, e vencê-los dentro do campo de jogo segundo a organizadora da competição esportiva.

Os tipos de ações violentas físicas praticadas dentro de campo são mais comuns: o arremesso dos pés do atleta nas pernas do adversário (*chutes desleais*, 31%); na disputa da bola pelo alto o uso do cotovelo no rosto do adversário (*cotovelada*, 28%); *violência verbal*, 14%; *murros*, 17%; *cusparada*, 7% e *preconceito racial*, 3% aparecem na figura 4. É bom lembrar que todas estas ações ou condutas, são proibidas e passíveis de punições, pois desrespeitam as regras esportivas e pretendem prejudicar o outro atleta.

Figura 4

Para você quais são as ações de violência praticadas durante uma partida de futebol?



Fonte: UNICAP - Mauro Azevedo. Pesquisa de campo 2011.

Violência é “qualidade do que é violento. Efeito de violentar com força física contra alguém, exercício injusto ou uso discricionário da força física e constrangimento físico”. (HOUAISS. 2001, p.2866)

Para Odalia (2004, p.47) a violência denigre e avilta a pessoa humana, nega a própria razão do homem viver em sociedade e desrespeita o ser humano por negar tal condição.

Segundo Murad (2007, p.77) “a palavra violência, etimologicamente, provém do latim *violentia* - raiz semântica *viz* – mesmo que força, opressão, imposição de alguma coisa a outra pessoa ou a outras pessoas, por intermédio do uso da força, qualquer que seja seu tipo”.

Nos textos considerados fundadores da história do pensamento, é comum a violência aparecer configurada, frequentemente, como elemento constitutivo do ser humano e, em consequência, de todas as suas construções culturais e relacionais. Ainda para Murad (2007, p.78):

Como dado constante da natureza humana, a violência é vista como um dos estruturantes da história e das sociedades, das instituições e dos grupos, manifestando-se generalizada e indiscriminadamente em todos os tempos e em todos os espaços. Simbologia matriz do ciclo da vida, designa o instante originário e o instante final, o nascimento e a morte, como rupturas violentas, as quais vão singularizar, e para sempre, a identidade humana, bem como suas criações sociais.

“Violência consiste, tem por finalidade, destruir, ofender e coagir e pode ser indireta ou direta. Pode ser intervenção física de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo”. (BOBBIO. 1995, p.1291)

Mesmo sofrendo poucas variações para este conceito, é importante citar o *Dicionário Popular de Futebol* que define violência, como:

Falta cometida, com risco para a integridade física do adversário. É um recurso que denota falta de educação esportiva e ausência de recursos técnicos por parte do jogador. Prejudica a beleza do espetáculo e a equipe a que pertence o jogador violento, passível que é de expulsão de campo e posterior punição pelas entidades esportivas – multa, suspensão por determinado número de jogos e até eliminação. (PENNA. 1998, p.71)

Dentre os esportes competitivos, o futebol, que esconde a chave de todos os conflitos do homem contemporâneo, em sua aparente simplicidade, sublimação ritual da guerra, é o que provoca práticas de violência dentro e fora do campo, reproduz, a cada partida, o drama humano de enfrentar e superar obstáculos do dia-a-dia em busca do sucesso, mesmo que seja passageiro. Segundo Cozac (2010, p.102): “o futebol acaba sendo a válvula de escape mais próxima para as diferenças e tensões sociais duramente vividas por todos aqueles que, de alguma forma, encontram-se fundidos nesta engrenagem.

Existe todo um simbolismo no futebol e segundo Franco (2007, p.236):

Nesta prática existe uma linguagem usada que transparece seu caráter guerreiro. Expressões significativas, como “matar a bola”, “matar a jogada” ou “matar o jogo”. O jogador encarregado de fazer a maior parte dos gols é o “artilheiro”, o “matador”, o carrasco dos adversários. O representante do time junto ao juiz, tem uma patente militar, é o “capitão”.

Não só por conta destes elementos citados acima, como também apelidos de jogadores, como “tanque” e “peito de aço”, a partida é chamada de “confronto”, “duelo”, “embate” e “guerra” e também o hino do time que o chama de “exército” assim como, a estratégia de localizar as torcidas organizadas nos estádios por trás de uma das metas, pois este local, em vários países europeus é chamado de *kop* nome de uma batalha da Guerra dos Bôeres na qual morreram nativos de Liverpool. Desta maneira, o futebol é uma guerra simbólica.

Assim, intrinsecamente, na sua essência o futebol, na sua prática, reflete, a partir de alguns elementos, sua prática belicosa, de sacrifício, de execução, de rito, da morte de uns para a sobrevivência de outros. De uma guerra que é síntese e ápice de uma relação. A partir da sua polissemia, da sua multiplicidade de sentidos, e sua polifonia, da sua variedade cultural, da sua partitura estruturada e aparente desequilíbrio, identificamos a história, a cultura, os hábitos, a linguagem, a ética de um povo na sua vivência.

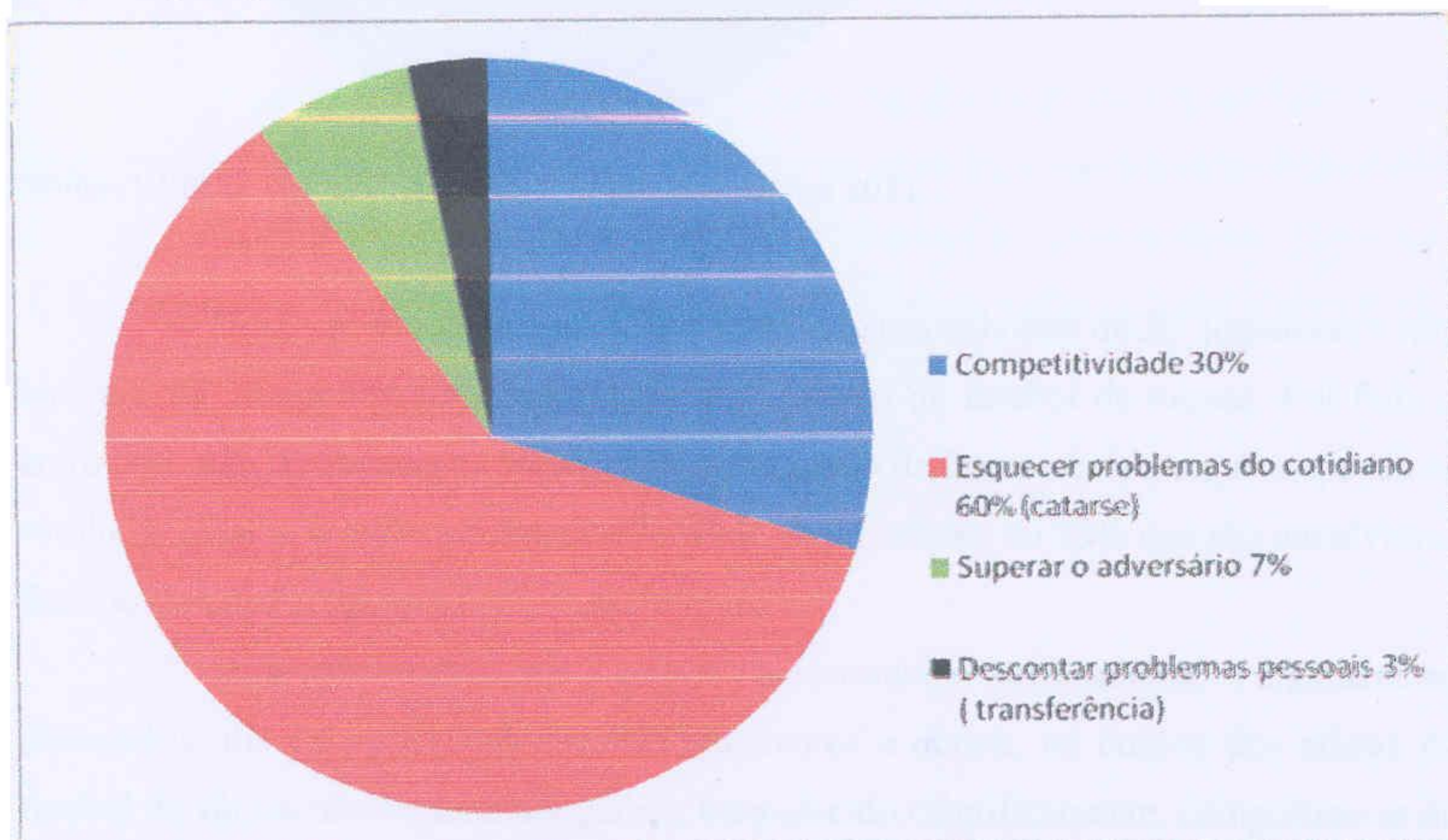
Do outro ponto de vista, desta vez mais envolvente, mais real para quem o pratica, o futebol reflete situações, fora das “quatro linhas”, externas ao futebol, socioeconômicas não superadas. São elas: forte desemprego, desigualdades sociais, violência urbana, violência cotidiana e delinquência; problemas no trabalho; do dia a dia. E que só naquele momento com o uso do corpo, com a transgressão da regra, a superação acontece.

E por que os atletas fazem uso destas ações de violência? Por que a técnica para superar o adversário é deixada de lado para fazer uso da força descomunal, desequilibrada e arbitrária? Por que nos campos de várzea, no país do futebol, no país em que o drible, o gingado de corpo tão valorizado, a violência é praticada de maneira tão forte?

Colocamos estas perguntas em uma única que aparece com resultado na figura 5 abaixo, e encontramos: *competitividade*, 30%; *esquecer problemas do cotidiano (catarse)*, 60%; *superar o adversário*, 7%; e *descontar problemas pessoais (transferência)*, 3%. As justificativas para as ações de violência praticadas durante uma partida de futebol, citadas neste parágrafo aparecem na figura 5 abaixo, com a seguinte pergunta:

Figura 5

Pra você por que ocorrem atos de violência durante a partida de futebol?



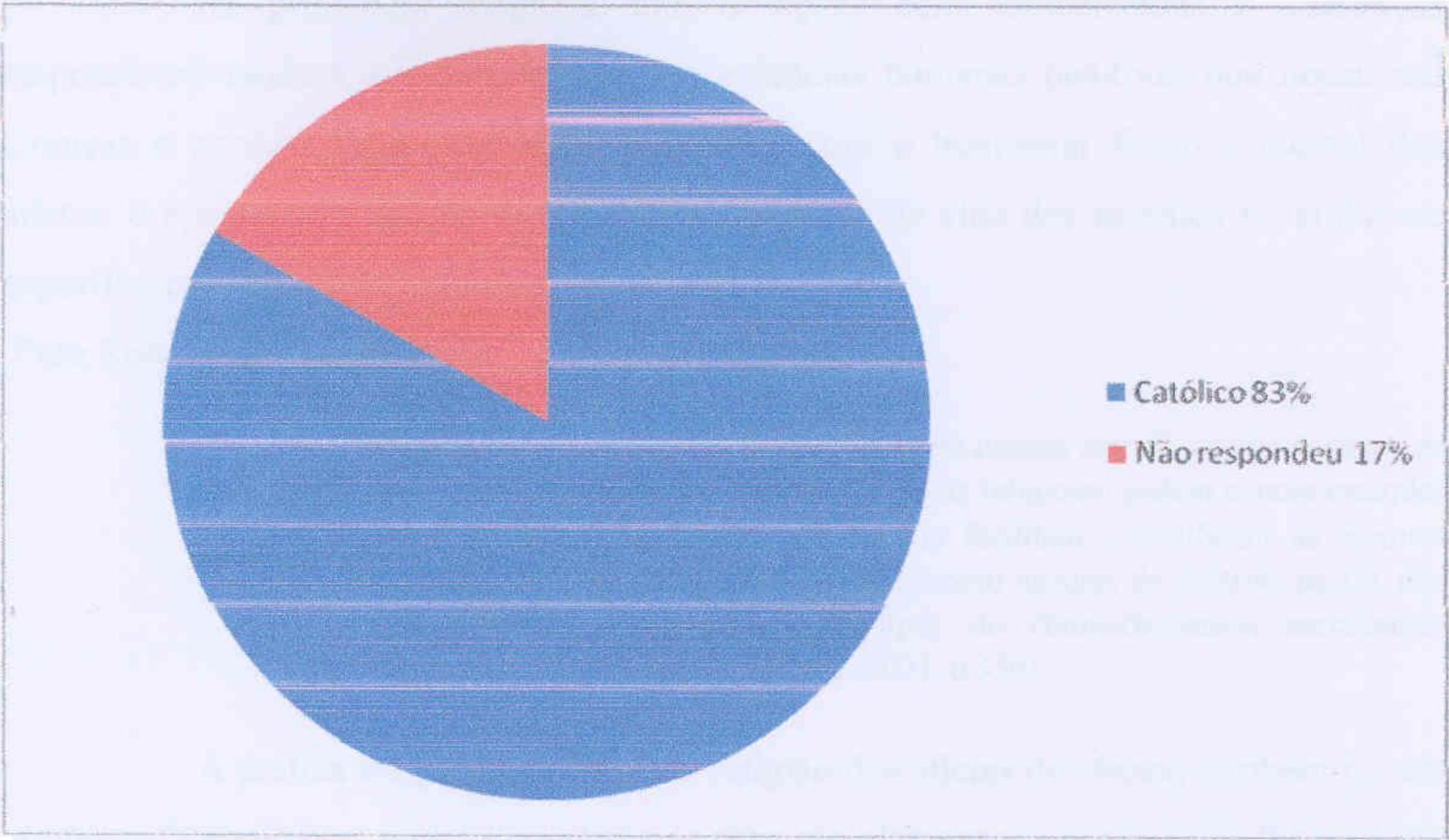
Fonte: UNICAP. Mauro Azevedo. Pesquisa de Campo 2011.

3 RITUAIS CATÓLICOS E A OCORRÊNCIA DA VIOLÊNCIA NO FUTEBOL

3.1 Atletas de várzea e seus rituais católicos

Figura 1

Identificação religiosa



Fonte: UNICAP - Mauro Azevedo. Pesquisa de campo 2011.

Uma vez escolhidos os atletas dentro de um universo de 30 jogadores e que também são moradores circunvizinhos aos campos de futebol de várzea. Foi feita a entrevista com 30 jogadores, mas que ficaram como de interesse da pesquisa apenas os católicos. Assim, o universo dos católicos são de 25 atletas, ou 83% que são envolvidos, ficando de fora 5 jogadores que se abstiveram.

Diferentemente dos corpos adestrados, tecnicamente organizados, planejados, disciplinados, robotizados, obedientes e dóceis, os corpos dos atletas de futebol de várzea não seguem um padrão estabelecido cientificamente, comportam-se de maneira desorganizada, são desobedientes, insubordinados, indisciplinados, desordenados, e aparecem de maneira que destoam daqueles jogadores profissionais, estrangeiros ou brasileiros, que exibidos na televisão mostram-se bem nutridos biologicamente, financeiramente muito bem pagos e fisicamente bem preparados atendendo a um padrão técnico que lhe proporciona condições de um futebol competitivo. É da maneira e forma citadas acima, que os jogadores de futebol de várzea

usam seus corpos, praticando seu futebol, e na maioria das vezes acontece aos sábados ou domingos no fim de semana. São estes corpos, bem marcados religiosamente no campo cristão católico, que praticam antes, durante e depois das partidas gestos ritualísticos católicos, e ações de violência que não são pertinentes à prática futebolística identificadas nas pesquisas que são mostradas a seguir.

As principais religiões com tradições bem estabelecidas e lideranças responsáveis tendem a promover mais experiências humanas positivas que negativas. Crenças e práticas religiosas estão associadas com o bem-estar físico e mental dos atletas, e apresentam ligação direta com a qualidade de vida dos mesmos no ambiente esportivo onde acontece o futebol - a várzea.

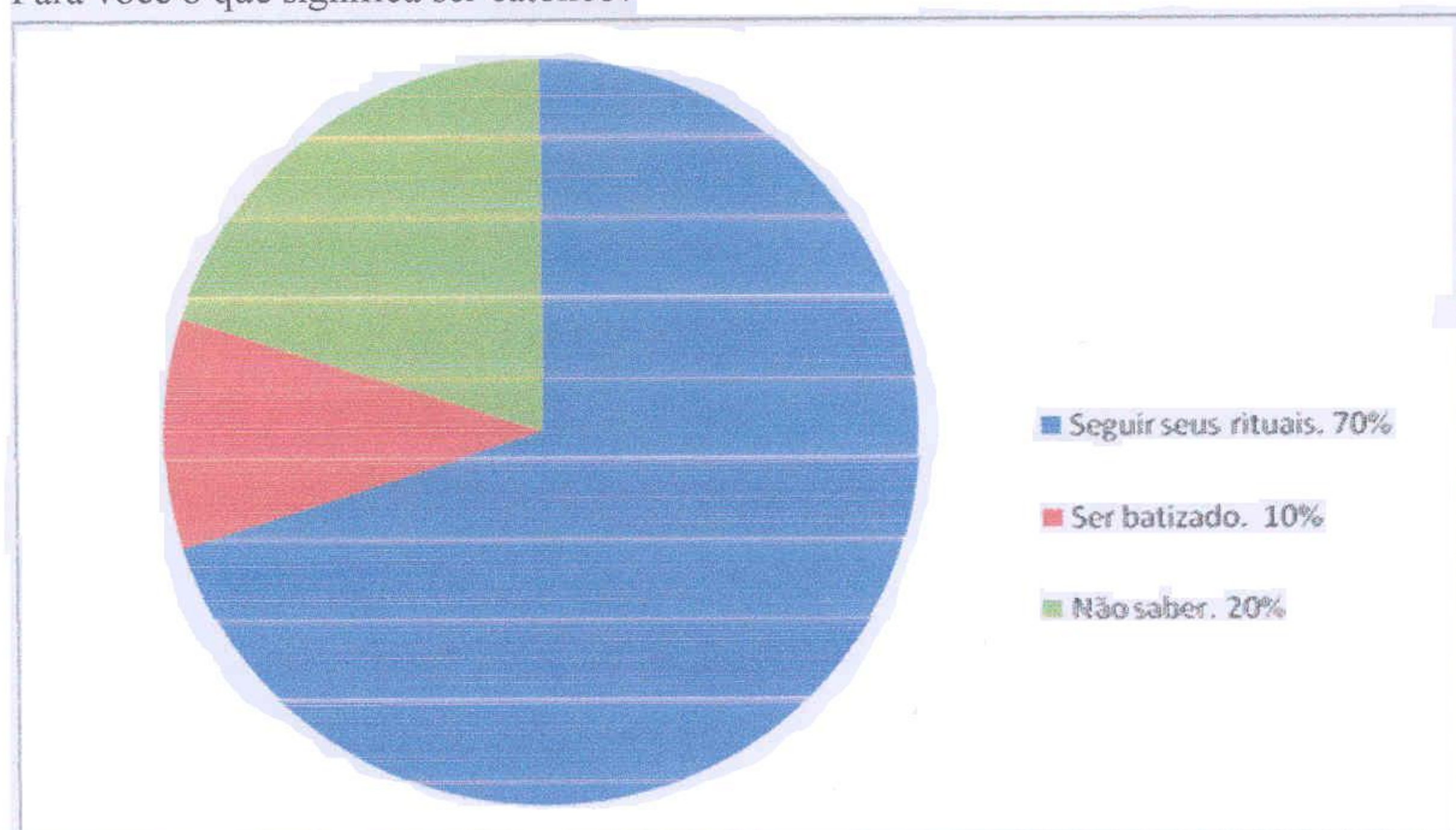
Para Koenig citado por Vieira:

Crenças religiosas provêm de uma visão de mundo que dá sentido positivo ou negativo às experiências; crenças e práticas religiosas podem evocar emoções positivas; a religião fornece rituais que facilitam / santificam as maiores transições de vida; e crenças religiosas, como agentes de controle social, dão direcionamento / estrutura para tipos de comportamentos socialmente aceitáveis (VIEIRA apud KOENIG. 2001, p.356).

A prática e a pertença católica, religião dos atletas de várzea, também no seu contexto futebolístico, com as crenças e os ritos são elementos sagrados que fazem parte de sua fé no sentido da resolução de suas dificuldades. Diante desta segurança, convicção íntima religiosa, as práticas sagradas aparecem antes, durante e depois das partidas de futebol.

Figura 2

Para você o que significa ser católico?

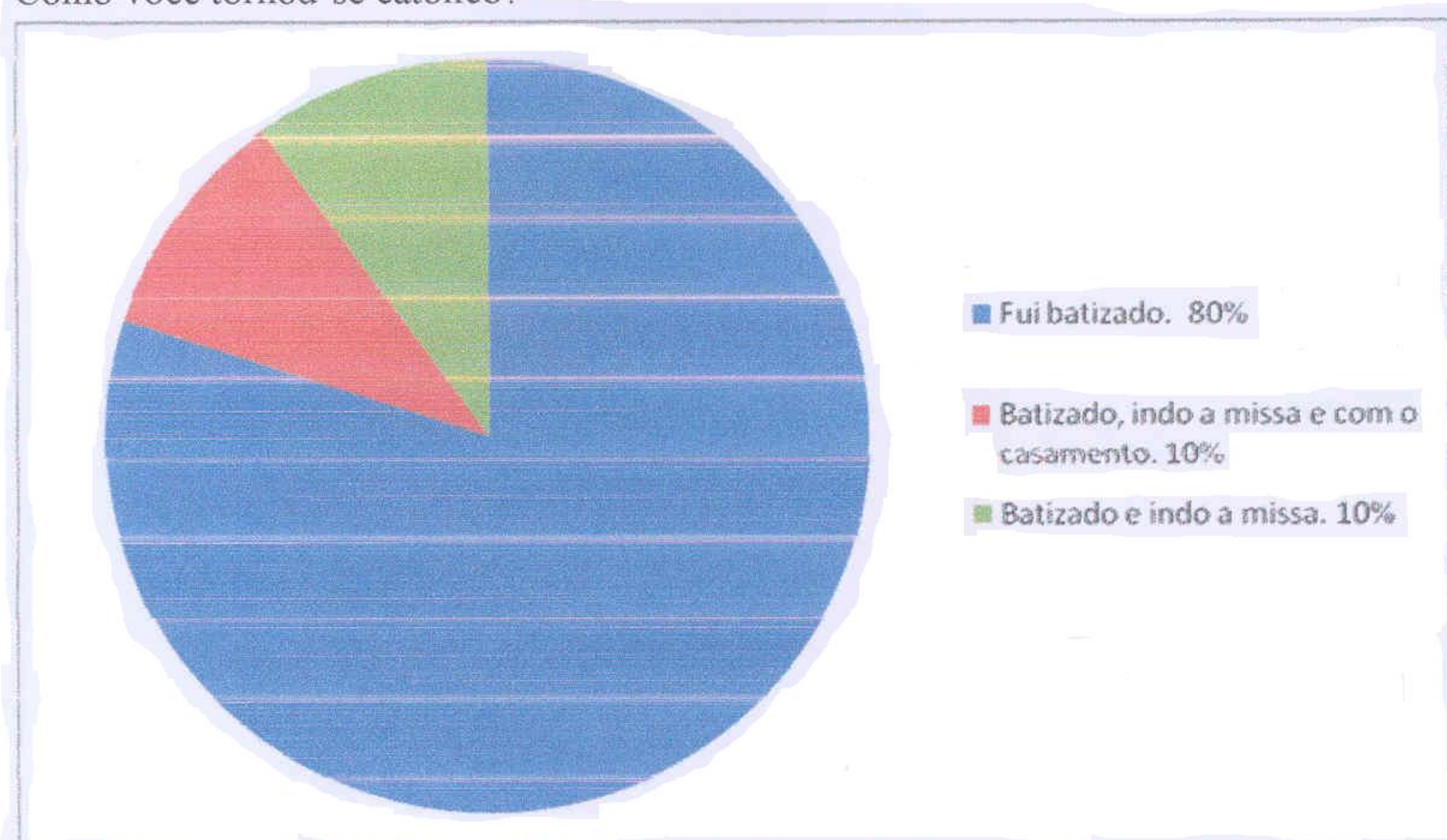


Fonte: UNICAP - Mauro Azevedo. Pesquisa de campo 2011.

O termo católico, segundo o Dicionário Oxford de Etimologia Inglesa, vem do grego *katholicós* e significa totalidade, integral, abrangente, geral e universal. Ainda segundo este dicionário, *universal* é originado de duas palavras gregas: *uni* – um e *vetere* – giro; ou seja, “girando ao redor de um” ou “transformado em um.” Os católicos são estes que são convocados e reunidos numa visível e universal sociedade nascida e fundada por Cristo. “O desenvolvimento de uma prática religiosa define, molda e interpreta o depósito da fé do ser na caminhada de sua vida. Portanto é na prática de seus rituais, suas celebrações, seu comportamento litúrgico e sacramental que podemos verificar os praticantes católicos.” (TRÍAS. 2004. p.36).

Figura 3

Como você tornou-se católico?



Fonte: UNICAP - Mauro Azevedo. Pesquisa de campo 2011.

Uma vez identificados como cristãos católicos (ver Figuras 1, 2 e 3), é lícito dizer que grande parte dos atletas pesquisados conhece os gestos presentes nos momentos ritualísticos católicos (ver figura 4) e praticam (ver Figura 5), que aparecem na página a seguir, como: *Sinal da Cruz, batismo, catecismo, a missa, a eucaristia, ajoelhar-se, fazer a crisma e orar o Pai Nosso.*

Figura 4

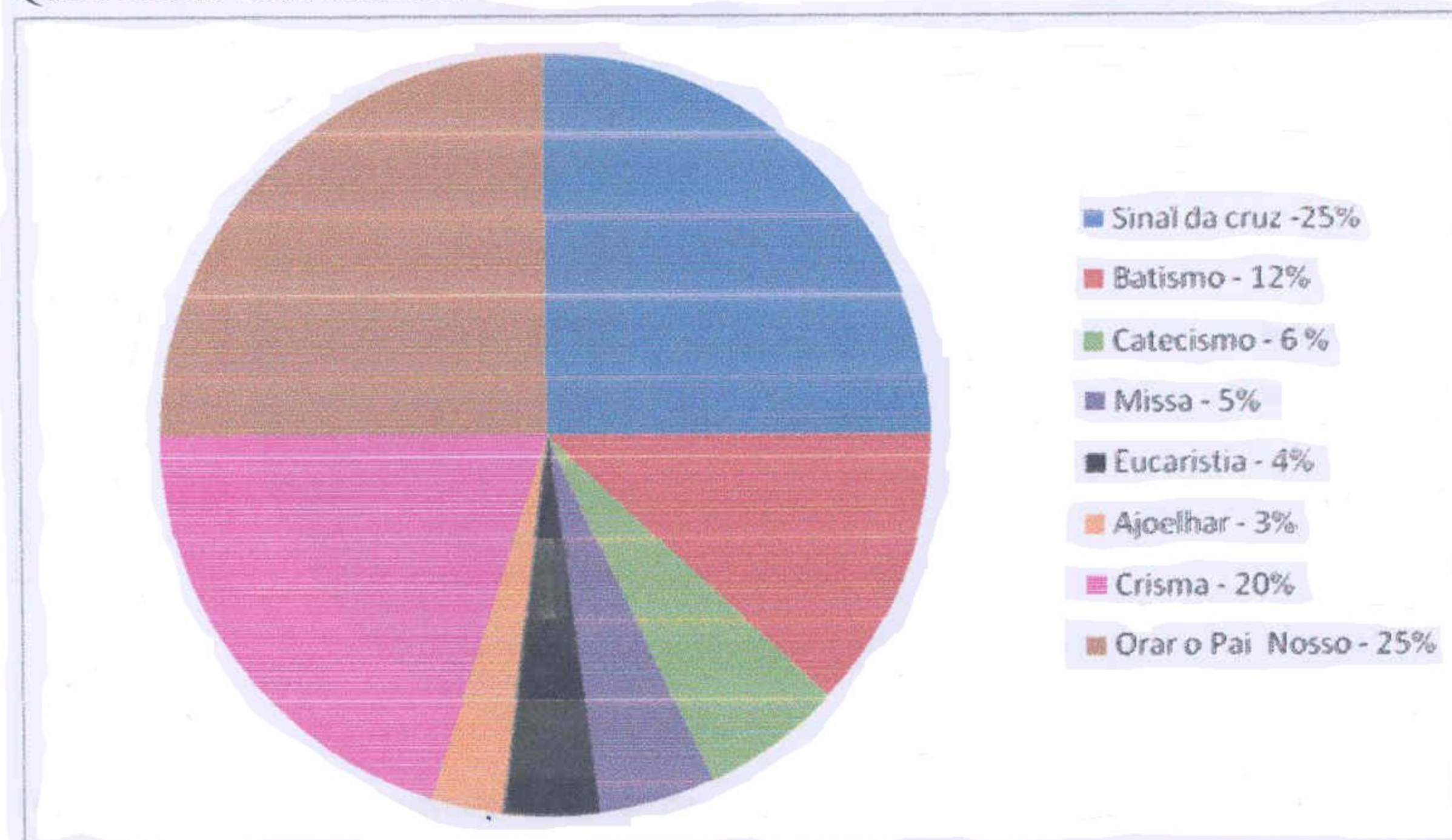
Você conhece os rituais católicos?



Fonte: UNICAP. Mauro Azevedo. Pesquisa de campo 2011

Figura 5

Quais rituais você conhece?



Fonte: UNICAP. Mauro Azevedo. Pesquisa de campo 2011

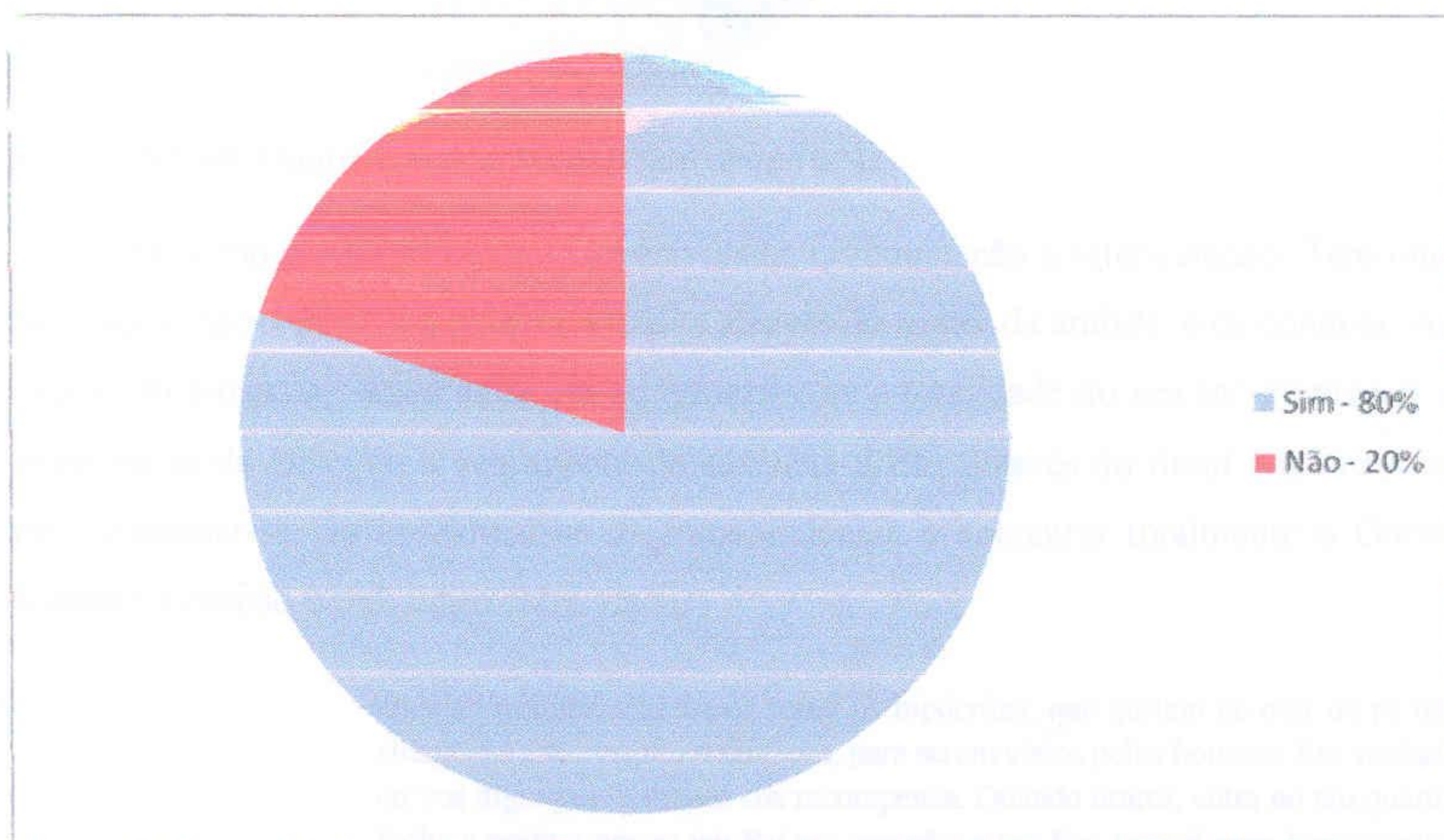
É na prática que identificamos a presença, a pertença humana e sua relação com os símbolos. O simbolismo religioso é a expressão mais íntima da necessidade de uma pessoa ultrapassar os limites do próprio eu e abrir-se para novas experiências que dificilmente podem ser sistematizadas em nível racional. O homem não é somente um ser individual, racional, instintivo, mas também um ser social e simbólico que, por causa de sua corporeidade e da sua natureza social, se exprime com palavras e gestos e capta a realidade também através destes dois fatores. “A tensão dialética entre natural e sobrenatural, encontra no simbolismo a possibilidade de sair de uma contradição fundamentalmente de concorrência para evoluir rumo a uma situação de efetiva e recíproca afirmação.” (AUGÉ. 2007, p.101)

O ritual é uma necessidade do homem moderno dentro do desporto e através dos últimos dois milhares de anos a prática religiosa e o desporto competitivo inter-relacionam-se constantemente. (MCINTOSH. 1975, p.14)

Praticantes de rituais católicos, carregados de fé, os atletas de várzea usam tais comportamentos *antes* (ver Figura 6).

Figura 6

Você pratica algum ritual católico antes de começar uma partida de futebol?

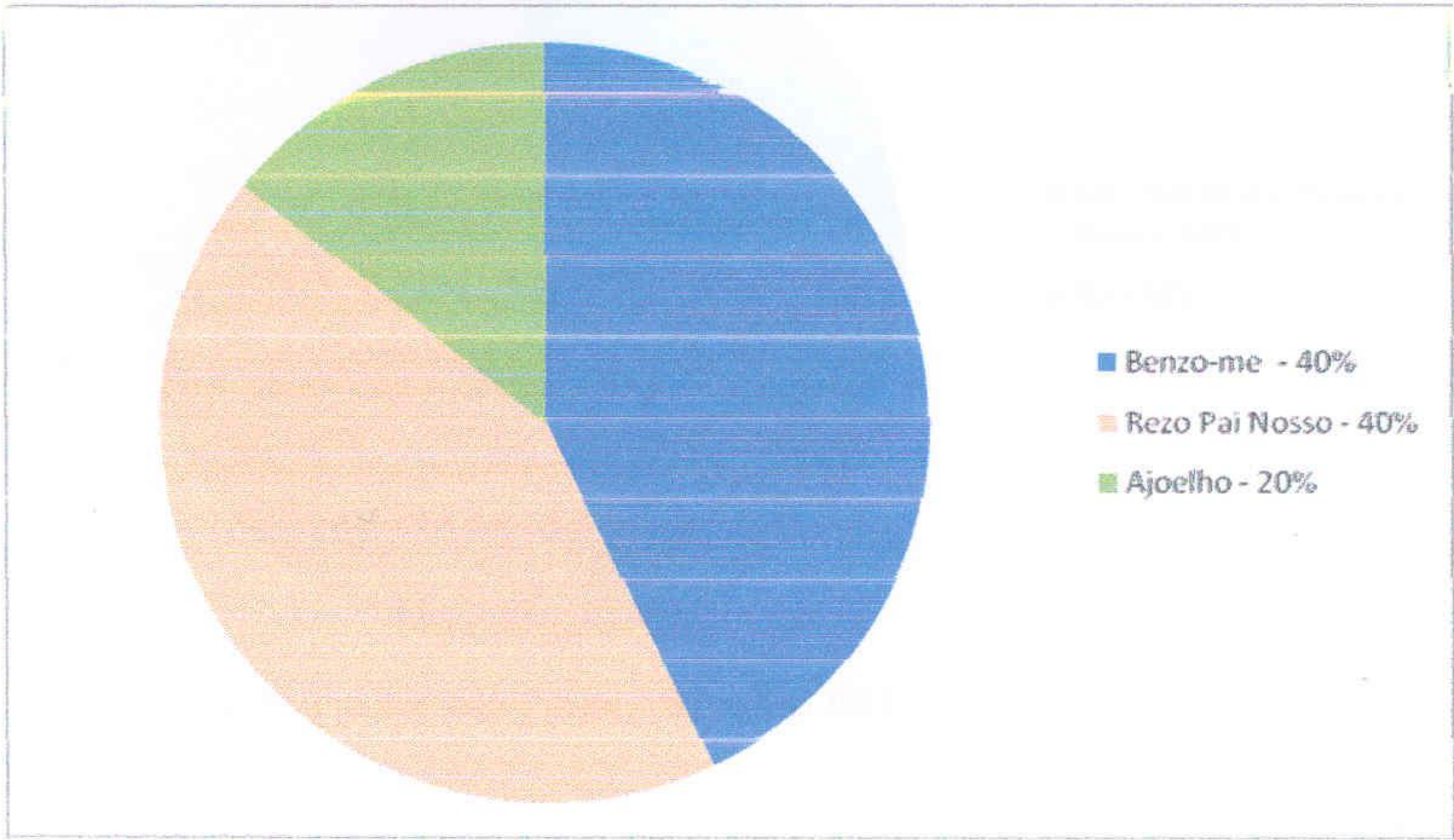


Fonte: UNICAP. Mauro Azevedo. Pesquisa de campo 2011.

Nestes comportamentos ritualísticos são utilizados: *Sinal da Cruz (benzer)*, *Orar o Pai Nosso* e *Ajoelhar-se* fazendo orações e aparecem na Figura 7 abaixo.

Figura 7

Caso responda sim, quais são estes rituais católicos?



Fonte: UNICAP. Mauro Azevedo. Pesquisa de campo 2011

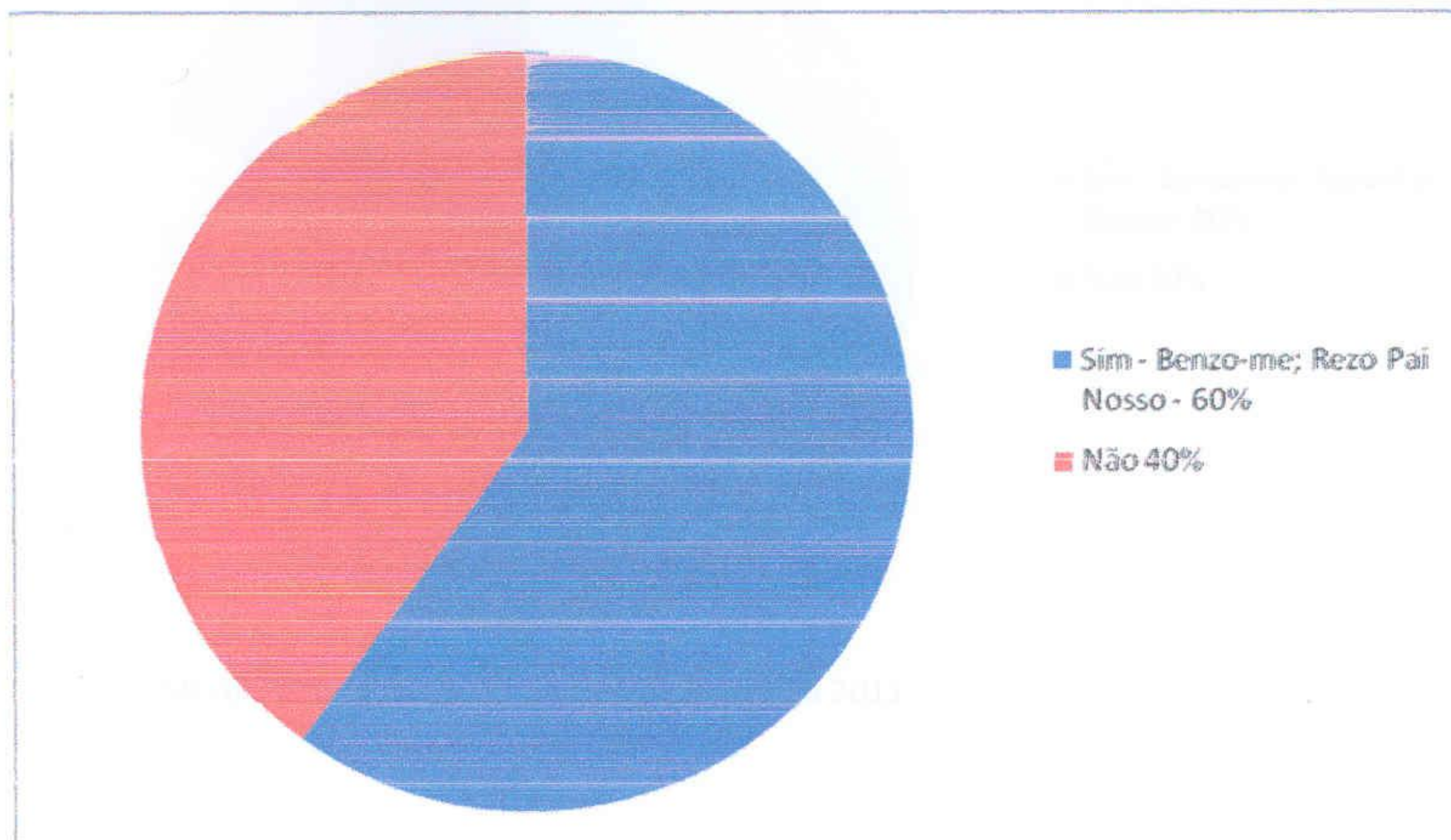
O corpo é uma fonte de expressividade, comunicação e inter-relação. Tem uma linguagem não-verbal, é a palavra não dita através do gesto, da atitude, e da conduta. Ao orar o Pai Nosso a pessoa entra em integração com a totalidade do seu ser. Expressar a experiência de Deus ou o sentimento de ausência d’Ele, através do ritual é uma forma de ultrapassar-se, de aproximar-se da transcendência e encontrar totalmente o Outro. Durante a oração o indivíduo entra em si.

Quando orardes, não façais como os hipócritas, que gostam de orar de pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade eu vos digo: já receberam sua recompensa. Quando orares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora ao teu Pai em segredo; e teu Pai, que vê num lugar oculto, recompensar-te-à. (Mt. 6, 5-6)

Também, os atletas de várzea praticam *durante* as partidas de futebol, como o *Sinal da Cruz* (ver Figura 8);

Figura 8

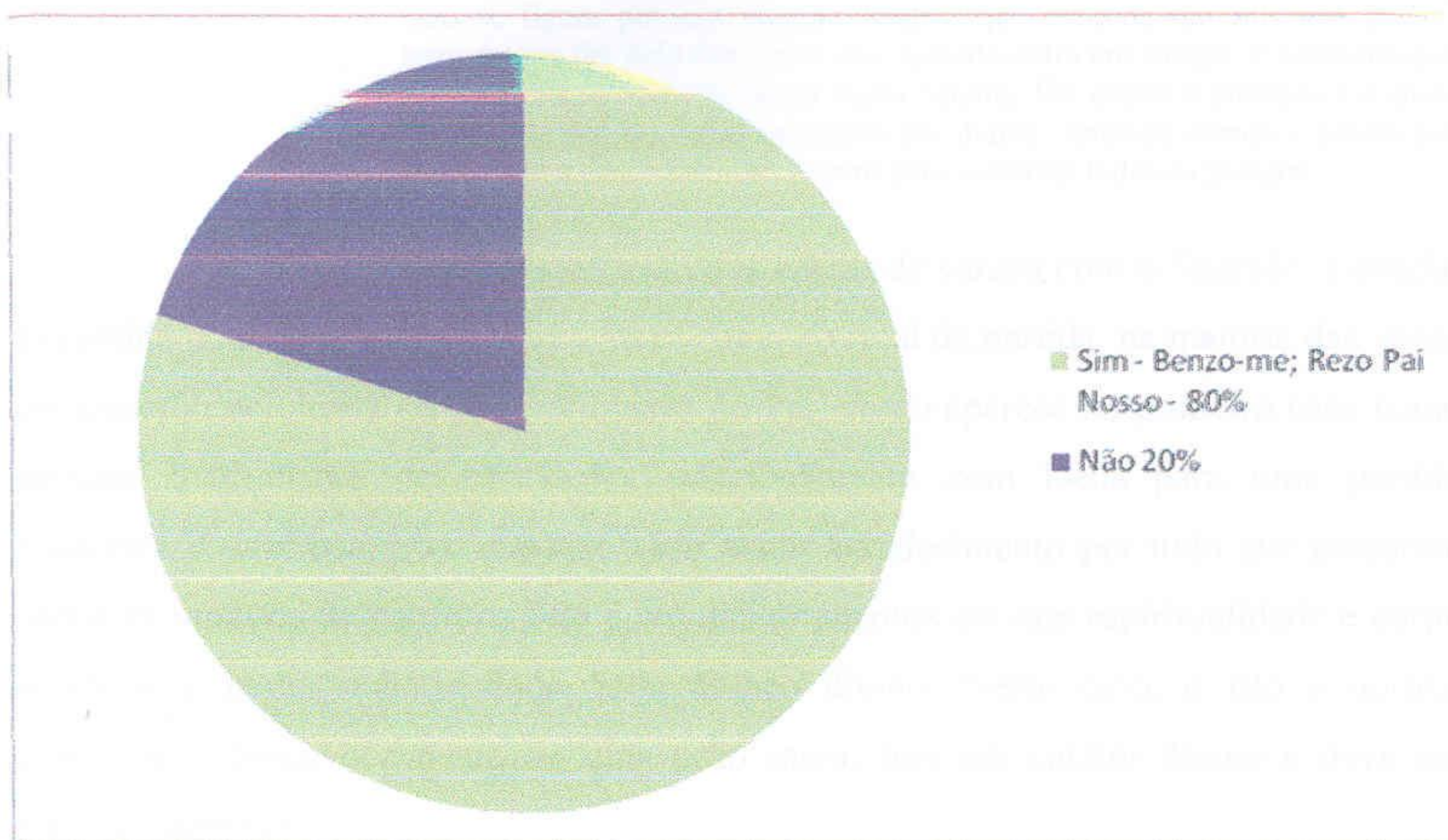
Você pratica algum ritual católico durante a partida de futebol? Caso responda sim, qual é este ritual católico?



Fonte: UNICAP. Mauro Azevedo. Pesquisa de campo 2011

Figura 9

Ao final da partida, você pratica algum ritual católico? Caso responda sim, qual é este ritual católico?



Fonte: UNICAP. Mauro Azevedo. Pesquisa de campo 2011

Ao *final* da partida fazem o *Sinal da Cruz* orando o *Pai Nosso* em círculo (ver figura 09). O ritual do *Sinal da Cruz* tem o objetivo de realizar uma comunhão com Deus através do seu filho (Jesus Cristo). Para o jogador de futebol, assim como para qualquer ser humano, estar em comunhão com o Pai, constitui um fator essencial para o desempenho de sua arte e aplicação de seu talento. Fica explícito quando o jogador de futebol de várzea antes de entrar em campo, durante a partida ao fazer um gol e até ao perdê-lo e após a partida celebra no próprio corpo com este sinal.

É com o *Sinal da Cruz* que o atleta roga à divindade e se dirige, no caso da religião católica, ao mesmo tempo, a três entidades poderosas: ao *Pai*, ao *Filho* e ao *Espírito Santo*. Para Azoubel (2010, p.18):

Elas se ligam por um vínculo místico que esconde um mistério. [...] O homem que faz pelo *Sinal da Cruz*, quando entra em campo, é o mesmo que faz uma oração antes de entrar numa batalha. Ele exorta a proteção e a ajuda divina. Na sua fé, desse momento em diante, sente-se amado e aceito por Deus, com o corpo fechado, pronto para enfrentar todos os perigos.

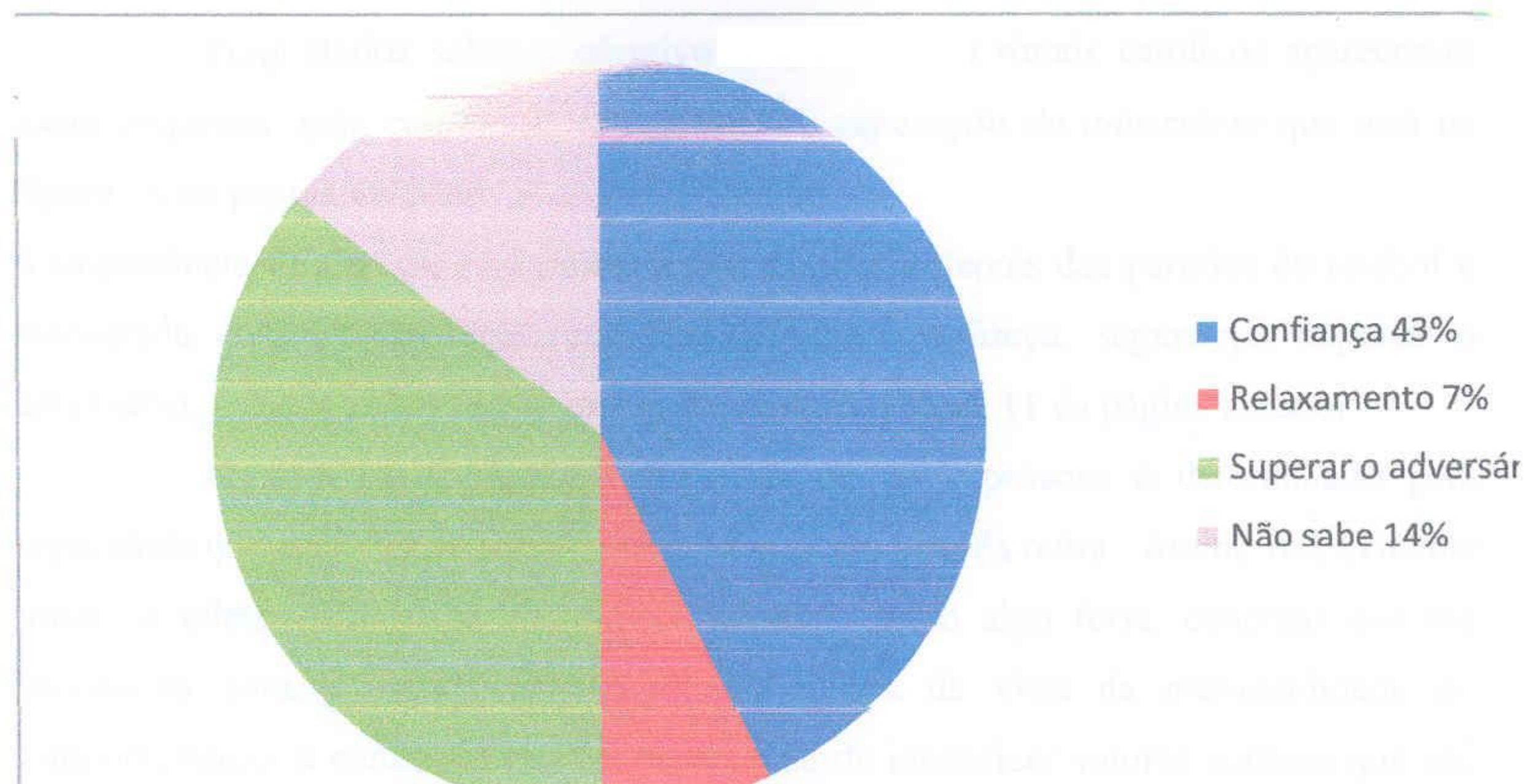
Como forma de comunicação dos atletas de várzea com o Sagrado, a oração é repetida de forma calorosa, tanto antes como ao final da partida, na maioria das vezes em situação de vitória do time. A oração do Pai Nosso aparece no primeiro caso como petição, instrumento de motivação, relacionamento com Deus para uma partida produtiva e vitoriosa, e no segundo caso como agradecimento por tudo que passaram naqueles minutos de conflito. Este é um dos momentos em que espiritualidade e corpo acolhem-se numa materialidade, num abraço divino. Neste caso, o rito é norma, direciona o desenvolvimento de uma ação sacra, tem um caráter divino e deve ser repetido como tal.

Nesta comunicação com o sagrado o corpo é um elemento que se manifesta como instrumento de prática ritualística e o atleta ao ajoelhar-se demonstra sua subordinação ao Todo Poderoso. “Ajoelhar-se significa reconhecer a própria impotência, o próprio limite e, portanto, ter necessidade do outro, significa sentir-se fraco, necessitado, pecador e mortal.” (TERRIN. 2003, p.107)

Assim, o ato de orar de joelhos é de uma importância excepcional, pois constitui um momento de expressão do sentimento religioso, é um fato que coloca o ser humano em contato, em ligação direta com Deus.

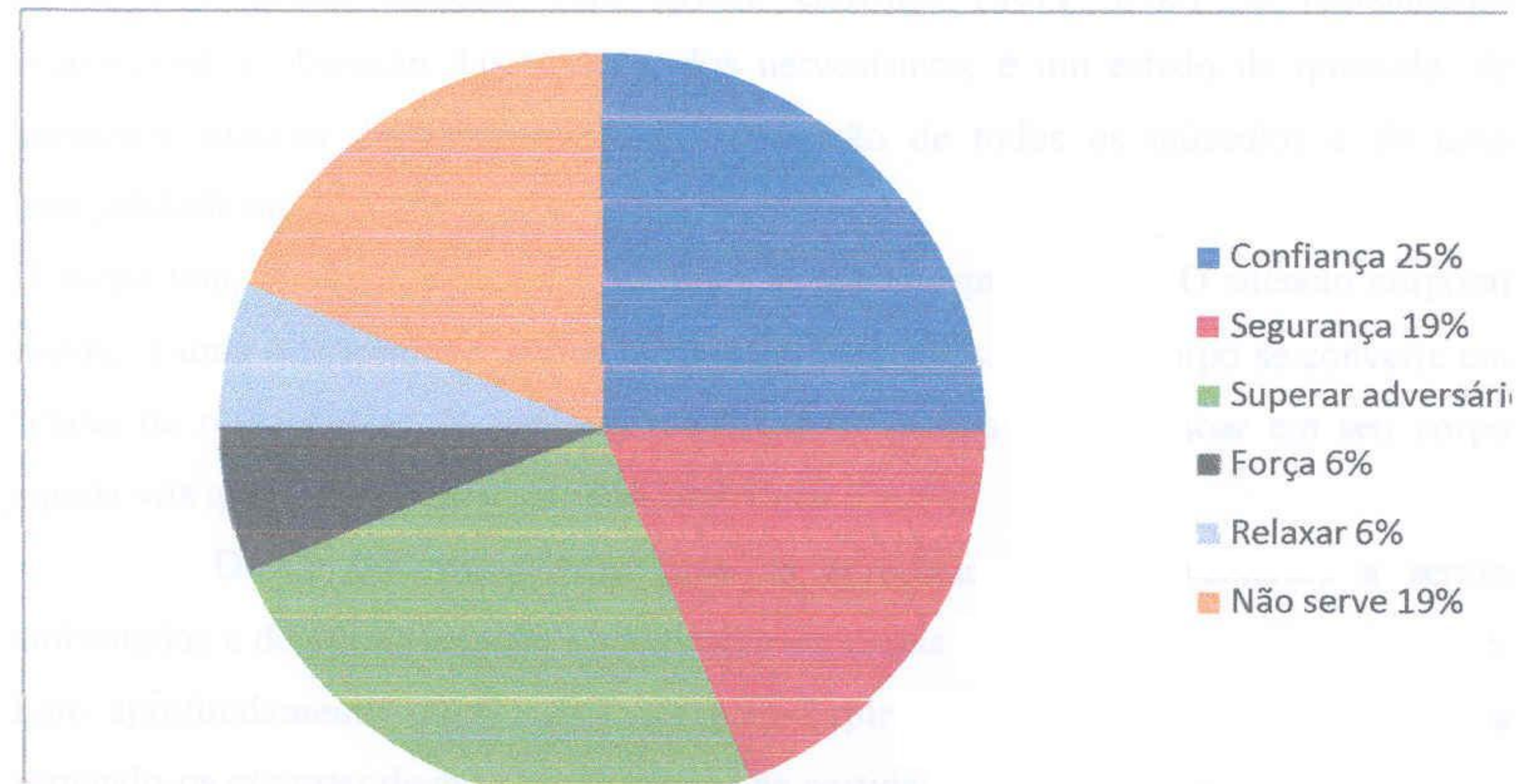
3.2 Atletas de várzea: motivações e suas ações violentas

Figura 10
Qual é o seu objetivo na prática dos rituais católicos?



Fonte: UNICAP. Mauro Azevedo. Pesquisa de campo 2011

Figura 11
Qual a importância dos rituais católicos antes, durante e depois das partidas de futebol?



Fonte: UNICAP. Mauro Azevedo. Pesquisa de campo 2011

Os atletas de várzea praticantes de futebol, esporte competitivo, fazem uso de estratégias para superar os obstáculos que por ventura apareçam na contenda esportiva.

Perguntados sobre o objetivo na prática dos rituais católicos apareceram como respostas: pela *confiança, relaxamento e superação do adversário* que está na Figura 10 da página anterior.

A importância de praticar tais rituais antes, durante e depois das partidas de futebol é encontrada com as seguintes respostas: *adquirir confiança, segurança, superar o adversário, força, e relaxamento* que se encontra na Figura 11 da página anterior.

O grau de confiança entre duas ou mais pessoas é determinado pela capacidade que elas têm de prever o comportamento uma da outra. Assim, fica evidente como os atletas firmam-se nos rituais católicos como algo forte, concreto que lhe impulsiona para a partida de futebol. Do ponto de vista da previsibilidade do comportamento, a confiança está na capacidade de identificar valores comuns que são determinantes do mesmo comportamento. E porque as pessoas se comportam de uma mesma maneira, na comunidade com os mesmos valores e perspectivas de comportamento.

Diante da enorme quantidade de energia física que é gasta, despendida, durante a partida de futebol, os rituais aparecem com uma das justificativas para relaxamento destas tensões. Para Erving Goffman (2011. p.63): O relaxamento proporciona a liberação das tensões, dos nervosismos, é um estado de quietude, de harmonia, através de uma progressiva distensão de todos os músculos e de uma tranquilidade emocional.

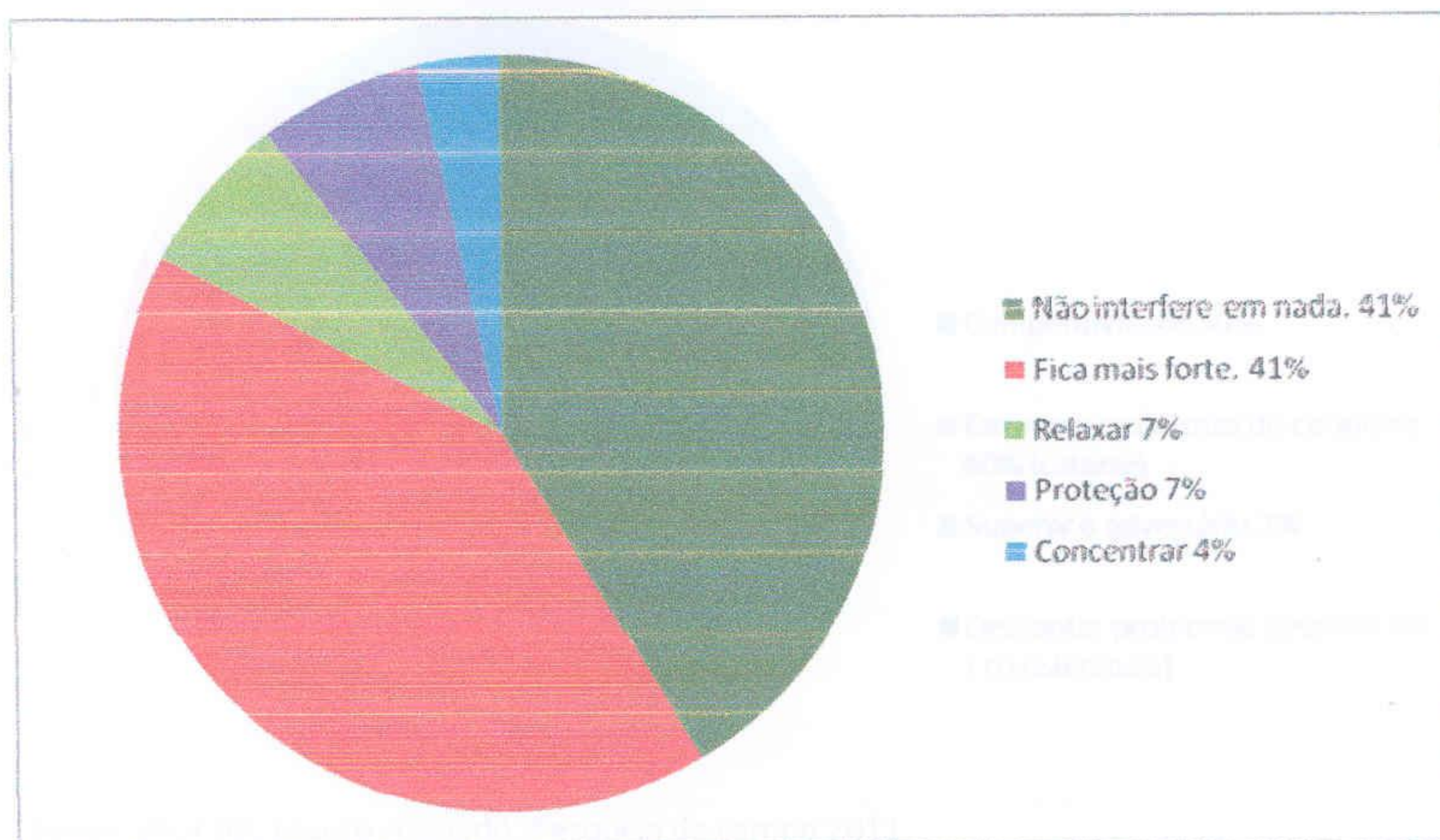
O corpo tem, também, momentos de silêncio muito significativos. O silêncio corporal conduz a uma interioridade, a uma intimidade com Deus. Todo o corpo se converte em “caixa de ressonância” da presença de Deus. A pessoa deixa ressoar em seu corpo aquela voz que lhe fala cada vez com mais força.

Diante das dificuldades que se apresentam, dos adversários a serem enfrentados e do enfrentamento do inusitado os atletas fazem uso da sua fé no Sagrado. Este aprofundamento da fé cristã fortalece espiritualmente os jogadores de várzea tornando-os *gigantes* diante dos obstáculos na partida de futebol.

Quanto à crença no que poderá acontecer com o atleta praticando os rituais católicos antes, durante e ao final das partidas de futebol aparecem: não interfere (41%), uma certeza de que há um *fortalecimento individual*(41%), *relaxamento* (7%), há uma *proteção*(7%) e melhoram a *concentração*(4%). (ver Figura 12)

Figura 12

Você acredita que realizando os rituais católicos antes, durante e ao final das partidas de futebol, o que poderá acontecer com você?

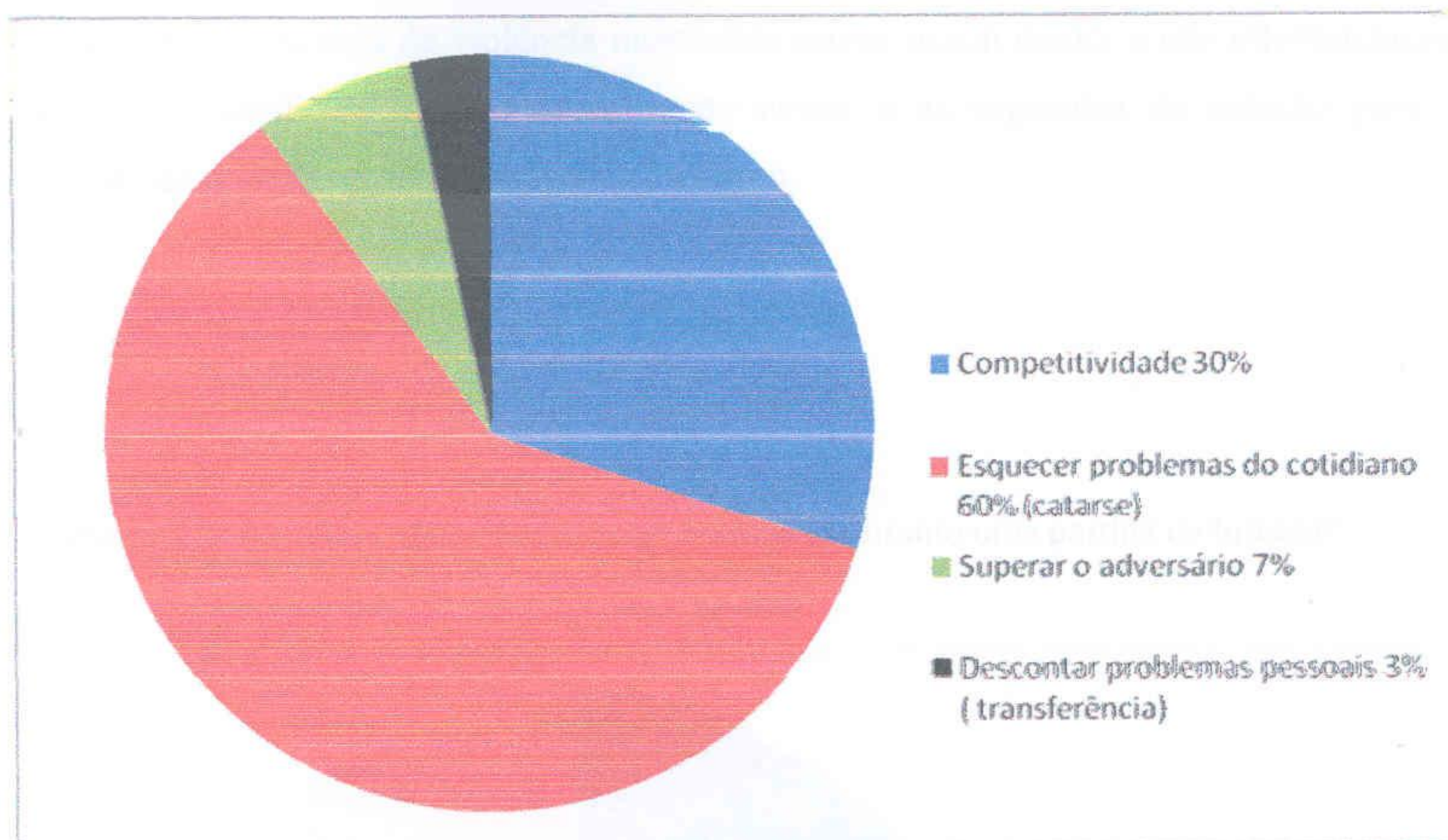


Fonte: UNICAP. Mauro Azevedo. Pesquisa de campo 2011.

Os motivos que levam aos atos de violência são relatados pela *competitividade*, *esquecimento dos problemas do cotidiano (catarse)*, *superação do adversário* e *descontar problemas pessoais (transferência)*. Estes resultados aparecem na Figura 13.

Figura 13

Pra você por que ocorrem atos de violência durante a partida de futebol?



Fonte: UNICAP. Mauro Azevedo. Pesquisa de campo 2011.

O motivo de procurar sucesso é definido como a capacidade de vivenciar o orgulho e satisfação na realização das tarefas. Para Samulski (2002, p.106-107), “pessoas estimuladas para o sucesso demonstram alto nível de motivação, gostam de demonstrar e avaliar suas capacidades, e não ficam preocupadas com resultados negativos.”

Heckhausen, citado por Samulski, diz que o que motiva o rendimento é a procura do êxito e no esporte isto pode se manifestar em atletas do tipo vencedor, com o fim de solucionar uma tarefa exigente. (HECKAUSEN apud SAMULSKI. 2002, p.115)

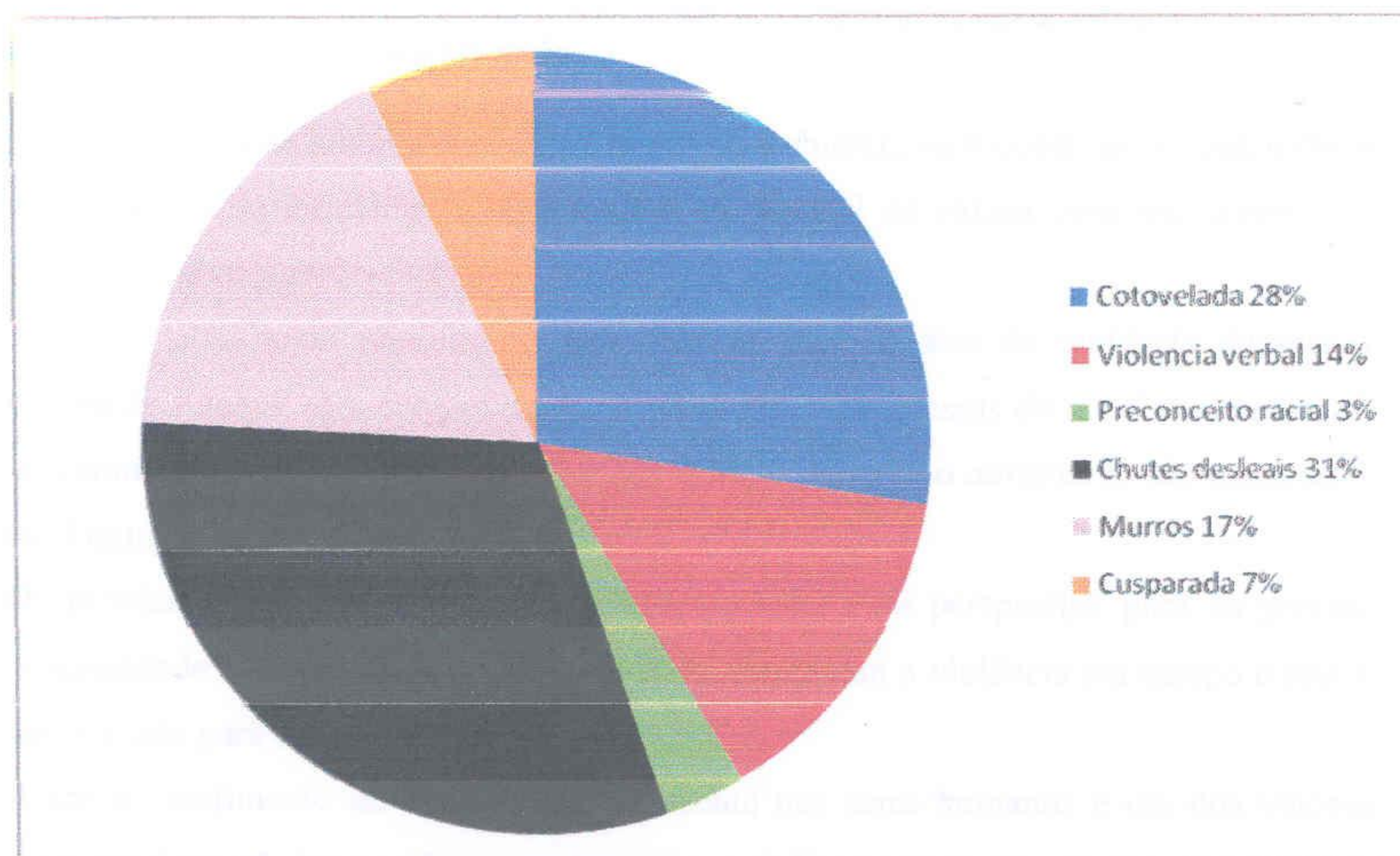
As ações de violência durante a partida de futebol, são identificadas e justificadas após a prática de rituais católicos, respectivamente, como: *cotovelada*, *violência verbal*, *preconceito racial*, *murros* e *cusparadas*, são identificadas e exibidas na Figura 14 abaixo. Nota-se que no futebol de várzea, observam-se diferentes formas do comportamento violento por parte dos atletas, que variam conforme as intenções dos participantes.

E ainda, segundo Samulski (2002, p.206) “a conduta violenta num esporte como futebol é aprendida, observada, imitada e posteriormente, adquirida por meio de socialização.”

O que justifica os atos de violência mostrados acima, assim como, a não internalização dos rituais católicos, a instrumentalização destes e as sugestões de solução para a redução da mesma estão encaminhadas a seguir.

Figura 14

Pra você quais são as ações de violência praticadas durante uma partida de futebol?



Fonte: UNICAP - Mauro Azevedo. Pesquisa de campo 2011.

3.3 Justificando a violência e sugerindo soluções

A violência sempre existiu entre os homens, desde os tempos mais remotos até os dias de hoje. A principal característica é que ela muda de fisionomia e de escala porque detém as formas de influência das sociedades, nas quais também se mudam a administração de todos os aspectos da vida social.

Para Elias (1992, p.70):

Não devemos nos surpreender com a brutalidade presente nos jogos e disputas da Antiguidade Clássica, Idade Média ou mesmo de qualquer outra época: as atividades lúdicas e passatempos costumam refletir exatamente o grau de agressividade do estágio em que determinada sociedade se encontra.

Vale lembrar que vivendo historicamente momentos de tensão, o ser humano tem um comportamento dualista em que Eros é a pulsão que conduz à vida, e aquele que conduz à morte ou destruição, denominado instinto de morte, justificado assim por Vilmar (2004, p.144):

Temos um ser humano ambivalente, que traz consigo, simultaneamente, e numa interação dialética entre si, tanto o polo da agressividade, da destrutividade e da violência quanto, por outro lado, o polo do *Eros*, da vida, do amor. A constante e permanente tensão entre ambos é uma espécie de mola propulsora da existência humana: a permanente luta da vida contra a tendência de sua destruição.

Mas, vivendo esta ambivalência, dentro de um ambiente, num contexto em que o dia a dia é repleto de dificuldades está o atleta de futebol de várzea com seu corpo, sua violência e suas justificativas.

Na nossa pesquisa as justificativas para os atos de violência durante a partida de futebol, são: *competitividade, esquecer os problemas do cotidiano (catarse), descontar os problemas pessoais (transferência) e superar o adversário são mostrados na Figura - 13).*

Os problemas sociais, como forte desemprego, falta de perspectiva para os jovens, desigualdade social, a delinquência cotidiana, estimulam a violência em campo e esta é extravasada para o futebol.

Além do sentimento de sobrevivência presente nos seres humanos e um dos valores mais preciosos da humanidade que é a vida, a violência expressa a busca do indivíduo para amenizar os males da existência. Observando a existência de tais impulsos, dos atos primitivos, encontramos elementos que nos levam para uma situação social em crise. Neste sentido, a performance do atleta sofre a interferência na vida pessoal e o

futebol acaba sendo uma válvula de escape, o atleta entra em catarse e canaliza sua tensão para tal prática esportiva. Para Cozac (2010, p.102) “a violência praticada, que aparece, nos campos de várzea, é resultado de um problema sociocultural, é o suspiro doloroso de um sistema muito mais amplo do que pode abarcar e compreender o mundo esportivo.”

Ou seja, toda violência que destoa da que é utilizada durante a prática futebolística, é produto dos desníveis socioeconômicos em que os indivíduos estão inseridos e das situações a que são submetidos.

Para Lopez (1964, p.2):

O futebol participa de algumas características das atividades fundamentais do homem, e além disso, pelo fato de ser sempre competitivo serve para descarregar os impulsos agressivos, as tensões acumuladas pelas frustrações crescentes de uma vida social mal organizada, assim sendo e contribuindo eficazmente para manter uma saúde instável.

A violência praticada no futebol de várzea expressa uma agressividade acumulada, embora nem sempre esta tenha sido originada em questões esportivas, mas sim sociais. Portanto, a violência que acontece durante a prática futebolística não nasce somente dentro do campo esportivo, mas também fora dele, servindo de elemento canalizador, catártico de problemas individuais e também coletivos. Para Machado (1997, p.88):

A expressão física de hostilidade será uma catarse ou cura temporária para os sentimentos agressivos e resultarão num equilíbrio psíquico. Sem a catarse os instintos agressivos ficam armazenados e com o passar do tempo se tornam explosivos podendo levar à violência sem motivos aparentes. Assim, a violência está ligada a instintos fundamentais da própria humanidade, que quando bem tratados podem ser dirigidos à canais construtivos.

Desta maneira, o atleta de futebol de várzea usa de uma atitude violenta destoante daquela prevista e possível na prática futebolística, como consequência da acumulação de tantos problemas. Mesmo existindo formas, maneiras, situações de superar, corrigir tais problemas, a violência no desporto aparece, atua, como um canal, uma válvula de escape, apesar da fé e dos rituais católicos

Mas, nem sempre os rituais praticados pelos atletas usam o esporte para fortalecerem-se, aperfeiçoarem-se espiritualmente para enfrentarem seus adversários.

O interesse pelo esporte entrelaçado com a religião cristã nasce através de um movimento na Inglaterra e que buscava a perfeição espiritual através do esporte e da higiene, e que seu líder foi o pastor Thomas Arnold no século XIX na Inglaterra. Jesus

Cristo é apresentado como Salvador viril, Messias forte, artesão de mãos calejadas e que a fé não é para delicados e preguiçosos. Segundo McIntosh (1975, p.99):

Foi Matthew Arnold, filho de Thomas, que publicou sua opinião no livro *Culture and Anarchy* dizendo que a educação não poderia ser utilitarista e que o desporto não poderia ter um fim em si mesmo. Admitia que a saúde e o vigor corporais tinham um valor mais real e essencial do que quando relacionados com uma situação espiritual.

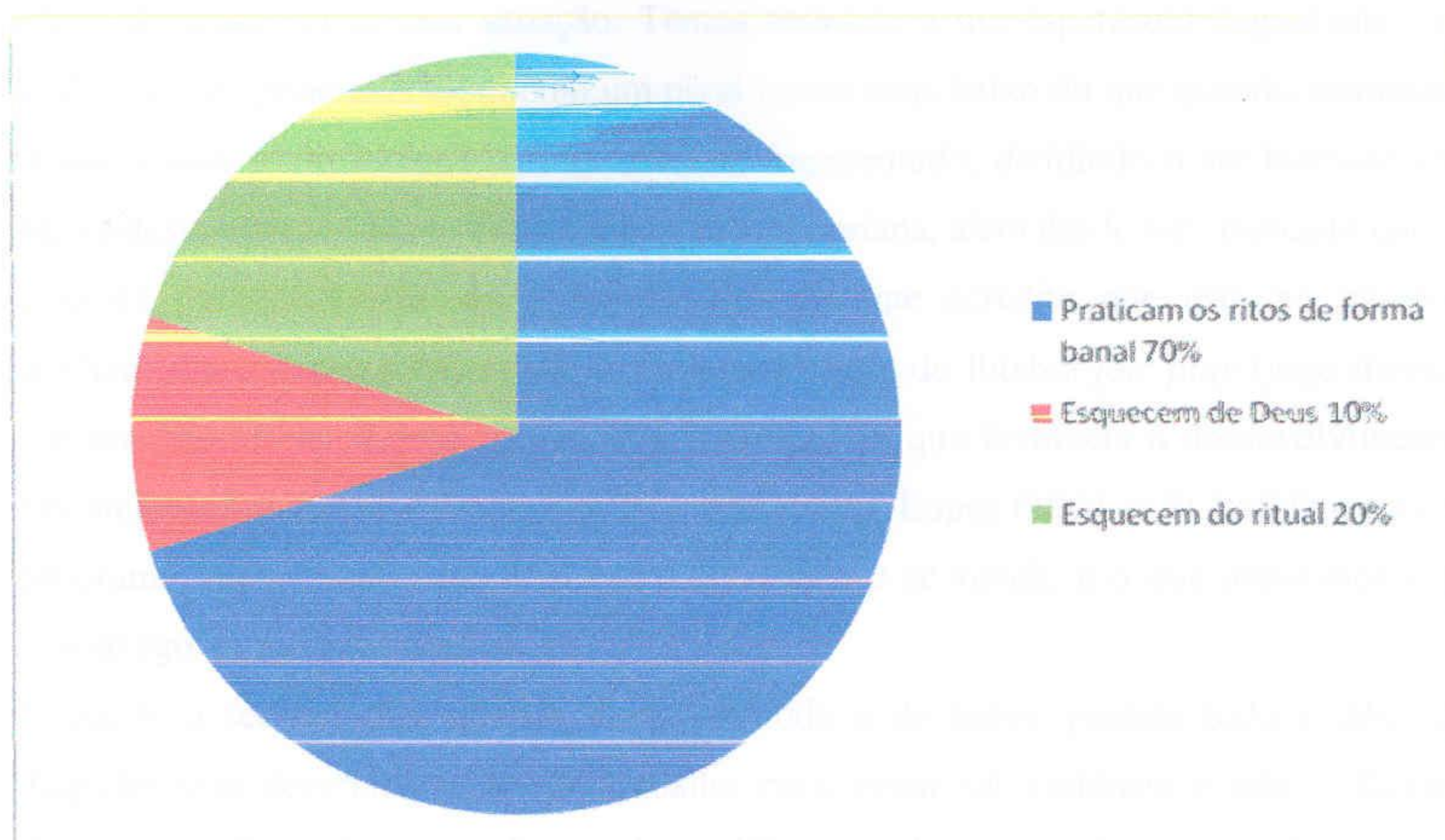
E assim rituais podem ser praticados apenas *da boca pra fora*. Como exemplo desta prática, McIntosh cita Matthew Arnould que refere-se aos filisteus que no seu tempo praticavam incultura, dando ênfase a comida ao exercício, e ao andar mas sem formação espiritual.(ARNOULD apud MCINTOSH. 1975, p.100)

Espiritualidade e corporeidade não representam realidades opostas, porém em alguns momentos não é isto que encontramos. Encontramos ações de violências graves.

O que provoca também ações de violência destoantes do futebol, após a prática de rituais católicos, é que os rituais católicos não são assimilados, não são internalizados, não são introjetados e tornam-se apenas instrumentos verbais. Para McIntosh (1975, p.100) “os atletas são Cristãos Musculados, que longe de um apreendimento religioso, praticam uma mera crença num maquinismo, e crença infrutuosa.” E isto fica claro na *prática banal dos rituais, 70%; no esquecimento de Deus, 10% e esquecimento do ritual, 20%*, que são mostrados na Figura – 15. Assim, fica provado que a prática dos rituais pode ter um efeito anestésico em relação a aproximação do Sagrado e sua finalidade fica perdida.

Figura 15

Gráfico 15 – Pra você por que ocorrem atos de violência durante a partida de futebol, após a prática de rituais católicos?



Fonte: UNICAP - Mauro Azevedo. Pesquisa de campo 2011.

Está mais do que comprovado, que o esporte não contribui apenas para a saúde física, mas, também para a manutenção do bem-estar biopsicossocial. Os jogos coletivos, em especial, caracterizam-se pelo cooperativismo, pela agregação, pela formação de equipe, pela formação de companheirismo e união, respeito e aceitação da vitória ou da derrota e pelo respeito aos resultados. Através destes aspectos, aquele indivíduo que era excluído de qualquer instrução de valores e convivência social, inicia a mudança de visão de si mesmo, das pessoas à sua volta, do lugar onde vive, aprende a se aceitar com valor, e, ainda, é mais fácil ser aceito pela sociedade.

Sobre isso, Rocha (2004, p.99) afirma:

Destes esportes, é o futebol que propicia uma formação coletiva, comunitária e solidária. Melhorando a saúde, reduzindo as tensões propiciadas pelo cotidiano, é considerado como manifestação cultural e elemento disciplinador, contribuindo para o aprendizado do bem viver em sociedade, aceitar os desiguais, ensinando a perder e ganhar, reconhecer o melhor e o pior, o forte e o fraco.

Lembrando que o futebol, entre os esportes praticados coletivamente, tem ou deveria ter, o propósito de unir, educar, socializar, agregar, promover o bem-estar, a saúde, dar prazer, e dar fortaleza ao corpo e à mente.

Mas, não temos visto esta situação. Temos assistido a um espetáculo degradante, no qual os atores principais saem com um nível moral mais baixo do que quando entraram. O que vimos é um tratamento mecanizado, fragmentado, dividindo o ser humano em partes desintegradas, numa visão nitidamente cartesiana, além das leis de mercado que o empurra para o abismo do consumo afim de que acredite que está no mundo. Infelizmente o que assistimos hoje está bem distante do futebol *fair play* (jogo limpo) que era jogado nos áureos tempos dos nossos avós, que favorecia o desenvolvimento das melhores qualidades do caráter. Segundo Emilio Lopez (1964, p.2) “infelizmente o panorama mudou muito, no qual *tudo se compra e se vende*, e o que assistimos é o descarrego de instintos destrutivos.”

E assim, o ser humano agoniza diante de tudo e de todos, perante todo o descaso daqueles que deveriam fazer um trabalho para evitar tal violência e não o fazem. Agoniza com o descaso, diante da indiferença de como é tratado, frente aos desencontros de sua essência e de como deveria ser cuidado e não é.

E precisamos urgentemente resolver este problema não deixando para os governos ou estadistas resolverem.

Na perspectiva cristã católica, que em nível cultural, tem como característica a busca da paz, do amor, do entendimento entre aqueles envolvidos no desporto como futebol e vê nascerem líderes pacificadores, de comunhão entre povos de bem e o Sagrado, aponta para a construção de uma sociedade mais justa. Para Paulo II (2012):

“As potencialidades do fenômeno esportivo tornam-no instrumento significativo para o desenvolvimento global da pessoa e fator muito útil para a construção de uma sociedade mais humana. O sentido de fraternidade, a magnanimidade, a honestidade, o respeito pelo corpo - sem dúvida virtudes indispensáveis para o bom atleta - contribuem para a edificação de uma sociedade civil, na qual o agonismo substitua o antagonismo, o encontro prevaleça sobre a competição e o confronto leal sobre a contraposição vingativa. Entendido dessa maneira, o esporte não é um fim, mas um meio; pode tornar-se veículo de civilização e distração genuína, estimulando a pessoa a pôr em campo o melhor de si e evitar o que pode ser perigoso ou grave prejuízo para si mesmo e para os outros.”

Para Vilmar (2004, p.146): “A religião cristã católica, aquela que tem seu fundamento na vida e na obra de Jesus Cristo, é, por excelência, um religião pacifista ou de não-violência.”. E lançar mão desta prática é trabalhar numa perspectiva sócio- cidadã.

Entendendo que trabalhar na perspectiva sócio-cidadã no esporte é na prática o esporte-participação. Esta é a dimensão social do esporte referenciado com o princípio do prazer lúdico, e que tem como finalidade o bem estar social dos seus praticantes. Para Tubino (2011. p.39-40):

Esta manifestação, que ocorre em espaços não comprometidos com o tempo e fora das obrigações da vida diária, de um modo geral, tem como propósitos a descontração, a diversão, o desenvolvimento pessoal e as relações entre as pessoas. Também oferece oportunidade de liberdade a cada praticante, a qual se inicia na própria participação voluntária.

O esporte popular, além das condições hedonísticas que o envolvem, tem o seu valor social evidenciado na participação e nas alianças ou parcerias desenvolvidas. A interação entre a participação e as parcerias fortalece os grupos e as comunidades, tornando-os ativos e com mais possibilidades de percepção do conceito de obrigação social. [...] a outra face de notável relevância social do esporte-participação é a relativa à questão da participação, considerada como um aspecto essencial de qualquer processo de democratização.

É com a participação de todos aqueles envolvidos no futebol de várzea ou não, nas suas comunidades, e também numa permanente atenção e respeito com o outro, que pode atenuar e até resolver os problemas presentes naqueles lugares. Neste constante exercício de cidadania e de alteridade pode-se alcançar a mudança do quadro de desigualdades presentes na atual sociedade.

E como forma de resolver ou atenuar as grandes cisões entre pessoas, entre seres humanos, é trabalhar com ações em que aconteça prevenção de doenças, acompanhamento da população do entorno da várzea no sentido da promoção de saúde e bem-estar integrais, holísticos, com a participação de todos aqueles envolvidos no futebol de várzea ou não. Cabe a cada um, nas comunidades, uma permanente atenção ao outro no sentido da construção de uma rede, de uma teia, em que uma vez interligadas, possamos transferir, não apenas o discurso, mas um ato de permanente diálogo e acolhimento do outro com tolerância e respeito, a fim de que esta permanente interligada participação seja o lugar de fato da vida cidadã. Num praticar constante de reconhecimento do outro como o outro-eu, ou seja, colocar-se no lugar do outro. É com este exercício de alteridade que pelo menos os jogadores de várzea estarão minimizando os conflitos existentes em suas realidades.

CONCLUSÃO

O contexto futebolístico é muito rico na prática de rituais sagrados religiosos, como cerimônias repetidas com uma ordem em que através de gestos, palavras e formalidades celebram o Sagrado. Os atletas fazem uso de uma diversidade de instrumentos religiosos a fim de superarem seus problemas físicos de embate como dores no corpo, torções, quebras, etc., e também existenciais, como tristezas, angústias, incertezas e sofrimentos.

Os atletas católicos de futebol de várzea a fim de superarem tais dificuldades e alcançarem sucesso na sua prática futebolística usam, celebram rituais cristãos católicos como *Sinal da Cruz*, *oram o Pai Nosso* e *ajoelham-se* também em oração.

Fazendo do campo de futebol um campo religioso, um lugar de celebração, os futebolistas de várzea usam dentro de sua fé, rituais cristãos católicos em alguns momentos antes, durante e após as partidas para lhes proporcionar confiança, segurança, força, proteção, concentração, competitividade e relaxamento. Para Wong-Mc Donald; Gorsuch, citado por Vieira: “chamamos de *coping* religioso a utilização da fé, da religião, pelos indivíduos para lidar com problemas e superá-los”. (VIEIRA apud WONG-McDONALD; GORSUCH. 2006.).

Os atletas de várzea estão sempre utilizando suas crenças e na prática do cristianismo católico buscam a superação de problemas e de encontrar comodidade, alívio, tranquilidade para sua existência e também para um relaxamento diante do que possa acontecer. É o corpo destes atletas com suas gestualidades e sentimentos que transmite toda esta situação. O corpo passa a transmitir a presença de Deus, a força do Sagrado ressoa, manifesta-se no movimento corporal, num casamento do corpo com a espiritualidade.

Os gestos que executam, dos mais simples até os mais elaborados são rituais que possuem significado e valor. A gestualidade refere-se às ações do corpo em certos momentos históricos, culturais contemporâneos e situacionais. Podemos citar os gregos como exímios exemplos de práticas de rituais religiosos com suas disputas no Monte Olimpo em homenagem a Zeus. Não é possível imaginar o significado de um gesto independentemente do “contexto-troca”, pois o corpo se encarrega de uma comunicação não-verbal. E nesta, possuído por sua fé, o ser humano sai de si e ritualiza sua crença,

expressa seu sentimento. Para Le Breton (2006, p.52) “os sentimentos são ritualmente organizados e pertencem ao repertório cultural de seu grupo.”

O corpo no seu processo evolutivo histórico passou por transformações biogenéticas e outras derivadas de seu contexto sócio, político, religioso e econômico. Segundo Le Breton (2006, p.28):

O corpo é uma realidade mutante de uma sociedade para outra e de um momento histórico para outro: as imagens que o definem e dão sentido à sua extensão invisível, os sistemas de conhecimento que procuram elucidar-lhe a natureza, os ritos e símbolos que o colocam socialmente em cena, as proezas que pode realizar, as resistências que oferece ao mundo, são incrivelmente variadas e até contraditórias.

O futebol tem suas raízes num tempo longínquo, foi sistematizado e regras foram cunhadas na Inglaterra e entrou no Brasil através de Charles Miller, tornando-se brilhante, que já observara na sua terra natal. E é este esporte, que a princípio lúdico, cheio de molejos, dribles, gingados e danças, que precisa de força física para praticá-lo, surgem atos de violência que não lhe são pertinentes. Nesta pesquisa foram encontrados: cotovelada, preconceito racial, chutes desleais, murros e cusparadas.

Mas diferenciamos violência de agressividade, em que esta situa-se no campo positivo como impulso determinante de objetivos a serem alcançados, chamados também, no futebol de “jogar com raça”, dentro das regras. A agressividade negativa é aquela geradora de lesões e esta entrelinha-se com a violência.

São estes gestos corporais destoantes deste esporte bretão praticado na várzea, que são justificados através de seus atletas como sendo causados por motivos exteriores ao espaço futebolístico. Situações como desemprego, falta de saneamento básico, de escolas e tráfico de drogas são apenas alguns problemas vividos por aqueles que não apenas habitam mas, vivem em regiões de várzea. O que ocorre é uma catarse, uma canalização destes problemas para uma das, ou a única diversão destes moradores. Mesmo sendo o esporte uma mola propulsora de uma sociedade melhor, em que o ser humano incorpora valores como: convivência humana, alegria, paz, ética e compromisso com a vida, nas partidas futebolísticas de várzea ocorrem momentos de violência que são anormais para aquele esporte chegando a punição de seus atletas. Estes fazem do futebol, que possui em si uma guerra simbólica, um momento de conflitos e de vinganças. Para Júnior (2007, p.191) “mesmo em sociedades de primeiro mundo, nos países ricos, a violência aparece entre atletas.” Mas, nem só de violência vivem as sociedades e nem tão pouco o futebol.

Os rituais cristãos católicos presentes antes, durante e depois das partidas de futebol encontrados nesta pesquisa, entre outros são: fazer o *Sinal da Cruz*, *Rezar o Pai Nosso* e *Ajoelhar-se com as mãos postas em oração*. Este instante ritualístico praticado nas contendas esportivas, o ser humano entrelaça intimamente, pessoalmente com o sagrado, carrega o sagrado dentro de si, momentaneamente há uma coparticipação com a divindade e através de gestos, palavras comporta-se numa linguagem que vai além do humano. E mesmo com esta ritualização, a violência que lhe é externa àquele ambiente aparece como forma de catarse e de canalização de problemas sociais e dificuldades locais, como foi citado anteriormente.

Mas, nem sempre os rituais são assimilados pelos atletas. Ocorre que estes não internalizam as orações, não introjetam os valores dos rituais cristãos católicos e apenas instrumentalizam e a oração é “da boca pra fora”, num cristianismo muscular que maquinam sua relação com o Sagrado.

Os problemas por mais difíceis que sejam não podem ficar sem solução. E a solução ou atenuante de cisões sociais, devem caminhar numa perspectiva em que a prática do futebol participativo, do futebol com cidadania leve a mudanças em outros setores daquelas comunidades, alterando seu cotidiano para uma vida mais tranquila.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Dom Edvaldo G. O Papa e o esporte. **Jornal do Commercio**. Recife, 29 de julho de 2012. Cidades. p.6.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando – Introdução à filosofia**. São Paulo: Moderna, 2008.
- ARRUDA, José Jobson de A. **Toda a história**. São Paulo: Ática, 2004.
- AUGÉ, Matias. **Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade**. São Paulo: Ave Maria Editora, 2007.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. 34. ed. Trad. do Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave Maria, 1982.
- BRETON, David Le. **A sociologia do corpo**. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006.
- _____. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.
- BOBBIO, Norberto. **Estado, governo e sociedade: para uma teoria geral da política**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- CABRAL, Luiz Alberto. **Os jogos olímpicos da Grécia antiga: Olímpia antiga e os jogos olímpicos**. Trad. direta do grego moderno e notas. São Paulo: Odysseus, 2004.
- CAPRA, Fritjot. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CARDIM, Leandro Neves. **Corpo**. São Paulo: Editora Globo, 2009.
- COHEN, David. **A linguagem do corpo: o que você precisa saber**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes Editora, 2010.
- CORBIN, Alain. A influência da religião. In: CORBIN, Alain (Org.) **História do corpo: da revolução à grande guerra**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2008. V. 2, p.57-60.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Manual para normatização de trabalhos acadêmicos: monografias, dissertações e teses**. Recife/Pernambuco: Editora INSAF - Instituto Salesiano de Filosofia, 2009.
- COZAC, João Ricardo Lebert. **Psicologia do Esporte: clínica, alta performance e atividade física**. São Paulo: Anablume Editora, 2004.

DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni. **A religião**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2004.

DESCARTES, René. **O mundo ou o tratado da luz do homem**. São Paulo: UNICAMP, 2009.

DETIENNE, Marcel. **Os gregos e nós: uma antropologia comparada da Grécia antiga**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**. São Paulo: Editora Paulus, 1989.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2008.

_____. **Tratado de história das religiões**, São Paulo: Editora Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2010.

_____. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2003.

FRAGA, Alex Branco. **Corpo, identidade e bom-mocismo: cotidiano de uma adolescência bem comportada**, Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. São Paulo: Ed. Imago, 1997.

FRÖHLICH, Roland. **História da igreja: curso básico**. São Paulo: Paulus Editora, 1987.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L & PM POCKET, 2010.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2011.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis / RJ: Editora Vozes, 2011.

GOULD, Stephen Jay. **Três aspectos da evolução**. In: BROCKMAN, J. e MATSON K. (Orgs.). **As coisas são assim**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Gustavo Sampaio Souza Leão. As partes do corpo humano. **Revista científica do tornozelo e pé**. São Paulo, 2010. Disponível na internet. [Http://pt.wikipedia.org/wiki/pe](http://pt.wikipedia.org/wiki/pe). Acesso em: 03 mai. 2011.

GRIECO-Matthewes, Sara F. Corpo e sexualidade na Europa do Antigo regime. In: VIGARELLO, Georges (Org.). **História do corpo**. 2.ed. Petrópolis/Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008. v.1, p.217-250

GUERRIERO, Silas. **Antropos e psique: o outro e sua subjetividade**. São Paulo: Editora Olho D'água, 2009.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

HOBBSBAWM, Eric. **A Era das revoluções – 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HEERDT, Mauri Luiz; BESEN, José Artulino; COPPI, Paulo de. **O universo religioso: as grandes religiões e tendências religiosas atuais**. São Paulo: Editora Mundo e Missão, 2008.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

JÚNIOR, Hilário Franco. **A dança dos deuses: futebol sociedade, cultura**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007.

LAPLANCHE, J. ; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1970.

LELOUP, Jean-Yves. **O corpo e seus símbolos: uma antropologia essencial**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

LURKER, Manfred. **Dicionário de simbologia**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

MACHADO, Afonso Antônio. **Psicologia do Esporte: temas emergentes I**. São Paulo: Ápice Editora, 1997.

MAGNANI, Cantor Guilherme José; MORGADO, Naira. Futebol de várzea também é patrimônio. **Revista do patrimônio histórico artístico nacional**. Rio de Janeiro, n.24, fev. 1996, 560p. Anual. ISSN: 0102-2571.

MARQUES, Geraldo. **Revista do patrimônio histórico artístico nacional**. Rio de Janeiro, n.24, fev. 1996, 560p. Anual. ISSN: 0102-2571.

- MATA, Sérgio da. **História e religião**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.
- McINTOSH, P.C. **O desporto na sociedade**. Lisboa: Prelo Editora, 1975.
- MIRANDA, Evaristo Eduardo de. **Corpo: território do sagrado**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). **História do Corpo**. 3d. Petrópolis/Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008. v.3, p.15.
- MURAD, Mauricio. **A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- NETO, David Azoubel. **O futebol como linguagem: da mitologia à psicanálise**. Ribeirão Preto/São Paulo: Funpec-Editora, 2010.
- ODALIA, Nilo. **O que é violência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.
- PENNA, Leonam. **Dicionário popular de futebol**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998.
- PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- PEREIRA, Mabel Salgado; SANTOS, Lyndon de A. **Religião e violência: em tempos de globalização**. São Paulo: Editora Paulinas, 2004.
- PIAGET, Jean. **Biologia e conhecimento: ensaios sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos**. 1ed. Petrópolis / Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1973.
- REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e violência**. São Paulo: Editora Armazém do Ipê/ Fapesp, 2006.
- _____; ESCHER, Thiago de Aragão. **Futebol e sociedade**. Brasília/DF: Editora Liber Livro, 2006.
- ROUZEAU, Stephane Audoin-. Massacres – o corpo e a guerra. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). **História do corpo**. 3 ed. Petrópolis / Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008. v.3, p.365-370
- SAMULSKI, Dietmar. **Psicologia do Esporte: manual para a educação física, psicologia e fisioterapia**. São Paulo: Editora Manole, 2002.
- SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Editora Paulus, 2008.
- SCOUARNEC, Michel. **Símbolos Cristãos: os sacramentos como gestos humanos**, São Paulo: Editora Paulinas, 1998.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SIMÕES, Jorge, Pe. J. **Cultura Religiosa**. São Paulo: Loyola, 1994.

SOARES, Carmen. **Corpo e história**. Campinas/São Paulo: Editora Autores Associados, 2006.

SOARES, José Luís. **Biologia no terceiro milênio**. São Paulo: Editora Scipione, 1999.

SOHN, Anne Marie. O corpo sexuado. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). **História do corpo**. 3 ed. Petrópolis / Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008. v.3, p.109-115

TEIXEIRA, Faustino. **Sociologia da religião**: enfoques teóricos. Petrópolis / Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2003.

TERRIN, Aldo Natale. **Antropologia e horizontes do sagrado**: culturas e religiões. São Paulo: Editora Paulus, 2004.

_____. **O rito**: antropologia e fenomenologia da ritualidade. São Paulo: Editora Paulus, 2004.

TOMPAKOW, Roland; WEIL, Pierre. **O Corpo Fala**: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal. Petrópolis / Rio de Janeiro: Vozes Editora, 2001.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte**: questões da nossa época. São Paulo: Cortez editora, 2011.

_____. **Dicionário enciclopédico tubino do esporte**. Rio de Janeiro: Senac editoras, 2007.

VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joëlle; OLIVEIRA, Cláudia. **Corpo**: identidades, memórias e subjetividades. Rio de Janeiro: Editora FAPERJ – Mauad X, 2009.

VILMAR, Sidney. **Sociologia da religião**. São Paulo: Editora Santuário, 2009.

VIEIRA, Rosângela Ricardo. **Atletas de cristo no futuro e os sintomas de ansiedade**. 2011. 110p. (Dissertação de mestrado em Ciências da Religião). Universidade Católica de Pernambuco, Recife.

VIGARELLO, Georges. Exercitar-se, jogar. In: VIGARELLO, Georges. (Org.) **História do corpo**: da renascença às luzes. 2. ed. Petrópolis/Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008. v.1, p.303-310.

_____. Treinar. In: COURTINE, Jean-Jacques. (Org.) **História do corpo**: da renascença às luzes. 3ed. Petrópolis/Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008. v. 3. p.197-199

_____. HOLT, Richard. O corpo trabalhado – Ginastas e esportistas no século XIX. In: CORBIN, Alain. (Org.) **História do corpo:** da revolução à grande guerra. Petrópolis/Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2008. v.2. p.393-400

WILGES, Irineu. **Cultura Religiosa:** as religiões no mundo. Petrópolis/Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1982.

ZIMMERMANN, Elizabeth. **Corpo e individuação.** Petrópolis/Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.

Apêndices

ANEXO II - PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO DE RISCO

ANEXO III - PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO DE RISCO

1. Introdução

Este documento tem como objetivo apresentar os procedimentos de avaliação de risco, bem como os critérios de aceitação e os níveis de risco.

2. Metodologia

2.1. Identificação dos Riscos

2.2. Análise de Risco

2.3. Controle de Risco

2.4. Monitoramento e Revisão

ANEXO IV - PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO DE RISCO

Questionário Misto**RITUAIS CATÓLICOS E SUA CONEXÃO COM A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL DE
VÁRZEA RECIFENSE****Apêndice A - Dados sociodemográficos**

1 Nome: _____

2 Idade: _____

3 Equipe: _____

4 Religião: _____

Apêndice B – Questionário misto

5 Para você, o que significa ser católico?

6 Como você se tornou católico?

7 Você conhece os rituais católicos?

Sim () Não ()

Caso responda sim, quais você conhece?

8 Você pratica algum ritual católico antes de começar uma partida de futebol?

Sim () Não ()

Caso responda sim, quais são estes rituais católicos?

9 Você pratica algum ritual católico durante a partida de futebol?

Sim () Não ()

Caso responda sim, qual é este ritual católico?

10 Ao final da partida, você pratica algum ritual católico?

Sim () Não ()

Caso responda sim, qual é este ritual?

11 Qual é o seu objetivo na prática dos rituais católicos?

Confiança ()

Relaxamento ()

Superar o adversário ()

Superar o medo ()

Outros ()

Qual?

12 Qual a importância dos rituais católicos antes, durante e depois das partidas de futebol?

13 Você acredita que realizando os rituais católicos antes, durante e ao final das partidas de futebol, o que poderá acontecer com você?

14 Pra você por que ocorrem atos de violência durante a partida de futebol?

15 Pra você quais são as ações de violência praticadas durante uma partida de futebol?

16 Pra você por que ocorrem atos de violência durante a partida de futebol, após a prática de rituais católicos?
